CERTEZA ESPIRITUAL: Volume 3

Santificados
mediante a verdade

D. Martyn Lloyd-Jones

Editado por Christopher Catherwood

PUBLICAÇÕES EVANGÉLICAS SELECIONADAS
Caixa Postal 1287 – 01059-970 – São Paulo, SP
www.editorapes.com.br

Título Original:
Sanctified through the Truth

Editora:
Kingsway Publications, Ltd

Primeira edição em inglês:
1989

Copyright:
Lady Catherwood e Sra. Ann Beatt

Tradução do inglês:
Odayr Olivetti

Revisão:
Antonio Poccinelli

Cooperador:
Luís Christianini

Capa:
Wirley dos Santos Corrêa

Primeira edição em português:
2006

Impressão:
Imprensa da Fé

ÍNDICE

1. O Povo Especial de Deus 7
2. Santificação e Evangelização 23
3. "Por eles" 39
4. A Obra de Deus Mediante a Verdade 53
5. Santificação – um Processo Contínuo 67
6. Uma Verdade Totalmente Abrangente 81
7. A Verdade Acerca de Deus 97
8. A Verdade Acerca do Pecado 113
9. Novas Criaturas 129
10. Cristo em Nós 147
11. A Doutrina da Ressurreição 163

1

O Povo Especial de Deus

"Santifica-os na verdade: a tua palavra é a verdade. Assim como tu me enviaste ao mundo, também eu os enviei ao mundo. E por eles me santifico a mim mesmo, para que também eles sejam santificados na verdade." – João 17:17-19

Para que entendamos essa petição feita em nosso favor pelo nosso Senhor na véspera da Sua morte, permitam-me lembrar-lhes muito resumidamente o contexto. O nosso Senhor está prestes a ir para Sua morte na cruz, está prestes a partir deste mundo de volta ao céu e à glória que tinha partilhado com Seu Pai desde toda a eternidade, pelo que Ele ora por estes homens que Ele está deixando no mundo, e dá várias razões para orar por eles. Ele lembra a Seu Pai quem e o que eles são; passa depois às Suas petições particulares em favor deles, e a Sua primeira petição é que Deus os guarde. Ele afirma que os guardou enquanto esteve com eles e que nenhum deles se perdeu, "senão o filho da perdição, para que a Escritura se cumprisse". Agora, porém, Ele vai voltar para Deus, e Sua grande oração é que Deus os guarde da influência corruptora do mundo, e especialmente do mal – isto é, do maligno. Quando consideramos esta grande e primeira petição,[1]

[1] Volume 2, *Seguros mesmo no Mundo* (PES, 2006).

notamos que o nosso Senhor foi muito cuidadoso em colocar isso em forma negativa, como já vimos no versículo quinze: "Não peço que os tires do mundo, mas que os livres do mal". Já consideramos as diversas razões dadas aqui e em toda parte nas Escrituras, pelas quais nunca devemos orar pedindo que sejamos tirados do mundo e pelas quais é para nosso bem, para a glória de Deus e a extensão do Seu reino, que nós, Seu povo, devemos estar neste mundo, e devemos permanecer aqui e usar plenamente as nossas vidas enquanto formos deixados aqui.

Aqui, neste versículo dezessete, chegamos à segunda petição: "Santifica-os na verdade: a tua palavra é a verdade". Mas, embora eu lhe chame "segunda petição", claro está que ela está intimamente ligada à primeira, e, num sentido, é uma continuação da primeira. O grande desejo de Cristo é que os Seus sejam guardados por Deus, sim, mas não os tirando dos problemas e dificuldades. Como então devem ser guardados? A resposta é que devem ser guardados sendo *santificados*; não sendo retirados do mundo, não pela falsa solução do monasticismo – o desejo de abandonar a vida de um jeito ou de outro – não é esse o meio pelo qual Deus guarda os Seus. Seu método é pedir a Seu Pai que os santifique do modo ilustrado e salientado aqui.

Portanto, devemos considerar esta questão. Que é que o nosso Senhor quer dizer quando ora, "Santifica-os na verdade" – ou "por meio da tua verdade" – "a tua palavra é a verdade"? Que é "santificar"? Nesta altura precisamos ser muito cuidadosos em nossa definição do termo, porque precisamos interpretá-lo tendo em mente que a mesma palavra é empregada no versículo dezenove: "E por eles me santifico a mim mesmo, para que também eles sejam santificados na (ou, "por meio da") verdade". No versículo 19 o nosso Senhor usa sobre Si mesmo exatamente a mesma palavra que usa aqui com referência a Seus seguidores. Assim é que devemos

começar procurando chegar a uma real definição do que se quer dizer com "santificar".

Pois bem, em geral se concorda que há dois sentidos principais em que esta palavra é empregada por toda parte na Bíblia. O primeiro sentido de "santificar" – e devemos colocá-lo sempre em primeiro lugar, porque é o mais salientado nas Escrituras – *é separar para Deus, e para o serviço de Deus*. Vocês verão, pois, que o termo "santificar" não é empregado só a respeito dos homens; é empregado até a respeito de um monte, o monte santo no qual a Lei foi dada a Moisés. O Monte Sinai[2] foi santificado, foi separado para um propósito e função, para que Deus o usasse para dar a Sua revelação da Lei. A palavra é empregada também a respeito de edifícios, vasos, instrumentos, utensílios e diversos objetos que eram utilizados no tabernáculo e no templo. Qualquer coisa que é dedicada a Deus ou separada para Ele e Seu serviço é santificada. Portanto, vocês vêem, há um duplo aspecto neste sentido primário da palavra. Significa, primeiro, uma separação de tudo o que contamina e perverte, e o segundo aspecto, positivo, é que alguma coisa ou alguma pessoa é dedicada totalmente a Deus e a Seu uso.

Bem, é inteiramente óbvio que este segundo aspecto é o único sentido concebível deste termo no versículo 19. Quando o nosso Senhor diz "e por eles me santifico", Ele quer dizer justamente isso, e nada mais. Não pode estar Se referindo à purificação interior porque Ele já era perfeito. A palavra significa exatamente a mesma coisa que em João 10:36, onde lemos: "Aquele a quem o Pai santificou, e enviou ao mundo, vós dizeis: blasfemas, porque disse: Sou Filho de Deus?" Quando o nosso Senhor diz ao povo que Deus O tinha santificado e O tinha enviado ao mundo, Ele quer dizer que o

---

[2] Também chamado Horebe. Comparar, por exemplo, Êx 17:6 e Deut. 1:6 com Êx. 19:11. Nota do tradutor.

Pai O tinha separado; é esse o sentido primário de "santificar".

Vocês verão que este sentido primário da palavra santificar é freqüentemente aplicado aos cristãos. Leiam, por exemplo, 1 Coríntios 6:11, onde Paulo diz aos coríntios que houve tempo em que alguns deles eram culpados de pecado terrível – bebedeira, adultério etc. "Mas", diz ele, "haveis sido lavados, mas haveis sido santificados, mas haveis sido justificados em nome do Senhor Jesus, e pelo Espírito do nosso Deus". Notem que ele afirma que eles foram santificados antes de dizer que foram justificados. Ora, com as nossas idéias superficiais e levianas sobre santificação, sempre dizemos: "Justificação primeiro, santificação depois". Todavia, Paulo coloca primeiro a santificação, o que significa que eles tinham sido separados por Deus, e tirados do mundo. Esse é o sentido primário da santificação, e nesse sentido vem antes da justificação.

Ou tomemos 1 Pedro 1:2: "Eleitos segundo a presciência de Deus Pai, em santificação do Espírito para a obediência e aspersão do sangue de Jesus Cristo" – a santificação vem antes do crer e da aspersão do sangue e da justificação. Portanto, em seu sentido primário, esta palavra é uma descrição da nossa posição. Significa que, como cristãos, estamos separados do mundo. O nosso Senhor já nos disse isso no versículo 16 – permitam-me dar novamente ênfase à importância de observar cada uma das declarações desta oração e de notar a perfeita coesão disso tudo – "(Eles) não são do mundo". Agora Ele diz: "Santifica-os na verdade" (ou "mediante a verdade"). Eles foram postos à parte, diz praticamente Ele; coloca-os ainda mais à parte: significa esta separação do mundo. Deus disse aos filhos de Israel: "Povo santo és ao Senhor teu Deus: o Senhor teu Deus te escolheu para que lhe fosses o seu povo próprio, de todos os povos que sobre a terra há" (Deut. 7:6). E isso é aplicado, em 1 Ped. 2:9, à Igreja Cristã. "Vós sois a nação santa", é-nos dito de novo ("um povo peculiar", VA), uma

propriedade especial para o Senhor. Não significa que a nação de Israel era isenta de pecado, mas significa, sim, que tinha sido separada como um povo peculiar, especial; e a mesma coisa é verdade a respeito da Igreja e de todos os cristãos. Somos uma nação santa, separada para Deus, para Seu serviço e para o Seu propósito. Esse é o sentido primário.

Contudo, há um segundo sentido, e este é igualmente claro nas Escrituras. É que não somente somos considerados como santos, somos *feitos santos* e, obviamente, somos feitos santos porque é isso que somos considerados. Deus nos põe à parte como Seu povo peculiar, e por essa razão devemos ser um povo santo: "Santos sereis, porque eu, o Senhor vosso Deus, sou santo", diz Deus (Lev. 19:2). Assim é que devemos ser santos porque somos santos, e esse é o grande apelo do Novo Testamento para a santificação. Portanto, este segundo significado é que Deus realiza uma obra dentro de nós, uma obra de purificação, de limpeza, de purgação, e esta obra se destina a habilitar-nos para o título que foi posto em nós. Fomos adotados, fomos tirados do mundo e postos à parte, e agora estamos sendo conformados crescentemente à imagem, ao modelo, do Senhor Jesus Cristo; e isso para que sejamos verdadeiramente o povo de Deus: na realidade bem como no nome. Portanto, é evidente que esta é uma obra progressiva. A primeira é algo feito uma vez por todas, e é porque fomos separados que somos justificados. Deus tem olhado pelos Seus e os separou desde toda a eternidade – tratamos disso extensamente nos versículos 6, 7 e 8.[3] Ele os separou antes da fundação do mundo, e é por isso que eles são justificados e, novamente, por isso eles são santificados neste segundo sentido.

Portanto, a questão é, qual destes dois sentidos deve estar ligado à palavra do versículo dezessete? Parece-me que só há

[3] Volume 2, *Seguros mesmo no Mundo*, (PES, 2006).

uma resposta a isso: obviamente, os dois sentidos estão envolvidos. Permitam-me dizê-lo da seguinte forma: como Seus seguidores, estamos separados do mundo – "(Eles) não são do mundo, como eu do mundo não sou" – fomos separados para o serviço especial de Deus, para O representarmos no mundo. Pois Ele diz no versículo 18: "Assim como tu me enviaste ao mundo, também eu os enviei ao mundo". Ele já disse que Ele deve ser glorificado em nós e por meio de nós; fomos separados para esta tarefa especial de glorificar Cristo, de passar a mensagem a um mundo incrédulo; e devido sermos separados para isso, temos que ser tornados aptos para fazê-lo. Temos que ser guardados do mal e do efeito contaminador do mundo. Devemos estar aptos para representar o Pai, para proclamar a Sua mensagem e para glorificar o Seu amado Filho. Noutras palavras, esta petição é que venhamos a ser cada vez mais o povo especial de Deus. A nossa real tarefa e vocação exige que sejamos um povo santo, visto que não podemos representar um Deus santo a não ser que nós mesmos sejamos santos.

Portanto, é óbvio que aqui estamos face a face com a grande doutrina neotestamentária da santificação. Não vou usar isso como ocasião para dar uma descrição e uma narrativa globais dessa doutrina – embora num certo sentido estarei fazendo isso, porque vou tratar de princípios fundamentais – mas neste ponto vamos tratar do assunto somente em termos do que estes três versículos nos dizem.

Por isso, então, permitam que eu lhes dê as divisões, como as entendo. Não vamos tratar de todas elas neste estudo, mas deixem-me oferecer-lhes um esboço completo. O nosso Senhor trata aqui de três questões relacionadas com o tema da nossa santificação. Primeira: *por que* o nosso Senhor ora por nossa santificação? E uma resposta completa é dada aqui a essa pergunta. A primeira resposta é que Ele o faz porque é desse modo que devemos ser guardados do mundo e do mal.

Também ora por isto por causa da tarefa que nos foi adjudicada (versículo 18), e, em terceiro lugar, ora por isto porque o objetivo geral de Sua ida à morte de cruz é que sejamos santificados – "E por eles me santifico a mim mesmo, para que também eles sejam santificados..." (versículo 19).

A segunda grande questão aqui tratada é o *método da santificação*. "Santifica-os", diz Ele, "por meio da tua verdade" (VA) – em Tua verdade – "a tua palavra é a verdade." Obviamente, o meio pelo qual Deus nos santifica é vitalmente importante, e o nosso Senhor fala sobre ele aqui; devemos ser santificados na verdade.

E a terceira questão de que Ele trata é o assunto sobre *o que é que, em última instância, torna possível* a nossa santificação: e novamente Ele dá a resposta no versículo 19: "por eles me santifico a mim mesmo". Sem isso, jamais poderíamos ser santificados, seria completamente impossível. Portanto, a base geral da santificação é, em última instância, a ação e obra do nosso Senhor em nosso favor, supremamente na cruz.

Comecemos então a nossa consideração desta grande questão tratando da primeira pergunta, embora não tratemos da totalidade dela neste estudo. A primeira pergunta é: por que o nosso Senhor ora assim pela santificação dos Seus seguidores, na verdade, como Ele diz no versículo 20, de todo o Seu povo, de mim e de vocês, de todos os cristãos de todos os tempos? Como temos visto, a Sua resposta é que Ele o faz a fim de que sejamos guardados do mundo e do seu efeito corruptor e contaminador; e, acima de tudo, para que sejamos guardados do maligno. "Não peço que os tires do mundo, mas que os livres do mal." E esse é o método usado por Deus para fazê-lo.

Pois bem, aqui chegamos ao assunto vital sobre a relação do cristão com o mal que há no mundo. É um assunto freqüentemente mal entendido, e isso tem acontecido constantemente através da longa história da Igreja, na verdade,

sugiro a vocês que muitíssimas vezes é mal entendido no presente. Permitam, então, que eu o coloque na forma que eu considero a mais bem definida. Qual é a relação da Igreja, e do cristão, com a moralidade geral? Qual a sua relação com as medidas designadas para produzir e preservar a condição moral predominante na sociedade? Qual deve ser a relação da Igreja e do cristão com os conselhos que tratam das questões morais, com as sociedades e organizações de temperança destinadas a defender a observância do dia de santo repouso, o *Sabbath*, e de coisas desse tipo? É grande o número de tais organizações no mundo atual. À luz do que nos é dito aqui sobre a relação do cristão e da Igreja com o mundo, e com o efeito corruptor do mal, parece-me que temos que pensar nesta questão, e eu gostaria de apresentar a vocês as seguintes considerações:

Primeiro, coloco o argumento na forma de uma dura asserção, que a seguir passarei a justificar. Minha réplica, quanto à relação da Igreja e do cristão individual com tais questões e organizações, é que o interesse do cristão por estas coisas não é direto, mas indireto. Vou dizê-lo desta maneira: todas estas questões fazem parte da função do Estado, e não da Igreja como tal, não do cristão como tal – do cristão como cidadão do Estado, certamente, porém não do cristão *qua*[4] cristão.

Permitam, então, que eu lhes mostre o valor destas coisas. As funções do Estado são necessariamente boas porque o Estado foi designado por Deus; nunca nos esqueçamos disso. É, pois, boa coisa assinalar as coisas que são errôneas. Algumas organizações citam estatísticas e mostram o danoso efeito de certas práticas; as sociedades de temperança, por exemplo, comprovam os maus efeitos do álcool. Também, algumas sociedades preocupam-se em mostrar que, se um homem

[4] "Como". Em latim no original. Nota do tradutor.

trabalha sete dias por semana, seu trabalho será menos eficiente do que se ele trabalhasse apenas seis. É boa coisa dar repouso físico ao corpo, e elas usam o argumento em prol da observância do domingo. Estas coisas são perfeitamente corretas, e devemos alegrar-nos com elas e dar-lhes a devida atenção. Ensinar moralidade é certo, em si e por si. É bom advertir as pessoas contra as conseqüências e os perigos das más ações, e é certo fazer que a lei da terra seja cumprida. É errado infringir a lei, e todos os cidadãos deveriam velar pelo cumprimento da lei da terra e da constituição.

Quero ir mais adiante: é certo que o Estado promova a lei de Deus, porque o Estado deriva a sua existência de Deus. Povo cristão, nunca nos esqueçamos disso. O Estado não é invenção humana, não foi o homem que concebeu a idéia do Estado e da lei, foi Deus que os ordenou. Deus ordenou os limites e a habitação de todas as nações; Deus chamou os magistrados e as potestades que há e os trouxe à existência. Posso, pois, dizer que, como Deus instituiu o Estado, na verdade todos os Estados do mundo, é dever de todos cuidar que o Estado faça adequadamente o seu trabalho. E, portanto, um dos deveres do Estado é ver que o nome de Deus receba honra e seja glorificado, e que o dia de Deus seja observado.

E, obviamente, meu próximo passo é que, se tudo isso está certo, então, o dever do cristão como cidadão do Estado é ver que tudo isso seja feito. Não é certo dizer que, porque um homem é cristão, ele não deve ter nada com a política, ou dizer que a legislação é completamente antiescriturística. "Ah", alguém dirá, "a política é jogo sujo." É por isso mesmo que os cristãos têm que pôr a boca no mundo, pois, se Deus decretou que o Estado é o meio pelo qual o mundo deve ser governado, os cristãos devem preocupar-se em cuidar que isso seja feito da maneira certa e verdadeira. Muitas vezes perguntamos se o que freqüentemente é dito sobre a política nacional e local não é verdadeiro simplesmente porque

tantos cristãos, homens e mulheres, acham a política difícil e desagradável, e são culpados de evitá-la totalmente. É dever dos cidadãos cuidar para que o Estado funcione da melhor maneira, e uma das funções do Estado é fazer com que os homens se lembrem de Deus e que os que exercem o governo sejam pessoas tementes a Deus.

Mas desde logo vocês verão que o propósito disso tudo é simplesmente pôr um limite ao pecado e às conseqüências do pecado e das más ações. Tudo o que eu estive descrevendo nada mais pode fazer do que controlar o pecado e mantê-lo dentro de limites. Entendo que é óbvio que essa é uma obra inteiramente negativa. Todos estes decretos e todos os conselhos e comitês preocupados com a moralidade, a Sociedade pela Observância do Dia do Senhor, e todos estes movimentos, jamais poderão fazer de alguém um cristão. É um pecado muito grande confundir lei e graça. Os movimentos de que falei só estão preocupados com a lei, e sua função consiste em manter as pessoas sob a lei enquanto não estiverem sob a graça. E essa é a coisa certa que se deve fazer. O povo diz que você não pode, com uma lei do parlamento, fazer quem quer que seja prestar culto a Deus, porém pode impedi-lo de profanar o dia de Deus (o domingo), e assim você pode mantê-lo debaixo da lei, até que ele venha a estar debaixo da graça.

É por esse motivo, então, que continuo a dizer que realmente estas leis, estes regulamentos e diversas outras coisas nada têm com o cristão como tal, e é por isso que eu disse anteriormente que estas coisas não são, primariamente, dever da Igreja. É por isso também que eu, como ministro de Cristo e como ministro da Igreja, nunca falo nos programas de temperança. Eu nunca falei a favor de nenhuma destas organizações destinadas a promover a observância do descanso semanal, nem nunca falei num programa pró-moralidade. Meu motivo é que o dever da Igreja é pregar o evangelho e mostrar o que, com Paulo, chamo "um caminho

mais excelente" (1 Cor. 12:31, VA). Essa é a razão pela qual a Igreja sempre deve ser muito cautelosa em assegurar que nada do que ela faça ou diga jamais diminua ou comprometa a sua mensagem e o seu evangelho. A Igreja deriva o seu poder inteira e unicamente de Deus, e, em nenhum sentido, do Estado ou da lei. Se há uma coisa acerca da qual devemos ser mais zelosos do que qualquer outra coisa é que dentro da Igreja não reconheçamos nenhuma lei, nenhum líder, nenhum rei supremo, exceto o Senhor Jesus Cristo. Ele é o único Cabeça da Igreja – nenhum Estado, nenhum homem, nenhum monarca, ninguém, senão o Senhor.

Noutras palavras, a Igreja nunca deve esconder-se por trás da lei da terra, e nunca deve tentar impor a sua mensagem pelo uso da lei da terra, pois isso é comprometer o seu evangelho. É fazer com que o incrédulo que pertence ao mundo diga: "Ah, essa gente está tentando impor isto a nós, está usando a lei para conseguir que isso aconteça". Não, custe o que custar, a Igreja tem que manter pura e limpa a sua mensagem, e tem que firmar-se na pureza do evangelho, e somente nisso. De fato, não hesito em chegar ao ponto de dizer que a Igreja, afirmando como o faz que o evangelho é o poder para salvação, também deve estar disposta a dizer que o seu evangelho funcionará, apesar do mundo, qualquer que seja a sua condição, quaisquer que sejam as suas condições; que mesmo que o inferno seja solto na face da terra, o evangelho pregado pela Igreja continua e continuará poderoso.

"Mas espere um minuto", diz alguém, "você não acha que deveria ver que estas outras coisas podem ajudá-lo a pregar o evangelho? É mais fácil pregar o evangelho para pessoas boas do que para pessoas más." Como pregador do evangelho, devo rejeitar isso. Questiono, como matéria de fato, que seja mais fácil pregar o evangelho para pessoas boas do que para pecadores flagrantes. Penso que, historicamente, o provável é que o oposto seja verdadeiro. No entanto, fatos históricos à

parte, devo me firmar na base de que as portas do inferno não prevalecerão contra a Igreja; que, como o poder da Igreja é o poder do Espírito Santo, não importa como esteja o mundo, pois o evangelho é o poder de Deus para salvação, e a fim de descer até à escória e realizar sua obra, ela não precisa de nenhuma ajuda do Estado. Não precisa esconder-se atrás da lei, porque pode firmar-se em seus próprios pés e confiar no poder do Deus vivo.

Mas, examinando a coisa um pouco mais particularmente, permitam-me dizer o seguinte: o cristão não é santificado por esses meios, porém de maneira muito mais positiva: a do evangelho. Na santificação o cristão confia na obra de Deus em sua alma. "Santifica-os", diz com efeito o nosso Senhor a Seu Pai. "É Tua obra, é algo que, em última análise, só Tu podes realizar." Confiamos na obra de Deus e, naturalmente, esta obra de Deus na alma é a regeneração; é a formação de um novo homem, a criação de um novo ser, a doação de uma nova vida. Portanto, o meio pelo qual o evangelho ataca este problema não é negativo, como o do Estado, mas positivo.

Permitam-me desenvolver isso um pouco, colocando-o na forma de algumas proposições. O interesse do evangelho e da Igreja não é tanto em que haja menos pecado como em que haja mais santidade, santidade positiva. Todos os outros movimentos que estive descrevendo estão interessados em evitar o pecado, mas a vida cristã é sobre santificação. Embora um homem se refreie evitando todos os prazeres mundanos, e nunca beba, e até mesmo nunca faça nada das coisas que são erradas em si e por si, todavia, se ele não se vê como um vil e desvalido pecador salvo unicamente pelo sangue do Senhor Jesus Cristo derramado na cruz, está tão perdido e condenado como o mais dissoluto pecador no mundo. A Igreja e o cristão não devem interessar-se somente, nem mesmo primariamente, pelos efeitos sociais gerais da salvação, mas no fato de

que os homens e as mulheres sejam trazidos para mais perto de Deus e vivam para a Sua glória. Quando a Igreja dá ao mundo a impressão de que só está interessada em avivamento para a cura de certos males morais, ela está negando sua própria mensagem. Não estou interessado primariamente em avivamento, a fim de que as ruas das nossas cidades fiquem limpas; estou interessado nisso porque acredito que qualquer homem que não glorifique Deus é um insulto a Deus. Sei que tal homem está escravizado, e o meu desejo quanto a ele é que venha a conhecer Deus e a glorificá-lO em sua vida diária. A Igreja não está primariamente interessada nas conseqüências sociais da irreligiosidade. Quando leio meus livros de história, vejo que foi porque os nossos pais e avós cometeram esse erro, nos fins da era vitoriana, que a cristandade está em sua presente situação. Eles se interessaram tanto pelas condições sociais que se esqueceram da verdade primária. Eles achavam que, se todos fossem mantidos na ordem por certas leis do parlamento, tudo estaria bem. Entretanto isso é moralismo, não cristianismo.

Passemos então à minha próxima proposição. A Igreja, o cristão e o evangelho não se preocupam tanto em remover as ocasiões de pecado como em remover do homem o desejo de pecar. "Não peço que os tires do mundo, mas que os livres do mal... Santifica-os...". O nosso Senhor diz aí, com efeito: "Não estou tão interessado em que vocês eliminem a ocasião para pecar, porém em que tirem do homem o desejo de se aproveitar da ocasião". Vocês vêem a diferença? O evangelho de Jesus Cristo não age tanto tirando o cristão do mundo como em tirar o mundo do cristão. Esse é o ponto. "Santifica-os": esteja o mundo como estiver ao redor deles e com relação a eles, se o mundo não estiver neles, o mundo fora deles não poderá afetá-los. Essa é a glória do evangelho; torna o homem livre no meio de circunstâncias infernais.

Ou também permitam que eu expresse o ponto nestes

termos: o evangelho não se interessa tanto em mudar as condições como em mudar o homem. Oh, a tragédia da loucura e da estultice que têm sido ditas sobre isso! Muitos dizem: "Mas certamente você tem que acabar com as favelas, antes destas pessoas se tornarem cristãs". Meus amigos, uma das coisas mais gloriosas que eu já vi foi um homem que se tornou cristão na favela e depois, embora permanecendo no mesmo lugar, transformou seu lar e sua casa ali. Você não precisa mudar as condições do homem antes de mudar o homem – graças a Deus, o evangelho pode mudar o homem apesar das condições.

Não me entendam mal. Comecei dizendo que é dever do Estado mudar as condições. Agora estou falando da função da Igreja *qua* Igreja, e finalmente desejo expressar esse ponto desta maneira: a nossa principal preocupação não deve ser tanto limitar o poder do mal como aumentar o poder da piedade cristã dentro de nós. Ofereço-lhes uma ilustração neste ponto. O evangelho não está primariamente preocupado em remover a dor causada pela infecção ou em colocar-nos fora do perigo de infecção. Enquanto o nosso Senhor não voltar, a infecção estará aí; enquanto satanás não for lançado no lago de fogo, a infecção continuará presente. Vocês não poderão dar-lhe fim. Estará aí, a despeito de todos os seus conselhos ou concílios e comitês. O cristão não se preocupa primariamente com isso. O dever do cristão, da Igreja e do evangelho é cuidar que eu e vocês tomemos o leite puro da Palavra e comamos o alimento sólido da Palavra, para que a nossa resistência aumente numa extensão tal que possamos, por assim dizer, ficar numa casa em que há uma doença infecciosa e permanecer absolutamente imunes. Os germes estão lá, sim, mas nós estamos cheios destes anticorpos que os destroem no momento em que nos atacam.

"Santifica-os" – isso é santificação, e toda a sua abordagem é inteiramente positiva, não negativa. Santificação significa

que nos tornamos semelhantes ao Senhor Jesus Cristo. Ele era tão imune que podia sentar-se com publicanos e pecadores e não ser contaminado por eles. Muitos não puderam entender isso, os fariseus não puderam entendê-lo. "Este homem é amigo de publicanos e pecadores", diziam eles. Mas, graças à Sua resistência, o nosso Senhor podia sentar-Se ali sem nenhum perigo; e o que o nosso Senhor pede em Sua oração é que sejamos feitos semelhantes a Ele. Diz Ele: "Assim como tu me enviaste ao mundo, também eu os enviei ao mundo". "Santifica-os." Faze-os semelhantes a Mim, torna-os imunes aos ataques da tentação para que, sempre que lhes sobrevenha um ataque, eles sejam guardados contra ele. "Não peço que os tires do mundo, mas que os livres do mal", e esse é o meio supremo pelo qual somos guardados. Espera-se de nós que sejamos santificados e que sejamos santos; espera-se de nós que nos tornemos semelhantes a Ele, carregados do Seu poder e cheios da Sua santidade e da Sua justiça, conhecendo Deus e andando com Ele na luz. E, enquanto fizermos isso, o mundo não terá nenhum perigo para nós. Apesar de estarmos nele, não seremos dele; estaremos andando através dele na luz com Deus.

2

Santificação e Evangelização

"Santifica-os na verdade: a tua palavra é a verdade. Assim como tu me enviaste ao mundo, também eu os enviei ao mundo. E por eles me santifico a mim mesmo, para que também eles sejam santificados na verdade." – João 17:17-19

Passamos agora a considerar a segunda grande razão que o nosso Senhor deduz para orar dessa forma pela santificação dos Seus. É que a nossa santificação é absolutamente essencial à verdadeira evangelização. Notem como Ele o diz: "Santifica-os por meio da verdade: a tua palavra é a verdade" (VA). Por quê? Bem, "Assim como tu me enviaste ao mundo, também eu os enviei ao mundo" – e essa é a Sua segunda razão. Agora devemos lembrar-nos de que a questão da evangelização é uma questão que se aplica a todos nós. Torno a assinalar que no versículo 20 o nosso Senhor diz: "Eu não rogo somente por estes" – para que não pensemos que Ele só orou pelos apóstolos – "mas também por aqueles que pela sua palavra hão de crer em mim". Noutras palavras, Ele inclui todos os cristãos de toda parte, sempre, de todos os tempos e de todos os lugares.

É, pois, um ensino fundamental das Escrituras que, como cristãos, todos nós estamos salvos, não somente para que estejamos a salvo, mas também para que Deus nos use na

salvação de outros. Isso é algo que está muito claro em todas as Escrituras; é o método de evangelização empregado por Deus, Sua maneira de salvar os homens. Ele poderia ter adotado outros meios, porém este é o único que Ele ordenou e escolheu, a saber, que a obra de salvação deve ser levada adiante por meio da nossa instrumentalidade. Isso se aplica a todos nós; não é prerrogativa ou obra especial dos que são chamados para pregar. Não, é tarefa de todos os membros da Igreja Cristã.

O nosso Senhor já disse isso de diferentes maneiras; Ele orou por Seus seguidores e deu isto como uma das suas razões para fazê-lo. Diz Ele: "Todas as minhas coisas são tuas, e as tuas coisas são minhas; e nisso (ou "neles") sou glorificado" (versículo 10). É pelos cristãos que o Senhor Jesus é glorificado; por isso Ele Se preocupa com estas pessoas. Lembremo--nos de que o mundo nada sabe sobre Ele à parte de nós; ele é induzido a conhecê-lO por nosso intermédio, e O julga pelo que vê em nós. Na verdade Ele o diz ainda mais especificamente dizendo que, assim como Deus O enviou ao mundo para manifestar a glória de Deus, agora Ele envia os Seus ao mundo exatamente da mesma maneira, para que Ele seja magnificado e glorificado por meio deles. Devemos então reconhecer que o simples e claro ensino das Escrituras é que cada cristão, individual e pessoalmente, é um evangelista.

Penso que, de todas as coisas, esta é a que precisa ser salientada enfaticamente na presente hora. Como constatamos em Atos e na história da Igreja Primitiva, o cristianismo propagou-se no princípio principalmente como resultado da influência de indivíduos cristãos. Seu método, acima de tudo, era o da infiltração celular. Muitas vezes é feita a comparação de que o cristianismo se espalhou no princípio exatamente da mesma maneira como o comunismo está se espalhando no mundo moderno;[1] não fazendo grandes

[1] Em meados do século vinte. Nota do tradutor.

reuniões de massa, mas uma pessoa influenciando a próxima pessoa; duas pessoas trabalhando na mesma banca de serviço, uma falando com a outra quase sem serem notadas. É uma ação tão silenciosa como a propagação do fermento na farinha; esse é o tipo de método pelo qual isso acontece. Foi o que aconteceu no século primeiro, e também foi o que aconteceu em todos os períodos de verdadeiro avivamento e despertamento: a influência de uma pessoa sobre outra. E me parece que esta é a única esperança para o mundo no presente, ver novamente a mensagem cristã espalhar-se por meio da influência, do falar e da atividade do cristão individual. O nosso Senhor não discute isso, apenas o declara: o Seu ensino é que esta questão da nossa santificação é absolutamente essencial para fazermos verdadeira e apropriadamente essa obra de evangelização.

Não podemos deixar de observar o notável e quase alarmante contraste entre as idéias do nosso Senhor e a idéia moderna de como se deve realizar essa obra. Em todas as igrejas e denominações fala-se muito sobre evangelização; vemos isso nos jornais; é comentado em toda parte. Aqui estamos nós, encarando esta questão da evangelização, e aqui está o nosso Senhor, encarando idêntica questão com relação a Seus seguidores; notem, porém, o gritante contraste na abordagem. Ao considerarmos o problema de como o mundo deve ser evangelizado, imediatamente pensamos nisso em termos de organizações e métodos; é disso, dizemos, que necessitamos. O problema é difícil, e então devemos começar sentando-nos e planejando, e estabelecemos diversas comissões e organizações. Depois devemos considerar como se pode tornar atraente a mensagem. O homem moderno sempre tende a pensar psicologicamente e por isso deve ser abordado de maneira particular. Devemos estudá-lo, e por isso talvez seja bom enviar ministros para trabalharem em fábricas para que conheçam o modo de ver das pessoas que se pretende

evangelizar. É uma questão da arte de vendedor, e assim estudamos os nossos métodos muito cuidadosamente, para que sejamos altamente eficientes e eficazes. Queremos saber do que as pessoas gostam, especialmente os jovens. Acaso eles gostam que haja uma certa medida de entretenimento? Então devem tê-la, se isso vai atraí-los. Depois devemos entrar na fase de treinamento e ensinar os membros da Igreja a evangelizar, temos que ministrar a eles cursos de instrução.

Portanto, há uma tremenda atividade na Igreja Cristã na atualidade sobre esta questão de evangelização. Às vezes os nossos jornais fazem comentários sobre isso; as nossas publicações religiosas estão repletas disso, e todo o interesse se baseia na organização. Essa, penso que vocês concordarão comigo, é a atitude da Igreja hoje em dia, falando em termos gerais, para com o problema do movimento evangélico e da evangelização. Notem, porém, o método do nosso Senhor – que gritante contraste! Eis aí o grande mundo, eis aí um punhado de cristãos. Estes vão ser enviados para realizarem a evangelização do mundo – como irão fazer isso? Qual é a primeira coisa a considerar? Notem o que o nosso Senhor põe em primeiro lugar: nada das coisas que mencionei. Antes, é a santificação: santifica-os, porquanto é preciso que primeiro se realize a obra neles, antes de poder ser realizada no mundo. O nosso Senhor começa com os Seus, e, segundo Ele, o que é supremo na questão da evangelização é que os Seus seguidores sejam verdadeiramente santificados. Não sei como vocês se sentem, mas não há nada que me desanime tanto na presente situação como a quase inacreditável maneira como se vê que os cristãos ignoram inteiramente o ensino das Escrituras com relação aos métodos de evangelização: (dá para pensar) que as Escrituras bem podiam nunca ter sido escritas. Nas Escrituras, do começo ao fim, o método é sempre o que é salientado na passagem que estamos estudando. As Escrituras se concentram no mensageiro; não em

seus métodos externos, mas em seu caráter e em seu ser, e em sua relação com Deus.[2]

Há infindáveis ilustrações disso. Seleciono apenas uma ou duas. Tomemos o caso de Gideão. Um poderoso exército inimigo estava afrontando os filhos de Israel e no princípio Gideão mobilizou um exército de 32.000 homens. Depois Deus começou a reduzi-lo, até que por fim só havia 300. Deus praticamente disse a Gideão: "Não vou fazer isso por meio desse grande exército de 32.000, mas a meu modo". Então reduziu os 32.000 a 300, e os enviou, não com grandes armamentos, e sim com cântaros com tochas acesas dentro, além das buzinas ou trombetas; e com esse armamento ridículo derrotaram o exército do inimigo. Esse é o método de Deus. Deus sempre fez Suas grandes realizações mediante remanescentes. Se há uma doutrina que, mais do que qualquer outra, percorre as Escrituras do princípio ao fim, é a doutrina dos "remanescentes". Quantas vezes Deus fez tudo com um só homem! Lembram-se da história de 1 Samuel, capítulo 14, sobre Jônatas e seu escudeiro? Ele não passou o tempo discutindo as condições do inimigo: um homem, com seu escudeiro, confiando no Deus vivo, pôde vencer um exército inteiro! Essa é a grande mensagem das Escrituras. É o que se vê constantemente nos profetas. Jeremias teve que resistir praticamente sozinho em sua época e geração. Amós teve que fazer a mesma coisa – esse é o método de Deus.

---

[2] Tomo a liberdade de dizer o seguinte: em minha modesta participação no ministério evangélico, compartilho a preocupação do ilustre autor desta obra. Coincidentemente, há dias, antes de ler e traduzir a presente página de Lloyd-Jones, fiz um singelo estudo bíblico na Congregação Presbiteriana de Águas da Prata baseado em Atos 16:1-5. Nas aplicações finais, quando me referi ao crescimento numérico (16:5b), comentei o que em resumo vai aqui anotado. Crescimento numérico: quais os métodos utilizados por Paulo e seus companheiros? Quais os materiais? Quais os meios de transporte? "Shows"? ... A Palavra; a graça de Deus; o Espírito Santo. Nota do tradutor.

E quando vocês chegam ao Novo Testamento, que é que encontram? Encontram um homem, João Batista, vivendo no deserto, um homem esquisito, e foi por meio desse homem que Deus iniciou aquela obra extraordinária. Continuando, vocês vêem a narrativa do início da Igreja Cristã, como o vemos em Atos. Julgada por nossas idéias modernas e por nossos métodos modernos, a coisa parece completamente grotesca. Quem eram estes primeiros discípulos, estes apóstolos, estes primeiros pregadores? Eram homens ignorantes, incultos, não instruídos, não treinados; contudo, o Senhor os chamou e lhes confiou Sua mensagem e Sua obra. Ele os enviou ao seio daquela mundo antigo, e com este pequeno grupo de homens, nas mãos de Deus, estas coisas extraordinárias foram feitas. E por quê? Porque foram santificados, porque se tornaram cheios do Espírito. É isso que é salientado aqui e em toda parte; não "em palavras persuasivas de sabedoria humana", escreve Paulo aos coríntios, não com entendimento humano, mas "...em demonstração de Espírito e de poder"; é isso que funciona.

O apóstolo diz de si – e nos conta que os coríntios diziam dele – que a sua presença era fraca, que ele não tinha personalidade, e que não era bom orador (1 Cor. 2:3; 2 Cor. 10:10). Todavia, foi por meio de um homem como esse que o evangelho chegou pela primeira vez à Europa e conseguiu àqueles resultados extraordinários. Isso porque o homem foi santificado; ele estava cheio do Espírito de Deus e Deus pôde usá-lo para destruir as fortalezas do inimigo, esmagando-as até ao pó. Santifica-os, diz o nosso Senhor, quando enfrentam esta tarefa de evangelização.

Eu poderia continuar facilmente e ilustrar a mesma coisa com o uso da longa história da Igreja Cristã. Se vocês lerem a história da Igreja através dos séculos, verão que sempre foi assim. Vocês se dão conta de que a Reforma Protestante veio originariamente de um só homem –

Martinho Lutero? Um só homem, nas mãos de Deus, pode fazer tudo. Como um americano o expressou no século passado:[3] "Um com Deus é maioria"; não importa quantos estão do outro lado. Vocês vêem que este é o ensino das Escrituras e este é o ensino que se vê em toda a história do mundo.

Vejam um dos mais notáveis exemplos da história moderna, o grande despertamento evangélico de 200 anos atrás. As condições morais deste país eram tão péssimas então como são agora. Mas, que aconteceu? Que foi que fez a mudança? Bem, começou com um punhado de homens que se juntaram em Oxford para formar o que eles chamaram "O Clube Santo". Estes homens não se reuniam para planejar e organizar, e sim para ganhar maior conhecimento de Deus, para tornar-se mais santos. Seu único desejo era conhecer Deus melhor e ser mais semelhantes a Ele, queriam ser santificados. Assim formaram "O Clube Santo" e sobre eles foi lançado como epíteto de insulto o título – "Metodistas"! Todavia, esse é o método de Deus; e é o único método; é necessariamente o caminho. Deus sempre realizou Sua obra, como esta, separando pessoas, separando-as para Si. Esse é o sentido da santificação, Deus dá Seu tratamento a eles e então os torna instrumentos para poder usá-los para efetuar a Sua obra.

Este só pode ser, e necessariamente é, o único método, e aqui estão algumas das razões para isso. Diz-nos o nosso Senhor na passagem em foco que esta é a única maneira de preservar alguma unidade verdadeira na Igreja. A Igreja somente experimenta realmente unidade quando é verdadeiramente espiritual; esta unidade é a unidade do Espírito e o vínculo da paz, não uma unidade mecânica. A Bíblia não se interessa por unidade exterior. A unidade essencial que a Bíblia busca é a do Espírito. É esta relação pura entre as diversas partes do corpo que realmente importa. Portanto, é vital que sejamos santificados a fim de que tenhamos

[3] Século dezenove. Nota do tradutor.

verdadeira unidade de espírito.

Mas existe outra óbvia razão que explica por que este é o método de Deus. A evangelização é feita por meio do cristão individual porque o homem do mundo observa o cristão individual. Vivemos numa época em que o mundo nos diz – e devemos aceitar a sua declaração – que não está interessado na pregação. Contudo, há uma coisa na qual o mundo está sempre interessado, a saber, a vida e o modo de viver; e o mundo está fora da Igreja por esta razão: "Está tudo muito bem quanto a esses homens pregarem, mas, que acontece na prática?" É isso que o homem do mundo diz, e devemos dar-lhe ouvidos neste aspecto. Diz ele: "Não vejo vantagem em ser cristão. Que é que os cristãos têm que eu não tenho? Têm eles moral mais alta? São mais bondosos e mais amorosos? São menos maldosos? São menos enfatuados? Que é que o cristianismo faz para as pessoas que se declaram cristãs?" E essas perguntas são perfeitamente válidas. Portanto, o primeiro passo na evangelização é que devemos começar por nós mesmos e tornar-nos santificados.

Imaginemos que, como fruto de algumas grandes reuniões, colhamos uma grande multidão de pessoas. Que é que elas vão encontrar quando entrarem na Igreja? Vão ver algo que consubstancie ou comprove a mensagem? Se as nossas vidas contradizem a nossa mensagem, de nada adiantam a nossa pregação e a nossa fala. Não, como Pedro o diz em 1 Pedro 2:11,12: "Amados, peço-vos, como a peregrinos e forasteiros, que vos abstenhais das concupiscências carnais que combatem contra a alma; tendo o vosso viver honesto entre os gentios; para que, naquilo em que falam mal de vós, como de malfeitores, glorifiquem a Deus no dia da visitação, pelas boas obras que em vós observem". Vocês sabem, diz ele, que estas pessoas não são cristãs e que estão dizendo todo tipo de coisa contra vocês. Pois bem, provem com sua vida e com suas obras que elas estão erradas, e atraiam-nas.

Repetindo, sabemos muito bem que isso não é uma coisa que só diz respeito à teoria, mas também à prática. Quando o homem do mundo vê que vocês têm algo que ele obviamente não tem, quando nos vê calmos e serenos quando ficamos doentes; quando vê que podemos sorrir em face da morte; quando vê em nós equilíbrio, estabilidade, equanimidade e uma qualidade amorosa e gentil; quando vê que somos imunes "às fundas e às flechas da ultrajante fortuna", ele começa a prestar atenção. Ele dirá: "Esse homem tem algo", e começa a fazer perguntas querendo saber o que é. E vai querer ter isso. Sim, pois o homem moderno, embora mostre fronte ousada, realmente é infeliz em seu ser interior. Ele quer este "algo". Não sabe o que é, mas, quando o vê, dispõe-se a ouvir. Só a mera prosa, a mera pregação, não vai influenciá-lo; temos que demonstrar estas coisas em nosso viver diário e em nossa maneira de ser e de viver.

Permitam-me ilustrar isso com um caso real e concreto. Lembro-me de que uma vez, numa igreja que conheci muito bem, hospedei-me na casa de uma senhora que parecia uma das luzes maiores da igreja, e, para meu espanto, notei que seu marido nunca se aproximava do local de culto. Subseqüentemente descobri que o provável motivo era que a senhora, que era muito ativa e ocupada na obra da igreja, estava falhando lamentavelmente em alguns aspectos práticos – nem sempre pagava a conta da mercearia, por exemplo. Sim, ela era uma grande obreira na Igreja, mas era negligente em coisas desse tipo. Posteriormente, aquela senhora, que tinha sido apenas cristã nominal, realmente veio a ser uma verdadeira cristã. E o que aconteceu em seguida? Só seis semanas após a conversão da esposa, e sem nenhum pedido ou apelo a ele feito, o marido começou a freqüentar aquele local de culto. Veio porque viu que algo tinha acontecido com sua esposa. Não houve necessidade de que alguém lhe dissesse coisa alguma: viu a coisa genuína, viu a mudança nela, e então começou a se

perguntar o que tinha acontecido, e ele próprio acabou indo para verificar o que foi. Isso é santificação. Se os cristãos vão evangelizar o mundo, eles mesmos têm que ser corretos, é preciso que não haja contradição entre a mensagem e a vida. Isso é vital, e sabemos perfeitamente bem que a falha nisso é provavelmente a maior razão pela qual tanta gente adota uma espécie de cinismo acerca da fé e da mensagem cristã no presente. Todos os nossos elaborados esforços para conseguir que as pessoas venham à igreja serão inúteis se, quando vierem, virem a mensagem contraditada dentro da própria igreja.

Mas, suponho eu, a razão suprema pela qual a nossa santificação é vital para a evangelização é que Deus só pode usar pessoas santificadas. O vaso precisa estar limpo e ser "idôneo para uso do Senhor" (2 Tim. 2:21). Encaremos o fato: não há nada que vá tocar o mundo, como ele está hoje, a não ser um poderoso avivamento operado pelo Espírito de Deus. Vocês podem pensar que estou sendo pessimista, porém não hesito em profetizar que todos os esforços e todas as organizações, quer invoquemos o auxílio da imprensa quer não, vão dar em nada. Tenho observado muitíssimas campanhas, e a situação da Igreja vai indo sistematicamente para baixo, a despeito delas todas, e isso vai continuar. Nada senão a operação do Espírito de Deus pode realmente lidar com a situação, absolutamente nenhuma outra coisa; e o Espírito de Deus opera por meio de vasos limpos, de canais limpos. Ele não operará de nenhum outro modo. Isso é sumamente certo e claro, e, se os homens e as mulheres tão-somente pusessem toda a energia em buscar Deus que estão prontos a pôr nas organizações, em viver em Sua presença e em santificar-se, o avivamento viria imediatamente. Todavia, queremos fazer qualquer coisa menos isso; a coisa que Deus põe em primeiro lugar é a coisa que nunca mencionamos – santificação.

Sugiro, então, que, se estamos preocupados com o atual

estado de coisas, façamos todos nós esta pergunta a nós mesmos: se a minha vida não está influenciando outras e não as está levando a Cristo, por que será? Meus amigos, vocês não precisam de um curso de treinamento sobre como evangelizar pessoas – tal coisa, se não fosse trágica, seria verdadeiramente ridícula! Vocês pensam que foi feito isso há 200 anos?[4] Vocês pensam que os cristãos primitivos freqüentaram aulas de capacitação? Claro que não! O que aconteceu foi que eles se tornaram cristãos verdadeiros e inevitavelmente se tornaram evangelistas. Quando alguém tem o Espírito Santo em seu ser, não precisa de instrução, ele faz o trabalho! Sempre foi assim, e nós não somos diferentes. Não somos uma categoria especial de cristãos. O cristão é o mesmo em todas as épocas e gerações, e o mundo é sempre o mesmo. Não, não precisamos de organizar a coisa; precisamos começar com nós mesmos e estar em tal relação com Deus que Ele nos possa usar. É preciso que haja em torno de nós uma espécie de radiação, algo que emane de nós e que atraia as pessoas, quando se encontram conosco, e elas se sintam movidas a perguntar: "O que está neste homem ou nesta mulher? O que é esta coisa peculiar, esta coisa estranha?" Quando as pessoas são santificadas, agem como evangelistas.

Vimos então que a santificação é necessária para nos guardar do maligno, e que é necessária para a evangelização. Agora permitam que lhes diga uma palavra sobre a terceira razão que o nosso Senhor dá porque Ele ora pela santificação dos Seus. É que a santificação é o propósito supremo de Deus quanto a nós. "E por eles me santifico a mim mesmo, para que também eles sejam santificados na verdade." Isso também é uma coisa que vocês podem ver percorrendo todas as partes das Escrituras: "Esta é a vontade de Deus, a vossa santificação" (1 Tess. 4:3). Observem quão explicitamente o

[4] A contar da década de 1950. Nota do tradutor.

nosso Senhor o diz em Sua oração. Ele diz: estou caminhando para a morte na cruz, vou enfrentar a última agonia para que eles sejam santificados na verdade. "O qual se deu a si mesmo por nós", diz Paulo a Tito, "para nos remir de toda a iniqüidade, e purificar para si um povo seu especial, zeloso de boas obras" (Tit. 2:14). Foi por isso que Ele morreu na cruz. Como o hino o expressa: "Morreu para que sejamos perdoados". Sim, graças a Deus! Mas Ele não parou aí. "Ele morreu para tornar-nos bons." E é isso que somos propensos a esquecer. Este é o objetivo disso tudo, o objetivo global de toda a obra do Senhor Jesus Cristo. Ele veio a este mundo para que fôssemos santificados.

No entanto, temos que encarar alguns perigos neste ponto. Permitam-me colocá-lo nos seguintes termos: o primeiro perigo que vejo é o de isolar doutrinas, separá-las umas das outras de maneira falsa. Você sabem o que quero dizer. É o perigo de separar erroneamente a justificação da santificação. Claro está que temos que perceber intelectualmente a diferença que há entre justificação e santificação, mas nunca devemos separá-las na prática, e dizer que temos uma sem a outra. Isso é absolutamente falso. Conforme as Escrituras, ninguém pode ser justificado sem ser santificado ao mesmo tempo. Paulo fala disso em Romanos 8:30: "Aos que predestinou a estes também chamou; e aos que chamou a estes também justificou; e aos que justificou a estes também glorificou". Ele passa direto ao fim. Ora, o perigo é que somos tendentes a isolar estas coisas umas das outras e a dizer que o homem pode vir a Cristo e receber a sua justificação, porém que não pode vir a Cristo e receber a santificação senão depois de vários anos. Isso, de acordo com as Escrituras, é totalmente impossível, porque tudo faz parte de um só plano, e quando Deus começa este movimento, vai inevitavelmente até o fim. No momento em que o homem é justificado, o processo de santificação já começou. É tudo em Cristo.

Ele "para nós foi feito por Deus sabedoria, e justiça, e santificação, e redenção" (1 Cor. 1:30). Ele é tudo, e você não pode dividir Cristo. Se você tem Cristo, você tem Cristo completo. Mas há entre nós a tendência de dividir estas coisas de maneira falsa, e de deixar de ver que o nosso Senhor morreu na cruz, não somente para que sejamos perdoados, e sim também para que sejamos bons.

Estou falando sobre o perigo que corremos de só procurar a experiência do perdão, sem perceber que, ao mesmo tempo, devemos desejar ser santos e santificados. Considero isso muito sério. São tantos os que hoje parecem pensar que o homem pode vir a Cristo em busca de perdão, de felicidade, de ajuda, de alento, de direção, e de mil e uma outras coisas e, todavia, ficam dizendo o tempo todo que ele não pode receber a bênção da santificação! Essa, dizem eles, pode vir mais tarde, e os homens são exortados a vir a Cristo em busca de uma bênção particular, e a santificação nunca é sequer mencionada. Pois bem, digo e repito, isso é inteiramente contrário ao ensino das Escrituras. Como alguém pode vir a Cristo sem preocupar-se com a santificação, é coisa que não posso entender. Como vocês podem ler estas descrições dEle nos Evangelhos, sem verem a Sua santidade e o que Ele tinha vindo fazer, está realmente além da minha compreensão.

Noutras palavras, o real perigo é o de uma falsa evangelização, que não inclui em sua pregação a mensagem da santificação. Há um tipo de pessoa evangélica que divide a esse ponto estas coisas. Tais pessoas dizem: "Sim, nos domingos de manhã você edifica os santos; as noites de domingo você dedica à evangelização, com a pregação do evangelho, e, claro", dizem elas, "este culto não significa nada para o crente, é para o incrédulo". Mas isso não é evangelização verdadeira. Não é essa a evangelização que eu vejo no Novo Testamento. É uma evangelização falsa, e leva consigo uma

falsa idéia moderna do evangelista como alguém que não é bem um mestre; ele pode não conhecer muito, porém é bom para atrair gente. Seria essa a descrição que o Novo Testamento faz do evangelista? Seria essa a descrição do evangelista que se vê na Igreja através dos séculos? Seria essa a idéia de homens como George Whitefield e João Wesley? A coisa toda é grotesca! É justamente aí que eu penso que erramos logo no começo. É a nossa idéia geral da evangelização que está errada. Parece que pensamos que o único dever da evangelização é dar ao homem um sentimento de perdão, um sentimento de felicidade, alegria e paz. Mas aqui o nosso Senhor nos lembra que a evangelização tem um objetivo único e supremo: reconciliar os homens com Deus. Essa é a finalidade geral de tudo o que o Senhor Jesus Cristo veio realizar. Ele veio reconciliar os homens e as mulheres com Deus: não dar-nos particular conselho sobre como podemos colocar-nos numa reta relação com Deus. "Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo" (2 Coríntios 5:19), e, portanto, a mensagem da evangelização deve, necessariamente, incluir a mensagem da santidade.

Daí, que é evangelização? Se estou seguro de algo é de que a primeira mensagem da evangelização é que temos de falar sobre santidade aos homens. Essa é a verdade que precisamos pregar aos homens, a verdade acerca deste Deus santo diante de quem eles terão que comparecer. O dever da evangelização é dizer-lhes que só há um meio pelo qual eles podem estar na presença de Deus, e esse meio é serem feitos santos. Não basta terem senso do perdão; a questão é: estão aptos a estar na presença de Deus? Sem santidade não podem: "...a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor" (Heb. 12:14). Por conseguinte, a evangelização que não a inclui como parte integrante da sua mensagem, não é evangelização bíblica. Todo o nosso problema é que todos nós nos tornamos tão subjetivos, tão influenciados pelo pensamento moderno

que sempre começamos por nós, em vez de começarmos por Deus. Sou infeliz; quero ser feliz. Quero isto ou aquilo, e por isso vou a esta e àquela reunião religiosa para poder ter o que quero; e consigo isso, e paro nisso. Contudo, meus caros amigos, o lugar por onde devemos começar é justamente no outro extremo. É por *Deus*. Deus *é*, e todos nós estamos em Suas mãos e todos nós temos que nos defrontar com Ele. A primeira pergunta que devemos fazer a todo homem não é: "Como você se sente, feliz ou miserável?" Não, a pergunta é: "Como você vai comparecer à presença de Deus?" E, se começarmos por essa pergunta, é inevitável que esta questão de santificação entre em cena. Se me levanto e encaro os homens e lhes pergunto como vão encontrar-se com Deus, não posso fazê-lo petulantemente; não posso fazê-lo leviana e superficialmente. É preciso haver uma santa seriedade nessa questão. É para estarrecer quando alguém pensa no que vai acontecer com o ímpio e com o incrédulo. Devemos começar por Deus, e, se eu e vocês alegamos que somos cristãos, a alegação que estamos fazendo é que somos de Deus, que somos Seus representantes, e que vamos falar sobre Deus e vamos trazer pessoas a Ele.

Certamente claro está que só podemos fazer isso quando somos tementes a Deus, quando somos piedosos, quando somos semelhantes ao Senhor Jesus Cristo. Ele veio a este mundo para ser "o primogênito entre muitos irmãos", e somos formados e modelados segundo a Sua imagem. O cristão é, por definição, alguém que é semelhante a Cristo. Por isso o nosso Senhor ora: "Santifica-os", faze-os semelhantes a Mim, para que possas usá-los para glorificar-Te entre os homens e as mulheres. Assim, o princípio de tudo é um correto conceito sobre a santidade, a santidade de Deus, porque sem isso não realizaremos nada.

3

"Por Eles"

"E por eles me santifico a mim mesmo, para que também eles sejam santificados na verdade." – João 17:19

Estivemos tratando das razões aduzidas pelo nosso Senhor por orar pela santificação dos Seus seguidores. Uma delas é que este é o meio de Deus tratar dos Seus, e a segunda razão, que consideramos em nosso estudo anterior, é a vital importância disto do ponto de vista da evangelização. Fomos mais adiante e vimos que este é na realidade o fim e o objetivo, o fim supremo, de toda a questão da salvação. Vimos, pois, que considerar a salvação à parte da santificação é falso.

Mas agora chegamos a outro aspecto deste assunto, qual seja, *a base da santificação*; na verdade, ao único meio pelo qual a nossa santificação é possível, ao verdadeiro fundamento dela. Vemos isso aqui, numa das declarações mais gloriosas que se pode encontrar em qualquer parte das Escrituras: "...por eles me santifico a mim mesmo". Sei que muitas vezes digo, sobre várias frases das Escrituras como esta, que a declaração em cada caso citada é incomparável e que não há nada igual a ela; e, naturalmente, toda vez que digo isso é perfeitamente certo, porque muitas destas declarações, contendo como contêm a real essência do evangelho, são verdadeiramente incomparáveis. Além disso, o

Espírito Santo aplica estas declarações a nós vez por vez, de modo que, quando alguma declaração particular é aplicada a nós, nesse momento parece que ela é tudo o de que necessitamos, e então, noutra ocasião, a mesma coisa é verdade acerca de outra declaração. Portanto, não há contradição em dizer que ambas, e todas elas, são igualmente incomparáveis. Temos aqui, pois, seguramente, uma das mais grandiosas e mais gloriosas declarações presentes em toda a extensão das Escrituras. É como uma gema de muitas facetas; não importa de que ângulo vocês a olhem, ela brilha ainda mais esplêndida e maravilhosamente. Ao mesmo tempo ela é, certamente, uma das declarações mais vitalmente importantes que podemos considerar juntos. Permitam, pois, que eu coloque esta deslumbrante jóia diante de vocês, rogando a Deus que não permita que nada em nosso estudo diminua de algum modo o seu esplendor e a sua glória. A totalidade do evangelho cristão está nesta única frase: "Por eles me santifico a mim mesmo".

Pois bem, a primeira coisa que deve engajar a nossa atenção é, obviamente, a santificação pessoal de Cristo. É evidente que, conforme assinalamos anteriormente quando começamos a considerar esta doutrina, Ele não pode querer dizer que fará alguma coisa para aumentar a Sua própria santidade. Isso é impossível. Ele foi perfeito desde o princípio, sem culpa, sem pecado e sem defeito, de modo que, quando declara que vai santificar-Se, não pode querer dizer que vai tornar-Se mais santo do que era antes. O que isso significa, obviamente, é que Ele emprega a expressão no sentido primário de santificação, a saber, dedicação, consagração, separação para a obra especial de Deus e para o propósito de Deus nEle e por meio dEle. Significa a inteira entrega de alguém a Deus para a Sua glória e para o Seu propósito.

Depois, para captarmos o pleno significado desta

declaração, a próxima expressão que devemos examinar é "me... a mim mesmo" – "...me santifico a mim mesmo", diz o nosso Senhor. E com isso Ele Se refere a Si próprio como Ele é em Sua personalidade total, tudo o que Ele é como Deus e homem, todos os Seus poderes, todo o Seu conhecimento, toda a Sua perfeição, toda a Sua capacidade, tudo. Não há expressão mais inclusiva do que "a mim mesmo". Significa o meu ser total, tudo o que eu sou, em mim e de mim, todas as minhas relações, todos os meus privilégios, todas as minhas habilidades e todas as minhas posses. Eu me santifico a mim mesmo na plena totalidade do meu ser e da minha personalidade. Portanto, o que o nosso Senhor está realmente dizendo neste ponto é que tudo o que Ele é e tem, Ele agora está dando inteira e completamente a Deus "por eles" – sendo eles os cristãos então existentes; e por nós, e também por aqueles que ainda virão à existência; todas aquelas pessoas sobre as quais Ele tanto fala nesta oração, as pessoas que Lhe tinham sido dadas por Deus, e por quem Ele veio ao mundo e por quem Ele agora está fazendo tudo: "por eles eu estou dando a Ti o meu ser total".

Em última instância, isto constitui o verdadeiro auge da doutrina cristã, e é espantoso como nos inclinamos a esquecê-lo. Suponho que essa é uma das verdades que esquecemos por pensarmos que a conhecemos, e propendemos a tomá-la como líquida e certa. Inclinamo-nos a parar em certas particularidades da obra e dos atos do nosso Senhor, não nos apercebendo de que a coisa mais grandiosa de todas, o fato estonteante, é que o nosso Senhor Jesus Cristo, o Filho de Deus, dedicou-Se inteiramente à nossa redenção. Ele Se doou na totalidade da Sua personalidade com este objetivo específico. Ora, parece-me que foi isso que foi feito no Concílio Eterno entre Deus o Pai, Deus o Filho e Deus o Espírito Santo, antes de haver sido criado o mundo. Toda a história da humanidade era conhecida, tudo estava claro e aberto, o

curso completo do homem, sua vida e sua história. Antes da fundação do mundo a Queda, o pecado e a vergonha estavam previstos, e o que o nosso Senhor está fazendo realmente aqui é repetir, lembrar a Deus, por assim dizer, que no Concílio Eterno Ele Se dirigira ao Pai e Lhe dissera: "Eis-me aqui, envia-me a mim". Coloco-Me inteiramente em Tuas mãos, à Tua disposição, podes usar-me como quiseres para a redenção destas pessoas. Ele santificou-Se, consagrou-Se, para esta tarefa. Ele deixa de lado todas as outras coisas e exclui tudo mais.

Estamos familiarizados com essa idéia num nível inferior e menor. Sabemos, por exemplo, que quando um homem se alista no exército para lutar pelo seu país, desiste de algumas outras coisas. Desiste do seu negócio, ou da sua profissão, por algum tempo. Ele renuncia a seu lar e à sua vida em família. O homem está agora se devotando e se consagrando ao serviço do seu país, a fim de defendê-lo. Ele é um homem que está se dedicando exclusivamente a esta única tarefa, e isso significa desistir de alguma outra coisa. E as Escrituras ensinam que foi precisamente o que o Senhor Jesus Cristo fez por nós e por nossa redenção. Quando Ele diz aqui "(Eu) me santifico a mim mesmo", Ele vai fazer algo, e é muito importante que entendamos muito bem o que Ele quer dizer.

Há um sentido em que Ele já o fez; como já vimos, uma grande promessa foi feita antes da fundação do mundo, no Concílio Eterno. Mas depois ela foi posta em prática na encarnação; o próprio nascimento do nosso Senhor neste mundo foi parte integrante da santificação de Si mesmo a esta tarefa única de salvação do homem. Mesmo nesse ponto particular essa obra envolveu a Sua renúncia aos sinais e marcas da Sua glória eterna e da Sua deidade. Ele não pôs de lado a Sua deidade, coisa que Ele não podia fazer. (Essa foi a falsa doutrina sobre o Seu "auto-esvaziamento" que

surgiu há uns sessenta ou setenta anos.)[1] Não, Ele não Se esvaziou da Sua deidade, mas certamente Se esvaziou de algumas das prerrogativas da Sua deidade.

Essa é a grande declaração feita por Paulo em Filipenses 2:5-8: "Que, sendo em forma de Deus, não teve por usurpação ser igual a Deus", o que significa que Ele não considerava a Sua igualdade com Deus um prêmio ao qual apegar-Se ou agarrar-Se. Ele está Se dedicando a esta tarefa peculiar, e assim, pelo propósito desta tarefa, Ele põe de lado as marcas e os sinais da Sua glória; como diz o hino: "Manso, Ele põe de lado a Sua glória". Pois bem, isso é parte desta santificação de Si mesmo. Ele pôs de lado os sinais da Sua glória e Se submeteu a nascer como bebê em fraqueza e em completo desamparo.

E assim, então, Ele Se oferecera ao Pai e dissera: vou fazer-Me responsável pela salvação destas pessoas, custe-Me o que Me custar. Dedico-Me inteiramente a esta tarefa. Ele deixou as mansões celestiais e assumiu a natureza humana, o que significou que Ele Se tornou homem, bem como Deus. Foi modelado à semelhança do homem e veio ao mundo como homem entre os homens – isso também faz parte da santificação de Si mesmo, da ação de separar-Se para esta tarefa. Depois viveu aquela vida extraordinária durante trinta anos, aparentemente como apenas homem, trabalhando como carpinteiro, compartilhando a vida das pessoas comuns. De tal forma Se humilhou que Se tornou sujeito à tentação de satanás. Deus não pode ser tentado, lemos, mas aqui está Deus em carne sendo tentado pelo diabo; e isso também é parte da Sua separação de Si mesmo. Antes de poder salvar a humanidade, teve que suportar isso, e assim foi tentado em todos os pontos, como nós, mas sem pecado.

Isso também fez parte da Sua preparação para o ofício de sumo sacerdote. Por certo vocês se lembram do argumento

[1] Isto é, nos fins do século dezenove. Nota do tradutor.

que consta em Hebreus 4:15: "Porque não temos um sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas". Devido ao que Ele suportou e sofreu, Ele estava Se tornando perfeito como "o príncipe da salvação deles" (Heb. 2:10) – porque suportou a tentação do diabo e a contradição dos pecadores contra Si mesmo, e viveu uma vida comum neste mundo.

Mas agora Ele Se dirige ao Pai e declara que vai fazer uma coisa ainda maior e mais profunda que essa. O que eu estive descrevendo é tremendo e estonteante, porém agora há uma coisa gloriosa! Ele agora Se dedica a Deus para ser feito o real portador do pecado, a oferta pelo pecado. Ele desceu do céu, identificou-Se conosco. Sujeitou-Se ao batismo, apesar de nunca haver cometido pecado, identificando-Se conosco, pecadores. Ele suportou tudo o que eu descrevi, sim, mas, se o homem deve ser santificado, se deve ser feito tal que possa habitar com Deus, e habitar com Ele por toda a eternidade, é preciso fazer algo mais. Ele Se entrega passivamente ao Pai e diz: já estou pronto para ser feito pecado em favor deles. Aqui estou oferecendo-Me por seus pecados; coloca os pecados deles sobre Mim, faze de Mim a sua oferta pelo pecado. Ele Se entregou – é isso que a santificação significa. Ele fez mais uma dedicação de Si mesmo, praticou o último ato de consagração.

Permitam-me dizê-lo com a linguagem das Escrituras. Ele sujeitou-Se a Se fazer maldição por nós: "Maldito todo aquele que for pendurado no madeiro" (Gál. 3:13, citando Deut. 21:23). Ser crucificado era ser maldito, era uma terrível desgraça, e aqui Ele praticamente diz a Seu Pai: "Como este é o único meio pelo qual eles podem ser santificados, Eu Me dou e Me faço maldição. Que o pecado deles venha realmente sobre Mim para que eles sejam santificados. Entrego-Me a isso". Ele está simplesmente dizendo o que disse de outro modo no Jardim de Getsêmani: "Meu Pai, se

é possível, passe de mim este cálice; todavia, não seja como eu quero, mas como tu queres"; se não há outro meio, tomarei o cálice e o beberei até à escória. Ele está Se separando e Se colocando nas mãos de Deus para este fim e objetivo.

Ele agora está Se submetendo à coisa mais terrível jamais imaginada, a saber, que seria separado do Seu Pai. Ele tinha vindo do seio do Eterno. Ele estava em Deus desde o princípio, Ele é co-igual e co-eterno com Deus; mas aqui Ele percebe e encara o fato de que, a fim de salvar e santificar estas pessoas, tem que sujeitar-Se a esta separação de Deus e fazer-Se maldição. Significa o rompimento do contato, e Ele Se submete até a isso. Ele está disposto a suportar até a perda da face de Deus na cruz, para que sejamos santificados. Ele Se separa para isso.

Portanto, foi isso que Ele sofreu na cruz; o nosso Senhor morreu de coração partido. O coração de Cristo foi literalmente partido, razão pela qual eles viram sangue e água quando enfiaram a lança no Seu lado. Ele não morreu meramente em conseqüência da crucifixão física, não foi isso que O matou. Seu coração se rompeu. As autoridades, vocês se lembram, ficaram um tanto surpresas quando O viram já morto. Usualmente, a morte por crucifixão é tão lenta que os homens tinham que ser mortos quando eram crucificados: os ladrões tiveram suas pernas quebradas (João 19:32,33). Mas Cristo morreu rapidamente, porque levou sobre Si o castigo do nosso pecado. Ele sofreu o meu inferno e o de vocês. Não foi mera aparência, porém foi algo que foi feito. Ele padeceu o nosso sofrimento, consagrou-Se para isso. Ele diz: aqui estou, derrama sobre Mim a taça da Tua ira por causa do pecado destas pessoas. Eu Me entrego para que faças isso. "Por eles me santifico a mim mesmo, para que também eles sejam santificados na verdade."

E então Ele Se separa para a morte, para o sepultamento, para a entrada no Hades. Ele desce ao Hades (seja como for

que interpretemos isso) em sua plenitude e inteireza. Entretanto nem aí Ele pára. Entendo que o ensino das Escrituras mostra bastante claramente que o separar-Se o nosso Senhor para este grande fim e objetivo vai além até da morte e do túmulo; faz parte da Sua ressurreição. Pois, quando o Senhor Jesus Cristo ressuscitou dos mortos, ressuscitou não meramente em Si e por Si, mas também como representante do Seu povo. Mesmo agora a Sua vida no céu não é uma vida que Ele vive para Si – digo isso com reverência – é primariamente uma vida que Ele está vivendo para nós e por nós, Seu povo. Ele é o nosso advogado, o nosso Sumo Sacerdote, o nosso representante na presença do Pai. Neste momento o Senhor Jesus Cristo está peculiarmente engajado na obra do reino do qual eu e vocês somos cidadãos. Ele reinará "até que os seus inimigos sejam postos por escabelo de seus pés" (Heb. 10:13).

Oh, que doutrina altíssima estamos manuseando aqui! O Senhor Jesus Cristo no céu, neste momento, não é o mesmo que era quando saiu do céu para vir à terra. Quando saiu de lá, saiu como Deus, Deus o Filho, porém quando regressou ao céu, era Deus e homem. Levou conSigo a natureza humana. Ele é Deus e homem para todo o sempre; a cabeça da Igreja, o representante do Seu povo. E se vê que o estupendo ensino é que Ele Se separou até na Deidade para esta obra particular por Seu povo e por Sua Igreja; é a isso que Ele Se dedica inteiramente.

Pode-se, então, expor assim a doutrina: Aquele que era co-igual e co-eterno com o Pai veio a estar dentro dos limites do tempo e viveu vida humana na terra. Ele se dedicou exclusivamente a esta única tarefa: "Do altíssimo trono do céu, à cruz da mais funda miséria, tudo para resgatar cativos culpados...". É isso; está tudo aí, nestas maravilhosas e magníficas palavras da nossa passagem. Pergunto se captamos isto, se compreendemos o que realmente significa esta segunda

bendita Pessoa da Trindade santa e eterna, expor-Se, por assim dizer, e dedicar-Se exclusivamente a esta tarefa singular e peculiar. Tudo o que aconteceu com Ele, tudo o que Ele fez e tudo o que está fazendo – tudo se destina a este fim e objetivo. "Por eles me santifico." E é isso que santificar-se significou para Ele, e o que envolveu quanto a Ele.

Por conseguinte, de tudo o que foi dito eu deduzo que, evidentemente, tudo isso foi necessário antes de eu e vocês podermos ser santificados. Cada parte e cada passo disso foi necessário. Eu e vocês só podemos ser santificados porque a encarnação é um fato; só podemos ser santificados porque o sofrimento e a morte, a ressurreição e a vida ressurreta do nosso Senhor foram, todos, fatos. Não devemos deixar fora nem um só passo; não somos santificados só pelo Senhor ressurreto, Sua morte foi igualmente essencial, e assim o foi também a encarnação. Um dos erros mais sutis da atualidade é dizer que a nossa santificação está somente no Cristo ressurreto, vivo, sem sequer se mencionar Sua morte. Isso é negar o ensino vital, essencial, do Novo Testamento – cada passo, cada movimento, cada ação foi parte integrante desta santificação de Si mesmo, e sem isto não podemos ser santificados.

Isso nos leva, a seguir, à aplicação prática: como tudo isso leva à nossa santificação? "Por eles me santifico a mim mesmo, para que também eles sejam santificados na verdade." Como funciona isso? Bem, como entendo esta doutrina do Novo Testamento, podemos expressá-la desta maneira: tudo está no Senhor Jesus Cristo. Tudo o que fruímos, tudo o que seremos, devemos à nossa relação com Ele. Estamos nEle, e Ele está em nós. Tudo o que Ele fez o fez por nós, como nosso representante. Portanto, tudo o que Lhe pertence também pertence a nós, e, por Sua santificação de Si mesmo, Ele tornou possível a nossa santificação.

A coisa funciona deste modo: antes de eu e vocês podermos

ser santificados, a barreira do pecado entre nós e Deus tinha que ser removida, necessariamente. A santificação, em última análise, significa ser semelhante a Deus, compartilhar a vida de Deus, estar na correta relação com Deus e ter perfeita comunhão com Ele. Santificação não é apenas livrar-nos de certos pecados. Não, a santificação é positiva. Deus diz: "...para que sejais santos; porque eu sou santo" (Lev.11:45). Mas, antes de ser possível isso, é mais que claro que a barreira, o obstáculo, entre nós e Deus tem que ser removido. Por isso a cruz do Calvário é absolutamente essencial à santificação, e é evidente que os que dizem que podem ser santificados por conhecerem o Cristo vivo, sem nada falarem sobre a expiação, não entendem o problema do pecado. É preciso que o pecado seja retirado do caminho. A primeira questão é a culpa do nosso pecado, e é somente pela morte do nosso Senhor na cruz, por fazer-Se Ele o nosso porta-pecado e a oferta pelo nosso pecado, que a culpa do pecado pode ser assim tirada do mundo. E então Ele nos diz aqui que está Se oferecendo a Si mesmo a fim de que seja feito isso. Este é o real fundamento da santificação. A justificação é a base da santificação neste segundo sentido da palavra.[2] E este é o erro da igreja católica romana, quando deixa de dar ênfase à doutrina da justificação pela fé somente; os homens e as mulheres tentam santificar-se a si mesmos ingressando em mosteiros etc., e, naturalmente, não se pode fazer isso, pois, sem a justificação não pode haver santificação. É preciso remover o pecado, e o nosso Senhor o removeu.

A seguir, a próxima coisa que acontece é que nEle somos reconciliados com Deus. O pecado foi removido, a culpa foi removida, e agora Deus, de maneira maravilhosa, nos insere em Cristo; Ele nos incorpora e nos enxerta nEle. Quando você ler o Novo Testamento, fique de olho nesta frase: "em Cristo".

---

[2] Ver o capítulo 1, onde se discutem os dois sentidos da santificação. (Ed.)

Paulo fala sobre certos homens e declara que eles estavam "antes de mim em Cristo" (Rom. 16:7). Ele tinha sido inserido em Cristo, como um ramo enxertado numa árvore. Somos membros do corpo de Cristo, adotados como filhos de Deus, introduzidos na família de Deus – essa é a linguagem do Novo Testamento – e, se Cristo não tivesse Se separado por nós, isso nunca teria sido feito. Ele é "o primogênito entre muitos irmãos", o princípio de uma nova humanidade. Ele está dando início a uma nova raça de homem, e nós, que fomos inseridos nEle, tornamo-nos beneficiários de tudo quanto diz respeito a Ele. Somos recebidos por Ele, e dessa forma recebemos nova vida dEle. Recebemos uma nova natureza, tornamo-nos participantes da natureza divina, tornamo-nos tais que o próprio Espírito Santo que a Ele foi dado sem medida pode ser dado a nós também. Podemos ser habilitados a viver a vida neste mundo da maneira como Ele a viveu. É isso que nos é ensinado. Recebemos o dom da Pessoa do Espírito Santo. Ele entra em nós e habita em nós, e começa a formar Cristo em nós. Somos formados segundo a imagem e o modelo de Cristo – somos criados de novo em Cristo Jesus.

Ora, nada disso poderia acontecer se o nosso Senhor não tivesse Se separado para o nascimento, a morte, a entrada no Hades, a ressurreição, o assentar-Se à destra de Deus e o envio do Espírito Santo. Ele fez tudo isso a fim de que isto pudesse acontecer conosco, e é dessa forma que o Espírito Santo opera dentro de nós tanto o querer como o efetuar, segundo o beneplácito de Deus. Permitam-me lembrar-lhes o argumento de Paulo em Filipenses 2:12,13: "Operai a vossa salvação com temor e tremor; porque Deus é o que opera em vós" – Ele o faz mediante o Espírito – "tanto o querer como o efetuar, segundo a sua boa vontade". No momento em que o Espírito Santo entra em nós, Ele começa a agir em nós. Às vezes, quando estamos inconscientes disso, Ele cria em nós desejos

e opera em nossa vontade – "tanto o querer como o efetuar". Ele nos dá poder, e o faz porque Cristo O enviou com esse propósito. Assim Ele nos liga cada vez mais a Cristo, formando Cristo em nós o tempo todo. Sempre e crescentemente somos habilitados a receber da Sua plenitude e "graça sobre graça"; poder, vida – toda necessidade pode ser satisfeita. A plenitude da Deidade está incluída, pois todos os tesouros da sabedoria e da graça estão em Cristo e, se eu sou colocado em Cristo, posso receber tudo isso; Sua vida flui dentro da minha, como o ramo recebe a vida da videira. O Novo Testamento está repleto deste ensino, porém tudo o que eu estou salientando aqui é que, se Ele não tivesse Se santificado a Si mesmo, nada disso seria possível, e foi por isso que Ele teve que fazê-lo. Esta é a nossa santificação, e, repetindo, o que Ele diz aqui é que Ele fez isso tudo a fim de que nós fôssemos santificados na verdade.

Não posso deixar esta declaração maravilhosa sem dizer apenas uma breve palavra final sobre a coisa espantosa que O moveu a fazer tudo isso. Está tudo aqui! "Por eles me santifico." Se tão-somente pudéssemos enxergar isto! É isto que leva à santificação. Vamos considerar isto mais adiante, mas esta é a verdade que precisamos conhecer; precisamos compreender algo do que isto significa. "Por eles", diz Cristo, Ele vai fazer tudo o que eu estive descrevendo para vocês. Quem são eles, então? Quem são estes por quem Ele faz isto? Inimigos de Deus e, portanto, inimigos de Cristo, criaturas dominadas pela vontade própria, pessoas que preferem ouvir satanás a ouvir Deus, pessoas que deliberadamente acreditam nas mentiras contra Deus, pessoas que exaltam a si mesmas e colocam sua vontade e seus desejos pessoais contra a vontade de Deus, gente que se deleita no mal, cheia de malícia, inveja, cobiça e paixão; eu e vocês como éramos quando estávamos em pecado e no mal, em conseqüência da Queda.

Por amor *deles*! Reconheçamos isso, pecadores culpados

como somos! Foi por nós que Ele fez tudo isso – por eles, sim, eu me santifico, diz o Filho eterno de Deus, o Ser puro e santo, inculpável e imaculado, o Ser cujo supremo gozo era fazer a vontade do Seu Pai. Vocês podem imaginar maior contraste que este: o contraste entre "eles" e "Eu"? E, contudo, Ele diz: "(Eu) me santifico", o que não somente significa, como descrevi para vocês, a totalidade da Sua personalidade, mas também que Ele o fez espontânea e voluntariamente. Não havia nada em nós que recomendasse isso; não havia nenhum motivo que pudesse surgir de qualquer coisa existente em nós. O homem em pecado está de tal forma condenado e desvalido que não quer ser salvo, nem pede que o seja. Jamais pedido algum veio do homem a Deus quanto à salvação; vem inteiramente de Deus. Eis-me aqui, diz o nosso Senhor, envia-Me a Mim. Não houve compulsão por parte do Pai, o Filho desejou fazer isso. Ele Se deu livre, espontânea e voluntariamente.

Imagino que não se vê isso mais claramente em nenhum outro lugar do que no Jardim de Getsêmani. "Se é possível, passe de mim este cálice." Mas, se não é possível, se não há ouro meio, Eu o farei. Irei adiante com isso, embora sabendo o que vai significar.

A agonia disso foi tão grande em sua antecipação que o fez suar gotas de sangue, mas Ele, voluntariamente, foi ao encontro da vergonha, da agonia, de todo aquele sofrimento, da zombaria, dos cuspes, dos motejos, das risadas e da coroa de espinhos. Sim, Ele foi e suportou voluntariamente tudo isso por mim, por vocês, não simplesmente para que tivéssemos os nossos pecados perdoados, mas para que fôssemos santificados.

4

A Obra de Deus Mediante a Verdade

"Santifica-os na verdade: a tua palavra é a verdade." – João 17:17

Chegamos agora ao que descrevi em nossa análise deste assunto como o método de santificação. O nosso Senhor o expressa dizendo: "Santifica-os na verdade (ou "por meio da tua verdade"): a tua palavra é a verdade". Este é o Seu método de santificação. Sendo assim, vemo-nos forçados a fazer esta pergunta: como podemos tornar-nos verdadeiramente santos, como podemos ser santificados na verdade? Diz o nosso Senhor: "Por eles me santifico a mim mesmo, para que também eles sejam santificados na verdade". Não se trata aqui de uma santificação espúria; é real. Portanto, para dizê-lo de outro modo: como podemos tornar-nos verdadeira e inteiramente devotados a Deus e a Seu serviço? Como, na verdade, podemos tornar-nos semelhantes ao nosso Senhor? Ele era plenamente devotado a Seu Pai. Ele Se deu, Ele Se consagrou totalmente. Estava inteiramente à disposição do Seu Pai, e é por isso que o Pai pôde usá-lO para realizar esta grande salvação que desfrutamos. E depois, como podemos ser como Ele era? Essa é, obviamente, uma questão crucial para todos os cristãos. Não hesito em asseverar que, a menos que a pessoa se preocupe com essa questão, essa pessoa,

homem ou mulher, não é cristã. Pois uma parte essencial da definição do que é ser cristão é que ele se preocupa com a questão de tornar-se total e verdadeiramente devotado a Deus.

Não é surpreendente, pois, que na longa história da Igreja tenha havido muitas opiniões diferentes sobre o método da santificação. Num sentido, isso constitui a história geral da Igreja. Um livro intitulado *The Vision of God* (A Visão de Deus), escrito por K. E. Kirk, apresenta-nos um panorama histórico desta doutrina. É um livro volumoso, e um dos mais gratificantes que já li sobre este assunto específico. O que Kirk faz nesse livro é traçar historicamente as duas principais escolas de pensamento quanto a esta questão de como alguém pode tornar-se santo.

Numa escola estão os que acreditam na idéia monástica de que o único meio de você tornar-se santo é sair completamente do mundo e dedicar-se unicamente ao cultivo da sua alma e ao desenvolvimento da santidade. A seguir, os da outra escola acreditam que tudo isso pode ser feito no mundo, seguindo a profissão e vocação comum entre os homens e as mulheres – o que se pode denominar, concepção evangélica do método da santidade. Vale a pena ler o livro de Kirk, mas, depois que tudo foi dito, continua havendo muita confusão sobre esta questão, com muita perplexidade e divergência.

É muito popular, hoje em dia, dizer que não importa no que você crê acerca do método de obtenção da santificação, contanto que lhe propicie uma experiência que o faça feliz e que pareça promover a sua santidade. Muitos adotam essa idéia. "Por que preocupar-nos?", indagam eles. "Por que não deixar que um homem seja monge, se lhe agrada, e que outro continue com o seu trabalho no mundo? Por que não deixar que um homem acredite que se deve receber a santidade como uma experiência e que outro acredite que a santidade é algo que a pessoa tem que desenvolver pessoalmente? Que importa? Por que aborrecer-nos com

isso, contanto que cada um esteja feliz a seu modo?"

Ora, bem se vê que tal declaração é necessariamente errada, porque, se você adotar essa linha de argumentação, não terá coisa alguma para dizer às seitas. Pois, seja o que for que você pense delas, se o seu único teste é o da experiência, as seitas realmente parecem capazes de oferecer o que é requerido. Todavia, nem por um momento concederíamos que elas estão certas, nem que a experiência que elas alegam ter é verdadeira, porque as seitas dizem que não crêem na verdade.

Noutras palavras, é preciso haver um teste objetivo quanto ao que cremos. A experiência não é um teste; um homem pode tornar-se muito feliz e ter uma vida muito melhor que antes, apesar de acreditar numa coisa não verdadeira. Coisas que em si e por si não são verdadeiras podem a princípio parecer fazer-nos bem porque, naturalmente, o diabo pode transformar-se em anjo de luz: é patética a maneira pela qual as pessoas esquecem esse ensino. Nunca devemos basear nossas doutrinas na experiência, e sim na verdade. Essa é a principal razão para não aceitarmos a atitude de deixar que o homem creia no que quiser. As Escrituras nos dizem que devemos provar a verdade. "As más conversações corrompem os bons costumes", escreve Paulo ao povo da igreja de Corinto. Vocês não devem dizer, escreve ele em 1 Coríntios, capítulo 15, que é irrelevante se o homem crê na ressurreição ou não. Isso importa, e se os homens sustentarem um conceito errado, isso eventualmente levará a algo errado em sua conduta. Portanto, o nosso dever como cristãos é desvendar, quanto pudermos, o ensino das Escrituras. Obviamente não o faço com espírito polêmico, visto que fazer polêmica pela polêmica é sempre obra do diabo. Lembrem-se, porém, de que o oposto a isso não é dizer: "Acredite no que quiser, contanto que o ajude". Antes, é: "Examinai as Escrituras" (João 5:39, VA). Por isso é nosso dever descobrir, se pudermos, o que nos é dito nas Escrituras acerca desta importante e vital

questão do método da santificação, e é o que fazemos agora em termos do ensino do nosso Senhor neste ponto, no capítulo dezessete de João.

O primeiro princípio, eu penso que todos vocês concordarão, é que a santificação é, primária e essencialmente, uma obra de Deus em nós. Pois bem, a própria maneira pela qual o nosso Senhor o diz, a Sua própria petição, penso, prova isso. Ele está orando a Deus o Pai e Lhe está pedindo que faça algo, e diz: "Santifica-os"; pleiteio conTigo que santifiques estas pessoas por meio da verdade. Portanto, a santificação é essencial e primariamente algo que Deus faz para nós, em nós e por nós. Segue-se, pois, que nunca devemos pensar na santificação como algo que eu e vocês decidimos levar avante. Devemos compreender que é sempre obra de Deus. Já vimos que o objetivo supremo de Deus em todo o processo da salvação é a nossa santificação. Esse é o fim que Ele tem em vista, o que está sendo levado a efeito, e esse é o princípio ao qual sempre devemos apegar-nos. Quaisquer que sejam as idéias particulares às quais aderimos quanto aos detalhes, nunca devemos esquecer que, inteiramente à parte de mim e de vocês, é algo que Deus faz para nós. Logo, a maior ênfase nunca deve ser posta em nossa decisão de pôr em andamento a santificação.

Portanto, digo sobre isso o seguinte: a santificação é algo que começa em nós desde o início da obra da graça em nós para a salvação. Certamente não há nada mais fatal do que separar completamente a justificação e a santificação e dizer ao homem que ele pode ser justificado sem ser santificado, ou que pode receber a justificação num ponto e, talvez muito tempo depois, receber a santificação. A simples definição da justificação significa que isso é completamente impossível. Nenhum homem pode ser justificado sem sua percepção de que é pecador, que é culpado diante de Deus e que está exposto à ira e à punição de Deus. Ele deseja livrar-se do

pecado que o colocou nessa situação, arrepender-se e ser convertido do pecado e do mundo, fazer-se reto para com Deus. E, no momento em que alguém compreende e diz tudo isso, ele dá prova de santificação, porque a santificação é o processo pelo qual nos libertamos do pecado em todos os seus aspectos. Portanto, a nossa justificação é prova do começo do processo de santificação, porque qualquer desagrado pelo pecado, qualquer compreensão do que o pecado custou ao Senhor Jesus Cristo, qualquer movimento para afastar-nos do pecado, por menor que seja, é prova de santificação. Por isso me parece totalmente anti-escriturístico dividir estas duas coisas e colocá-las em compartimentos separados, e dizer que a pessoa pode ter uma coisa sem a outra.

Pois bem, o meio de sair dessa dificuldade e de evitar esse perigoso erro é compreender que toda a obra de salvação é obra de Deus, e que cada passo e movimento da obra divina de salvação tem por fim levar-nos a esta posição santificada, santa. Tudo isso é obra de Deus, do princípio ao fim. É por essa razão que, em Filipenses 2:12,13, o apóstolo Paulo diz: "...operai a vossa salvação com temor e tremor; porque Deus é o que opera em vós tanto o poder como o efetuar, segundo a sua boa vontade". Na realidade, ele já dissera a mesma coisa antes, na mesma Epístola, quando declarou: "Tendo por certo isto mesmo, que aquele que em vós começou a boa obra a aperfeiçoará até ao dia de Jesus Cristo" (Fil. 1:6).

Essa é a única concepção verdadeira e bíblica da salvação; é Deus operando em nós. Deus está em ação a partir do momento em que o homem começa a ter consciência do pecado dentro do seu ser. Deus começou a obra e a continua, e toda ela é, em última análise, parte desta questão de santificação. Portanto, nunca devemos pensar nela em termos de algo sobre o qual decidimos "interessar-nos" ou "assumir". Devemos compreender que Deus nos está conduzindo nesta questão de santificação, e não há como exagerar a ênfase

nisso. O Novo Testamento deixa muito claro que toda a obra de salvação é obra de Deus em nós. Eis uma boa maneira de examinar isso: todos nós concordaríamos que, no que se refere à justificação, Deus fez uma grande obra em nós, mesmo quando nós não o percebemos. Faça um exame retrospectivo da sua experiência. Que foi que fez você ir àquele local de culto onde você foi convertido? Você não vê, quando volta a examiná-lo, que Deus estava agindo em você sem que você o percebesse? Ele estava pondo em ação algumas forças para pressioná-lo. Ele pôs você face a face com certas pessoas. Pareceu acidental na ocasião – você não sabia por que estava agindo como agiu. Mas a resposta é que Deus estava fazendo com que isso acontecesse. Homem nenhum chegaria ao ponto do arrependimento, do crer e da fé em Cristo, caso não fosse que Deus estivera operando nele, mesmo que o homem estivesse completamente inconsciente disso. Ora, é exatamente a mesma coisa quanto ao que se refere à santificação. Ele está operando em nós e sobre nós, Ele nos faz coisas, e o fim e objetivo disso tudo é que nos tornemos santos e verdadeiramente santificados.

Não sei como vocês se sentem, mas para mim este é o meu final conforto e consolação neste mundo. Minha única esperança de chegar à glória jaz no fato de que a totalidade da minha salvação é obra de Deus. Portanto, sei que, se sou filho de Deus, Deus vai completar a obra que começou em mim. Jamais poderei defrontar-me com Deus e permanecer em Sua presença, a não ser que eu esteja sem mancha e sem culpa. Mas a pergunta prática é: como posso chegar a essa posição? Repito, minha única esperança e consolação é que, em última análise, isso não depende de mim, e sim do próprio Deus. Se eu sou filho de Deus e se Ele pôs Sua mão sobre mim, estou certo e seguro de que Ele vai levar-me lá.

E, permitam-me salientar solenemente que as Escrituras nos ensinam que Deus está de tal modo determinado a nos

fazer chegar a essa posição que, se não estivermos dispostos a sermos conduzidos por Ele, Ele tem outros métodos para levar-nos a ela. O ensino de Hebreus 12:6 é: "O Senhor corrige o que (Ele) ama, e açoita a qualquer que recebe por filho". Se vós não estais sendo corrigidos, diz o autor, então "sois bastardos, e não filhos". É pensamento terrível e, contudo, muito reconfortante. Se você é filho de Deus, Ele vai aperfeiçoá-lo. Se você não dá ouvidos ao ensino positivo, Ele o disciplinará, Ele porá Sua mão em você. Talvez a sua saúde sofra, ou a saúde de um ente querido; poderá ocorrer um acidente, uma calamidade, uma morte – a Bíblia está repleta de tal ensino. Deus não deixa que os Seus filhos se extraviem final e definitivamente. Ele os traz de volta, de um modo ou de outro. A minha santificação está em Suas mãos, e damos graças a Deus por isso, pois, se fosse deixado a meu cargo, não haveria esperança alguma.

Essa é outra maneira de apresentar o argumento de Paulo em Romanos, capítulo 8: "Aos que chamou a estes também justificou; e aos que justificou a estes também glorificou" (versículo 30). Se Deus começou esta obra em nós, certamente vai terminá-la, e essa é a nossa única esperança e consolação. Podemos, pois, falar como Paulo fala, que estamos certos de que "nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as potestades, nem o presente, nem o porvir, nem a altura, nem a profundidade, nem alguma outra criatura nos poderá separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus nosso Senhor" (versículos 38,39). Por conseguinte, o meu conforto e consolo não é que estou ansioso para ser santo e suspiro por santificação; não, o meu conforto e consolo é que Deus me separou para santificação, e que, uma vez que Ele fez isso, continuará a realizar a obra.

Ou posso dizê-lo desta maneira: a minha única esperança de ver Deus e de entrar na glória está em que o Senhor Jesus Cristo ora a Deus para que Ele me santifique – não

em que eu me tenha decidido a render-me, ou a fazer isto, aquilo e outra coisa mais, mas em que o próprio Cristo está pedindo ao Pai que me santifique. Essa é minha segurança, esse é meu conforto. Sei que a oração de Cristo pelos Seus é sempre respondida, infalivelmente, e é porque eu sei que estou nas mãos de Deus e que Ele está cuidando de mim que eu sei que finalmente estarei apto a estar em Sua santa presença. Esse é, então, o primeiro grande princípio. A santificação é obra de Deus em nós, e Ele a realiza por meio de Cristo, que Se consagrou e Se santificou a Si mesmo, sofreu a punição que me cabia, ressuscitou para a minha justificação, e enviou o Espírito Santo a fim de que eu seja santificado.

Assim, pois, devemos agora passar a considerar como Deus realiza esta obra de santificação em nós. "Pai, santifica-os"; rogo-Te que os santifiques. Sim, mas como Deus o faz? A resposta está no resto da declaração: "Santifica-os na verdade" (ou, por meio da Tua verdade"). E então o nosso Senhor analisa e salienta essa frase: "A tua palavra é a verdade". Portanto, o segundo princípio é que *o método de Deus de santificar-nos é por intermédio da verdade, mediante Sua Palavra, que é a verdade*. O método de santificação empregado por Deus é que Ele nos introduz numa certa relação com a Sua verdade e com a Sua Palavra. Ele nos introduz nos domínios da verdade, num conhecimento da verdade, de modo que é a verdade de Deus operando em nós que produz a nossa santificação.

Pois bem, parece-me que essa é a essência do método, e de novo, naturalmente, isso é de vital importância. É neste ponto que as divergências tendem a ocorrer. Como é que Deus realiza esta obra em nós? Permitam-me sugerir algumas negativas a vocês, negativas que considero de grande importância. A primeira é que Deus realiza esta obra de santificação em nós, entretanto não no sentido de que Ele faz

tudo por nós de tal modo que tudo o que temos que fazer é ficar olhando para Ele. Estou certo de que vocês conhecem esse tipo de ensino. Há pessoas que dizem que, se é Deus que produz a sua santificação, então, obviamente, você não faz nada. O maior empecilho à obra de Deus, dizem elas, é que você tenta repetidamente fazer alguma coisa, você mesmo, ao passo que tem que se render a Ele e olhar para Ele, enquando fizer isso, Ele realizará a obra por você. Depois fazem uso da ilustração do ramo e da videira para fundamentar essa idéia.

Isso, porém, me parece uma completa contradição do que o nosso Senhor diz em sua oração neste ponto. Ele ora rogando que Deus nos santifique na verdade ou por meio dela. É um grande corpo da verdade que nos cabe considerar, e isso não significa que não fazemos nada. Certamente toda a ilustração do ramo e da videira é tristemente mal entendida nesse ponto. Na videira o ramo está cheio de vida e da sua própria atividade. É evidente que ele precisa estar em comunicação com o tronco mestre e com a árvore propriamente dita, mas não se deve pensar nisso como uma espécie de tubo pelo qual passa a seiva e que não contribui com nada de si mesmo. A figura é de uma relação ativa e vívida na qual o ramo tem sua própria função na obra que está sendo efetuada, embora sempre em relação fundamental com o tronco. E, certamente, esse é o ensino das Escrituras. Voltemos mais uma vez à grande declaração que se lê em Filipenses 2:13: "...Deus é o que opera em vós", diz Paulo, "tanto o querer como o efetuar...". Sim, mas, em razão disso, eis o que ele diz: "Operai a vossa salvação com temor e tremor". Ele os exorta a operá-la porque é Deus quem está operando neles. Deus nos dá o poder pelo qual somos habilitados a agir pessoalmente; esse é o método. Portanto, embora a santificação seja, e é, fundamentalmente obra de Deus, não significa que eu não faço nada e só fico olhando para Ele. Não, Ele age em mim para que eu possa agir.

Além disso, as Escrituras não ensinam que este processo de santificação é muito simples. Uma vez alguém disse: "É tudo tão perfeitamente simples, e os cristãos causam a si mesmos muitos problemas porque querem fazer estas complicações. É tão simples como levantar uma vidraça e deixar o sol entrar no quarto. Portanto, tudo o que você tem que fazer é render-se a Cristo e olhar para Ele, então tudo acontece com você, e a obra de santificação prosseguirá".

Mas o certo é que as Escrituras estão repletas de exortações. Elas nos dizem: "Rasgai o vosso coração" (Joel 2:13) e "considerai-vos como mortos" (Rom. 6:11). Elas dizem: "Mortificai pois os vossos membros que estão sobre a terra" (Col. 3:5), mortificai a carne. Elas nos dizen que estejamos "firmes na fé" (1 Cor. 16:13) e que tenhamos fé em Deus. Elas nos dizem que fujamos "destas coisas" (1 Tim. 6:11) – de certas práticas carnais, pecaminosas – que corramos para longe delas; não que apenas levantemos a vidraça e deixemos a luz do sol entrar, mas que fujamos! Ponhamo-nos de pé, façamos alguma coisa, caiamos fora destas coisas! Ela nos diz que nos dispamos de uma coisa e vistamos outra. Paulo exorta assim os coríntios: "Purifiquemo-nos de toda a imundícia da carne e do espírito" (2 Cor. 7:1). E observem também a série de mandamentos, instruções e exortações que encontramos nos capítulos quatro e cinco da Epístola de Paulo aos Efésios. Ora, estas passagens não ensinam que eu e vocês apenas nos rendamos e que não façamos nada, exceto olhar para Deus com fé. Absolutamente não! Somos exortados a fazer estas coisas e a operar a nossa salvação ao longo dessas diversas linhas.

Acresce que seguramente é certo perguntar de que adianta e qual o propósito de todos os argumentos das Epístolas do Novo Testamento, se eu e vocês não temos que fazer coisa alguma, senão simplesmente render-nos e manter o que chamam "a posição da fé". Por que todos estes argumentos

teológicos que se vêem no início de cada Epístola? Por que estes cristãos da Igreja Primitiva são levados a lembrar-se da sua posição e desta grande doutrina? Por esta razão os escritores do Novo Testamento sempre prosseguem dizendo: assim sendo, à luz de toda esta verdade, apliquem-na! Ponham-na em prática! Cada uma das Epístolas do Novo Testamento divide-se em duas partes – doutrina e aplicação da doutrina. Paulo, por exemplo, expressa isso perfeitamente em Romanos 6:1: "Que diremos pois? Permaneceremos no pecado...?", e passa a aplicar as grandes verdades dos primeiros capítulos. Devemos, então, examinar o assunto desta maneira: Deus opera em nós fundamentalmente produzindo em nós uma nova natureza e uma nova disposição. Ele cria dentro de nós novos desejos e anseios de santidade, santificação e vida piedosa. Na verdade Ele cria dentro de nós a vontade e o poder de viver tal vida, porém faz tudo isso por meio da Palavra. E não nos deixa, por assim dizer, sem fazer nada. Ele age em nós de molde a produzir em nós uma extraordinária atividade nossa própria.

Talvez eu possa expressar melhor isso com outra negativa. Deus não realiza esta obra em nós direta, mas indiretamente, mediante a verdade. Este é um princípio vital. Muita gente pensa que, devido dizermos que isto é obra de Deus, então é como se fosse algo que Deus faz imediata e diretamente em nossas almas, e nós só temos que aceitar o que Ele faz, apenas temos que "deixar correr e deixar Deus" fazer estas coisas para nós. Todavia isso é um falso entendimento do ensino das Escrituras, especialmente neste ponto. Nas palavras do nosso Senhor, Ele não realiza a obra imediata, mas mediatamente, por meio da Sua Palavra, que é a verdade. E assim Ele não nos ensina a submeter-nos e a submeter todos os pecados a Ele, e a confiar que Ele nos livre de todos esses pecados, ou que tire todos esses pecados de nós. Alguns ensinam que tudo o que temos que fazer, tendo dito a Deus

que desejamos ser libertados, é crer que Ele o fez, e depois, eventualmente veremos que isso aconteceu. Contudo, não é assim que eu entendo o ensino das Escrituras. Não sei de uma única passagem – e falo criteriosamente – que me diga que leve o meu pecado, aquilo que particularmente me deprime, a Deus em oração e Lhe peça que me liberte dele, e que depois eu confie – com fé real – que Ele o fará.

Pois bem, muitas vezes esse ensino é exposto deste modo: a um homem constantemente derrotado por um pecado particular, você deve dizer: "Penso que a sua única esperança é você levá-lo a Cristo, e Cristo o tirará de você". Mas, que é que as Escrituras dizem, em Efésios 4:28, ao homem que se vê constantemente culpado de furto, a um homem que, vendo uma coisa de que gosta, pega-a para si? Que devo dizer a tal homem? Devo dizer: "Leve esse pecado a Cristo e peça-Lhe que liberte você"? Não, o que o apóstolo Paulo lhe diz é o seguinte: "Aquele que furtava, não furte mais". Simplesmente isso. Pare de fazer isso. E, se é fornicação ou adultério ou pensamentos lascivos, também: pare de fazer isso, diz Paulo. Ele não diz: "Ore a Cristo e peça a Ele que o liberte". Não. Vocês parem de fazer isso, como convém a filhos de Deus. Meus amigos, temo-nos tornado anti-escriturísticos. Se vocês querem mais provas, para que ninguém pense que somente Paulo ensina isto, vamos ao ensino do apóstolo Pedro, que é exatamente o mesmo; é o ensino geral das Escrituras, que parece que esquecemos. Lemos em 1 Pedro 1:14 e 15: "Como filhos obedientes, não vos conformando com as concupiscências que antes havia em vossa ignorância; mas, como é santo aquele que vos chamou, sede vós também santos em toda a vossa maneira de viver". É algo que você tem que fazer. Você tem que dar as costas a estas coisas porque você é filho de Deus. Pedro fala sobre isso de maneira ainda mais forte, num sentido, em 1 Pedro 4:1-4: "Ora, pois, já que Cristo padeceu por nós na carne, armai-vos também vós com este

pensamento, que aquele que padeceu na carne já cessou do pecado; para que, no tempo que vos resta na carne, não vivais mais segundo as concupiscências dos homens, mas segundo a vontade de Deus" – ouçam então o argumento – "Porque é bastante que no tempo passado da vida fizéssemos a vontade dos gentios, andando em dissoluções, concupiscências, borrachices, glutonarias, bebedices e abomináveis idolatrias; e acham estranho não correrdes com eles no mesmo desenfreamento de dissolução, blasfemando de vós".

Vocês não devem fazer isso, diz Pedro. Ele não diz: submetam isso a Cristo e peçam-Lhe que os liberte disso. O que ele diz é: tratem de aperceber-se de quem vocês são e parem de fazer isso. Esse é o ensino das Escrituras; elas nos dizem que, se realmente somos o que alegamos ser, temos que parar de pecar e devemos purificar-nos. Elas nos lembram que Deus nos salvou em Cristo e colocou em nós o Espírito Santo. O que devemos aprender a fazer é, não entristecer o Espírito, e sim render-nos aos Seus impulsos e à força e o poder que Ele nos dá. Nós é que somos exortados a fazer estas coisas; Deus não realiza esta obra em nós direta, porém indiretamente.

Não somente isso, por certo devemos concordar que se o outro ensino é correto e que tudo o que preciso fazer com o pecado que me deprime é levá-lo a Cristo, então, por que não devo fazer isso com todos os pecados? Isso significaria que eu me torno perfeito e sem pecado – é o ensino da perfeição sem pecado. As pessoas que sustentam esse ensino costumam alegar que não acreditam na perfeição sem pecado, mas essa é a conclusão lógica do seu ensino. Não, isso não é doutrina bíblica. Antes, a Bíblia ensina que Deus realiza esta obra em nós indiretamente, mediante a verdade, pela Palavra, pelo ensino, pela iluminação, pelo entendimento, tudo isso operado em nós pelo poder do Espírito Santo. E assim, quando passarmos a considerar juntos diversas passagens e seu ensino quanto a esta questão de tão grande importância,

penso que veremos que o argumento da Bíblia, em toda parte, é perfeitamente coerente. Deus realiza esta obra em nós lembrando-nos quem somos. Ele faz isso por meio de admoestações e fazendo com que compreendamos a verdade concernente a Ele; e o argumento é que "qualquer que nele tem esta esperança purifica-se a si mesmo, como também ele é puro" (1 João 3:3).

Ainda não terminamos este assunto. Há outra proposições que devo apresentar a vocês; há outras negativas que necessariamente devo salientar, antes de passarmos a examinar positivamente a grande, gloriosa e transcendental verdade utilizada por Deus para santificar o Seu povo.

5

Santificação – um Processo Contínuo

"Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade."
– João 17:17

Permitam-me lembrar-lhes que ainda estamos considerando a doutrina da santificação, a qual é apresentada inevitavelmente à nossa atenção por esta particular petição que aqui consta, na última e grande oração sacerdotal do nosso Senhor. O nosso Senhor, vocês se lembram, está fazendo algumas petições em favor daqueles homens que Ele está deixando no mundo e de todos aqueles que vão crer na palavra deles. A primeira petição é que Deus os santifique, e que os santifique na verdade e por meio da verdade. Vimos que Ele pede isso porque este é o grande fim e objetivo da salvação, não meramente que sejamos perdoados, e sim que sejamos santificados, que nos tornemos inteiramente devotados a Deus e aptos para passar a eternidade em Sua gloriosa presença. E já examinamos juntos o modo como o nosso Senhor nos diz que Ele Se santifica porque finalmente terá que enfrentar a morte na cruz, com toda a sua vergonha e dor, a fim de que sejamos santificados.

Passamos depois a considerar o método da santificação,

e começamos a consideração disso em nosso estudo anterior. Não foi uma consideração completa, havia muitas coisas de que não tratamos, e agora, ao lhe darmos continuidade, peço a vocês que tenham paciência e que procurem entender que este é um grande e vasto assunto, que não pode ser tratado num breve estudo. Incidentalmente, possa eu comentar de passagem que, se alguém puder apresentar a sua doutrina da santificação num só breve estudo, sugiro que há algo errado em sua doutrina. Talvez a maior crítica a muito ensino popular sobre santificação é poder ser apresentado em poucos minutos. Pois, como veremos, isso é muito diferente do ensino do Novo Testamento.

Sendo, pois, assim, ao examinarmos esta doutrina da santificação, vimos que desde logo é preciso estabelecer alguns grandes princípios, somente à luz deste particular versículo. Vimos que a santificação é obra de Deus e que o meio pelo qual Ele a realiza é na verdade ou mediante a verdade, e, ao assinalarmos esse aspecto particular, lançamos algumas negativas. A primeira foi que isso não significa que Deus faz tudo por nós e que nada temos que fazer. Somos exortados a fazer coisas, e nos é dito que Deus opera em nós para que possamos fazê-las.

A segunda negativa foi que Deus não realiza esta obra direta, mas indiretamente. Ele a realiza na verdade e por meio da verdade. Este, naturalmente, é um princípio que não se aplica apenas a este assunto, à santificação, porém também a muitos outros. Nos dias de hoje há muito interesse na cura pela fé, e às vezes alguns destes amigos parecem deixar de compreender que aqui também Deus opera tanto direta como indiretamente. O uso de meios não significa ausência da fé; estas coisas não são opostas entre si. Nem sempre Deus nos cura diretamente – na verdade a prática comum é Deus curar-nos indiretamente pelo uso de homens, médicos e cirurgiões, medicamentos e operações e diversos

outros meios. É uma grande falácia pensar que Deus sempre tem que estar operando diretamente, ou simplesmente não está operando. O procedimento normal é o método indireto e sugiro a vocês que é isso que ocorre na questão da santificação. Ele a realiza por meio da verdade.

E agora devemos continuar com algumas negativas adicionais. Eu me daria por muito feliz se não fosse necessário apresentar estas negativas, mas, afinal, ensino é coisa que não se destina a ser somente positiva. Não devemos só apresentar a verdade, também devemos advertir as pessoas contra o erro, e é por isso que os argumentos negativos são tão essenciais.

Sendo assim, a próxima negativa que sugiro é que nunca se deve pensar na santificação como experiência, e sim sempre como estado e condição, como obra que Deus realiza em nós pelo Espírito Santo; ou, para usar a linguagem das Escrituras, é o processo pelo qual estamos sendo feitos "conformes à imagem de seu Filho". É assim que Paulo descreve o processo em Romanos 8:29, e essa é a maneira certa de conceber a nossa salvação, que estamos sendo crescentemente conformados à imagem, ao modelo, do Filho de Deus. Esse é o objetivo geral da salvação, fazer-nos cada vez mais semelhantes a Ele. Portanto, é necessariamente uma questão de nossa condição, e não uma experiência que podemos gozar por um tempo e depois perder. Leiam de novo Efésios 2:10, onde Paulo diz: "Porque somos feitura sua" – com o que ele quer dizer que somos algo que está sendo feito por Ele, um objeto que está sendo modelado e formado por Deus, algo que Ele está trazendo à existência. Somos, Paulo continua, "criados em Cristo Jesus para as boas obras, as quais Deus preparou para que andássemos nelas". Isso também deixa bem claro que se trata de uma condição, de um estado, e não meramente de uma posição decorrente de experiência na qual você se vê de tempos em tempos, de

modo que, quando você perde a experiência, você se vê de volta ao ponto onde estava no princípio.

Ou, para dizê-lo com a linguagem do apóstolo Pedro, é uma condição na qual estamos crescendo "na graça e conhecimento de nosso Senhor e Salvador, Jesus Cristo" (2 Ped. 3:18). Estamos crescendo, nos desenvolvendo, progredindo! As Escrituras falam sobre crianças em Cristo, e depois sobre jovens e velhos. Todas essas figuras sugerem crescimento e desenvolvimento, e isso também implica estado e condição, e não meramente experiência. É, pois, uma grave falácia pensar que a santificação é simplesmente uma experiência na qual a pessoa fica, nesse momento, cônscia de bons e elevados pensamentos e livre de todos os maus.

Contudo, falemos com clareza sobre a relação desta condição com a experiência. Visto que é uma condição de santificação, crescimento na graça e desenvolvimento na santidade, obviamente envolve experiência. E sabemos que neste processo, pela graça de Deus, temos experiências que são sumamente úteis para a nossa santificação. Uma incomum experiência da proximidade de Deus ou do amor de Deus leva-nos a querer odiar mais o pecado e a lutar mais pela santidade; faz-nos ter fome e sede de justiça num grau maior do que antes. As experiências são coisas maravilhosas, mas o que estou interessado em salientar é que elas não constituem santificação propriamente dita. A experiência promove a minha santificação e a encoraja, e eu penso que é aí que, provavelmente, surge a falácia, porque é certo dizer que quando temos estas abençoadas experiências, ficamos cientes de que estamos com uma disposição melhor do que a que tínhamos antes. Em conseqüência, as pessoas tendem a identificá-las com a santificação, e daí são tentadas a dizer que, quando não estão gozando essa experiência, de algum modo parecem ter perdido a sua santificação. Mas não perderam, pois, seja qual for a sua experiência, a obra de

Deus na alma prossegue, e graças a Deus que assim é. É uma obra progressiva, e assim, embora agradeçamos a Deus as experiências subjetivas e compreendamos o seu grande valor e a sua importância na obra de santificação, nunca devemos apoiar-nos nelas.

Isso nos leva, então, a outro aspecto negativo, a saber, que, por isso mesmo, não devemos pensar na santificação como algo que se recebe. Pode bem ser que muitas vezes vocês tenham ouvido isso exposto dessa forma. Dizem alguns que quando recebemos a nossa justificação também recebemos a nossa santificação; ela nos é apresentada como uma coisa que podemos aceitar. Mas aqui também me parece que, se compreendemos que a santificação é obra que Deus realiza em nós, separando-nos do pecado para Si, obviamente é algo que não pode ser recebido dessa forma. Como já vimos anteriormente, a obra de santificação é algo que começa em nós desde o primeiro momento em que cremos. Desde o momento em que eu compreendo o que é o pecado e começo a odiá-lo e a desejar ser libertado dele, desse momento em diante o processo de santificação segue firme para diante. Ela é progressiva e não se completa nesta vida e neste mundo. E, portanto, devido a isso, e porque ela progride dessa maneira, é algo que não pode ser recebido num só ato.

Existe grande confusão neste ponto. As pessoas parecem pensar na santificação como se fosse similar à justificação. O homem é justificado uma vez por todas. Essa é uma experiência concreta, uma questão relacionada com minha posição e minha condição. No entanto, a santificação é, por definição, esta obra progressiva, crescente, que nos vai aproximando mais e mais da imagem de Jesus Cristo. Como é que isso pode ser recebido como uma experiência? Não há dúvida de que isso é completamente impossível!

Podemos expressá-lo assim: se a santificação fosse um dom que recebemos de Deus, então, como temos visto

anteriormente, penso que disso decorreria necessariamente que temos que ser crentes com perfeição completa e sem pecado. Todo dom que Deus nos dá é perfeito e inteiro. Deus nunca dá um dom parcial e, se Ele desse a um homem a santificação como dom, este seria completo e perfeito. Portanto, se eu recebesse a santificação, teria que ser feito perfeitamente íntegro e sem pecado, ali e naquele instante. Então, naturalmente, surge a questão: nesse caso, como poderia pecar novamente? Que é que há em mim que eu sempre tendo a responder sim ao pecado? Não, é mais que evidente que a santificação não é um dom que se pode receber como se pode receber o dom da justificação. É antes uma obra contínua, perseverante e progressiva que Deus realiza em nós, para podermos desenvolvê-la com temor e tremor. E de novo somos levados a lembrar-nos daquelas exortações das Escrituras do Novo Testamento a que nos livremos das cobiças pecaminosas – "Aquele que furtava, não furte mais" etc. Todas estas exortações esclarecem muito bem que a santificação não é um dom que se recebe, e sim um processo que Deus está operando em nós.

Permitam-me explicá-lo de outro modo: à luz de todas estas coisas, não devemos pensar na santificação como algo que acontece subitamente. Esse também é um ponto que precisa receber ênfase. Pessoas há que parecem pensar (e aqui elas são lógicas, embora errôneas) que, se a santificação é um dom que se recebe, obviamente deve ser algo que acontece subitamente; você recebe um dom, isso acontece subitamente, e você toma posse daquilo que lhe foi oferecido. Mas certamente isso é incompatível com o ensino do Novo Testamento sobre este assunto. É antes característico das seitas, de uma idéia de santificação forjada pelo homem. Sempre gostamos de fazer as coisas num repente, e de ter imediatamente as coisas que queremos. Vocês vêem, pois, que esses ensinos sempre oferecem uma espécie de atalho

e que constituem apelos dirigidos à mente carnal, porque sempre somos impacientes, sempre estamos com uma pressa desesperada. Mas o versículo que ora estamos considerando torna completamente impossível que a santificação seja algo que acontece subitamente. "Santifica-os", diz o nosso Senhor, "na verdade."

O nosso Senhor já havia dito a mesma coisa em João 8:31,32. Disse Ele disse a alguns homens que pareciam crer: "Se vós permanecerdes na minha palavra, verdadeiramente sereis meus discípulos; e conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará". É, pois, sempre a verdade, e o conhecimento dela é sempre progressivo. Não captamos toda a verdade de uma vez, passamos por estes estágios, da infância à maturidade, de crianças a idosos, por assim dizer, em termos da fé. Vemos a mesma coisa indo de novo a Filipenses 2:12, versículo que tantas vezes tenho citado: "Operai a vossa salvação com temor e tremor" – é uma coisa que você fica fazendo continuadamente – "não só na minha presença" – diz Paulo – "mas muito mais agora na minha ausência". Em todos estes escritos a exortação é a que continuemos firmemente, a que avancemos, prosseguindo com a obra. Esse é o grande apelo que percorre todo o Novo Testamento. Você começou, não pare, continue com isso. E certamente é por isso que este processo não é algo que devemos considerar como acontecendo repentinamente, e é de se admirar que alguém tenha tido uma idéia tão falsa a esse respeito.

Todavia, parece-me que há pessoas que tentam defender essa doutrina segundo a qual nos tornamos santificados repentinamente porque de algum modo acham que estão desonrando Deus se não crerem nela. Mas aí mesmo, penso eu, emerge a falácia. É a falácia a que já me referi, a de pensar que Deus sempre realiza a obra diretamente, e, contudo, como já lhes mostrei com a questão da cura física, por exemplo, a maneira normal de Deus realizá-la é indireta.

Toda cura vem de Deus; nenhuma cura é possível à parte dEle, e devemos compreender isso, quer usemos meios, quer firmemos nossa dependência em Deus somente. Uma pessoa pode usar os melhores meios do mundo, mas se Deus não quiser que ela seja curada, não o será, porque toda cura vem de Deus.

Mas não é só questão de cura. Examinem o método de Deus na natureza, por exemplo; é sempre este método indireto. O meio ordenado por Deus é que o agricultor are a terra, lance a semente, cobrindo-a depois, e espere chegar a colheita, alguns meses mais tarde. Ora, seria igualmente pertinente perguntar por que Deus faz isso. Por que não faz a colheita e o fruto surgirem um dia depois do agricultor ter lançado ao solo a semente? Ele poderia fazê-lo, se quisesse, pois para Deus todas as coisas são possíveis. Por que Deus faz o homem esperar todos estes meses, do tempo da semeadura ao tempo da sega? Ora, é exatamente isso que Deus faz. Ele decidiu que aconteça assim, e, assim como Ele faz isso com o crescimento das coisas da natureza, e com todas as coisas desta vida, com a nossa estrutura física e com tudo mais, vê-se que esse é também o Seu método na santificação. De fato, quando vocês examinam a experiência dos santos através dos séculos, é isso que vocês verão todos eles testificarem.

Tomemos outra ilustração. Por que Deus permitiu que satanás continuasse existindo? Por que ainda temos que esperar pelo dia em que satanás será finalmente derrubado, lançado no lago de fogo e destruído? Satanás foi realmente derrotado pelo Senhor Jesus Cristo na cruz, mas isso aconteceu há cerca de dois mil anos. Alguém poderia perguntar: por que Deus não destruiu satanás imediatamente? Mas esse é o método de Deus. Aprouve a Ele permitir que satanás continuasse existindo e continuasse a perturbar, tentar e atormentar o povo de Deus. Ou também poderíamos perguntar: por que Deus não destruiu logo a morte? Ao

ressuscitar dos mortos, o Senhor Jesus Cristo realmente venceu a morte, e, contudo, ainda é certo dizer que o último inimigo que será vencido e destruído é a morte. Os cristãos ainda estão sujeitos a ela e têm que morrer. Então, por que Deus não a afastou já de nós? Entretanto Ele não fez isso; a morte continua sendo um fato. Aprouve a Deus, digo mais uma vez, deixar-nos sujeitos à morte física, e assim prosseguimos nesta vida e neste mundo. E do mesmo modo vocês poderiam perguntar por que Deus não dá a todo cristão, imediatamente depois que se tornou cristão, saúde perfeita, e não o livra de todas as coisas às quais a estrutura física está sujeita nesta vida e neste mundo. Ele não faz isso porque o tempo todo o Seu método consiste em realizar esta obra de maneira gradativa, progressiva e crescente.

Às vezes penso que aqui também surge confusão porque muitos deixam de diferenciar entre a súbita realização de certos aspectos da verdade e a santificação propriamente dita. Também penso que é desta maneira que muitas vezes surge o ensino falso. Por certo já lhes contaram a historia do homem que sem dúvida foi convertido, mas que levou uma espécie de vida cristã insípida durante vários anos, e então, repentinamente, ouviu falarem sobre um ensino a respeito do qual nunca tinha ouvido, ou o qual ele não captara, e, de repente, desde que viu essa coisa maravilhosa, toda a sua vida mudou. Parece que teve uma segunda conversão, uma extraordinária bênção desceu sobre ele, e nunca mais ele foi o mesmo, depois daquela segunda experiência. Ah, dizem tais pessoas, o que lhe aconteceu naquela altura foi que, ao passo que antes ele estava apenas justificado, agora, em acréscimo, tornou-se santificado, e isso lhe aconteceu de repente.

Pois bem, analisemos esse tipo de experiência. Que foi que aconteceu realmente? Bem, penso que todos nós devemos concordar que, se esse homem tivesse sido convertido de verdade antes da segunda experiência, se realmente se tivesse

visto como pecador, se tivesse percebido que a sua única esperança de salvação é que Cristo morreu por ele e por seus pecados, e se ele estivesse confiando nisso a fim se que fosse libertado do seu pecado e da ira de Deus, a santificação desse homem já estaria em andamento. Como temos visto, você não pode ser salvo sem que o processo de santificação já tenha começado. É impossível pensar na justificação de forma isolada. De modo que a primeira falácia é a idéia de que o homem só estava justificado.

Que dizer, então, dessa nova experiência? Bem, evidentemente, o que aconteceu ali foi que, embora o homem tenha recebido a verdade cristã vital e tenha crido nela, sua percepção dela foi incompleta, e o que indubitavelmente aconteceu com aquele homem foi que passou a aperceber-se de outros aspectos da verdade que até então não havia entendido. Ao captar isso, talvez lhe tenha chegado a possibilidade de uma condição mais santificada, de um maior progresso e crescimento na graça e no conhecimento. Ele chegou a essa percepção repentinamente, e por isso, por assim dizer, ele deu um arranco para frente em sua santificação. Contudo, o que realmente aconteceu com aquele homem não foi que ele estava recebendo a santificação pela primeira vez, porém que houve um visível desenvolvimento e progresso do processo de santificação nele.

Isso também é um fenômeno com o qual estamos familiarizados em muitas outras áreas. Sucede conosco quanto ao conhecimento secular. Quantas vezes você esteve lutando com um problema por longo tempo, e então, de repente, você o vê, e o problema é resolvido? Isso não significa que toda a luta anterior foi inútil. Vejam qualquer destas grandes invenções, ou o progresso na esfera da ciência, ou a aplicação da ciência à vida, e invariavelmente vocês verão que houve um grande substrato de trabalho anterior levando à descoberta final. Pareceria ter saltado subitamente de parte

alguma para um conhecimento absoluto, só porém porque não entendemos tudo o que realmente aconteceu. Nas coisas espirituais certas coisas percebemos talvez de repente, ou talvez gradativamente; a percepção pode ser súbita, mas isso não é santificação. Antes, a percepção de alguma verdade leva à aplicação dessa verdade, e a aplicação dessa verdade pode causar um pulo para frente, um súbito avanço deste processo de santificação.

Por conseguinte, as súbitas percepções da verdade são muito valiosas e úteis. Permitam-me usar uma ilustração simples e caseira. Acaso você já não notou muitas vezes que, na primavera, quando o agricultor semeia a semente, mas o tempo não ajuda, parece que nada acontece – talvez você mal veja que a semente germinou e que está apenas começando a mostrar-se sobre o solo? Então ocorre uma chuvarada e depois o irromper do sol e seu calor. No dia seguinte você vai ver a mesma lavoura, e se espanta. Tudo parece ter acontecido durante a noite. É como se tudo se devesse à chuva e ao sol. Vê-se de repente o crescimento, e você diz de si para si: "Ontem não havia nada, mas veja isso agora!" Todavia, o que foi que realmente aconteceu? Outra vez, naturalmente, a verdade é que o processo estivera em andamento durante semanas. A chuva e o repentino raiar do sol fizeram tudo dar um salto para frente, porém o salto para frente não é o começo do processo, é apenas o seu avanço. Conforme você prossegue, pode ser que veja esse fenômeno repetido muitas vezes: outra chuvarada, outro raiar do sol, outro salto. Mas o processo é um só, e contínuo; é progressivo, e está sempre em desenvolvimento.

E a verdade é que é exatamente assim em toda a questão da santificação. Estou certo de que qualquer cristão, ao olhar para o seu passado, pode testificar a mesma coisa. Você pode ver alguns sinais indicativos, alguns períodos especiais, algumas ocasiões em que as coisas pareceram incomumente

claras, e pareceu a você ter avançado. Houve então ocasiões em que as coisas permaneceram adormecidas e nada aconteceu, até que de novo algo aconteceu. Esse é o processo de santificação. Não é repentino. A experiência e a percepção podem ser, mas a coisa propriamente dita é progressiva.

Isso me leva a meu último argumento negativo, a saber, que nunca devemos pensar na santificação como algo que acontece sem luta e labuta. Aí também, claro, vemos que há um ensino segundo o qual deveríamos salientar que a santificação dá-se sem esforço. Mas eu penso que do ensino que estivemos estabelecendo, segue-se que não pode ser esse o caso. Uma vez mais, a idéia de que estamos livres de toda luta, labuta e tensão é característica das seitas e de falso ensino humano. É por isso que sempre tendem a atrair-nos, porque oferecem algo fácil. No entanto, quando vocês examinam o ensino das Escrituras, a idéia que tenho é que vocês não encontrarão coisa alguma parecida com isso; entretanto, não me refiro somente à luta que há fora de nós, e sim também ao inimigo que ainda há dentro de nós. Dizem-nos as Escrituras que os restos do velho homem ainda estão aí – você não se livra deles – e, enquanto for esse o caso, haverá luta e labuta. O ensino escriturístico sobre a carne envolve a necessidade de luta: "A carne cobiça contra o Espírito, e o Espírito contra a carne" (Gál. 5:17).

"Ah sim", alguém dirá, "mas isso é antes de você receber a bênção da santificação." Espere um minuto! Sejamos honestos. Você conhece alguém que lhe terá dito que ele ou ela foi inteiramente libertado da carne? Não há conflito nenhum dentro de você? Como é fácil adotar uma posição teórica! – É verdadeira na prática? É permitida a permanência da carne, como é permitida a da morte. Deus não nos livra disso. Ele introduz o novo homem, que pode dominar a carne, o velho homem e a velha natureza, mas os restos da velha natureza e da carne ainda estão ali, e isso significa luta, significa conflito.

Por isso somos exortados a não entristecer o Espírito Santo, a não extinguir o Espírito Santo; por isso somos exortados a mortificar os nossos membros, que estão sobre a terra; por isso nos é dito que mortifiquemos a carne e os feitos do corpo. É-nos dito que vigiemos, que nos purifiquemos e nos limpemos, e que combatamos o bom combate da fé. Todas estas exortações surgem, necessariamente, devido a esta luta que há na vida.

Contudo, não devemos esquecer o que eu lancei como o meu primeiro princípio, qual seja, que não somos deixados a engajar-nos sozinhos nessa luta. A obra de Deus foi iniciada em nós. Se afinal você é cristão, o Espírito Santo está em você, e o Espírito Santo lhe dá o poder para lutar. Mas você tem que travar a luta, você tem que despir-se do velho homem e vestir-se do novo – esse ensino é escriturístico, e envolve luta. Todavia não é uma luta desesperada, porque estou certo da vitória final.

Como já vimos em nosso estudo anterior, se isto não é verdade, simplesmente não entendo nem uma só das Epístolas do Novo Testamento, e não sei por que o Novo Testamento foi escrito. Mas estas cartas foram escritas porque estes homens, designados por Deus pastores e mestres, sabiam que os cristãos precisavam ser continuamente exortados a continuarem a peleja e a luta, pois, se não o fizessem, seriam derrotados. Portanto, nós também temos que lutar e temos que efetuar a nossa própria salvação, não com jovialidade banal, e sim com temor e tremor, porque é Deus que opera em nós, tanto o querer como o efetuar, segundo a Sua boa vontade.

Assim é que isso nos leva ao fim dos argumentos negativos, todos os quais foram necessários, não por causa do ensino bíblico, mas por causa de outros ensinos, ensinos falsos. Contudo, tendo tratado dessa forma os aspectos negativos, estamos agora livres para prosseguir com uma

consideração do ensino positivo das Escrituras, que é: "Santifica-os na verdade", "Santifica-os por meio da verdade". Vamos examinar esta bendita, maravilhosa, ampla, compreensiva verdade de Deus, este evangelho plenamente global que não separa a justificação da santificação, mas que declara que é tudo obra de Deus. Vamos considerar uma grande verdade que não pode ser dividida em movimentos separados, um movimento para a evangelização, um movimento para a santificação, um movimento acerca da Segunda Vinda, um movimento acerca disto e daquilo. Não, pois a verdade é uma só e não deve ser atomizada dessa maneira; fazê-lo é antiescriturístico e perigoso. Estamos examinando esta grande verdade em toda a sua prodigiosa plenitude, e vemos como cada aspecto dela se ajusta ao todo, vemos a mão de Deus nisso tudo. Vemos como Ele começa a obra no bebê, e a continua até finalmente chegarmos, completos e perfeitos, "à medida da estatura completa de Cristo".

Queira Deus dar-nos graça para que o façamos, e oxalá todos nós compreendamos que esta não é uma questão teórica, e sim que é aquilo pelo que Cristo morreu, aquilo pelo que Ele próprio Se santificou, a saber, para que nós sejamos santificados e possamos ser habilitados e tornados aptos para permanecer face a face com Deus na glória e fruí-lO para todo o sempre.

6

Uma Verdade Totalmente Abrangente

"Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade."
– João 17:17

Em nossos dois estudos anteriores, estivemos examinando o método de Deus pelo qual Ele nos santifica. Nós firmamos os aspectos negativos e advertimos sobre certos perigos e, portanto, agora estamos em condições de abordar a verdade positivamente. Como já vimos, a grande declaração é que *a obra de santificação em nós é realizada por Deus por intermédio da verdade*. Se dizemos que a nossa santificação dá-se pelo ato de Deus inserir-nos na esfera da verdade a fim de que a verdade aja em nós, então a pergunta vital para nós é, portanto: qual é esta verdade que Deus utiliza para promover a nossa santificação?

Aqui, de novo, há mais de uma opinião. Existem aqueles – e este é o ensino que penso que precisa ser contestado em primeiro lugar – que parecem considerar a verdade à qual o nosso Senhor Se refere aqui como sendo apenas um ensino maravilhoso, especial, que eles ficam repetindo. Mas, certamente, esse é um entendimento completamente falso do que o nosso Senhor quer dizer com a verdade. De fato, o nosso

Senhor, aqui, percebendo logo o perigo, parece-me, salvaguarda-nos contra esse perigo definindo a verdade: "Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade". Que é, então, esta palavra? Pode-se encontrar a resposta neste capítulo, versículos 6, 7, 8, que já consideramos.[1] Não se trata de algum ensino peculiar sobre a santificação que a pessoa segue após a justificação. Não, é a Palavra santa. Diz o nosso Senhor: "Manifestei o teu nome aos homens que do mundo me deste: eram teus, e tu mos deste, e guardaram a tua palavra. Agora já têm conhecido que tudo quanto me deste provém de ti; porque lhes dei as palavras que tu me deste; e eles as receberam, e têm verdadeiramente conhecido que saí de ti; e creram que me enviaste". "A tua palavra é a verdade", diz Ele aqui, no versículo 17 – e essa é a verdade.

Portanto, o nosso Senhor está ensinando que Deus nos santifica por meio da verdade e na verdade. Ele Se refere, em parte, a Seu próprio ensino – a verdade pela qual somos santificados não é só o que lemos em Romanos, capítulos 6, 7 e 8, é todo o ensino dos Evangelhos, esta palavra que Deus tinha dado ao Filho e que o Filho ensinou a Seus seguidores. Não é apenas uma parte da verdade, é a verdade completa. Tudo o que Ele ensina no Sermão do Monte, e tudo o que Ele ensina em toda parte, é tudo isso que Deus usa para levar adiante a nossa santificação.

Mas, naturalmente, não inclui somente isso. Em João, capítulos 14, 15 e 16, o nosso Senhor tinha acabado de falar a estes discípulos que quando o Espírito viesse e lhes fosse dado em plenitude, Ele iria ensiná-los e guiá-los a toda a verdade; é ainda a mesma idéia. O nosso Senhor O descreve como o Espírito da verdade: não simplesmente como o Espírito verdadeiro, contrariamente aos espíritos falsos, mas,

---

[1] No Volume 2, *Seguros mesmo no Mundo*, Publicações Evangélicas Selecionadas, 2005.

de maneira muito especial, como o Espírito por meio de quem a palavra de Deus vem aos homens e às mulheres e é mediada a eles. Diz o nosso Senhor: "Tenho ainda muito que vos dizer, mas vós não o podeis suportar agora; quando vier, porém, o Espírito da verdade, ele vos guiará a toda a verdade" (João 16:12,13, ARA). E, naturalmente, quando o Espírito Santo veio, iluminou estes apóstolos, e temos os ensinos deles registrados para nós nestas diversas Epístolas. Vemos, pois, que a verdade que Deus usa para efetuar a nossa santificação é toda a verdade que temos nos Evangelhos, junto com toda a verdade que temos nas Epístolas do Novo Testamento. Toda a demonstração e doutrina, toda a exortação e os apelos, todo o Novo Testamento, é a verdade que Ele tem utilizado para levar a efeito a nossa santificação. Assim, essa é a nossa definição básica; a verdade acerca da santificação, e a verdade que leva a ela, não é um departamento isolado próprio e específico ao qual você vai depois de haver estado nalgum outro lugar primeiro. Toda a verdade acerca da Pessoa do nosso Senhor é esta Palavra de Deus que leva à santificação.

Por isso, então, devemos considerar esta verdade, porque sem ela a santificação não é possível. Vimos em nossos argumentos negativos que a santificação não acontece como resultado da ação direta de Deus em nós. Não, Ele o faz mostrando esta verdade particular. Portanto, se desejamos crescer na graça e no conhecimento do Senhor e conformar-nos mais e mais à imagem do Filho amado de Deus; se a nossa suprema ambição é conhecê-lO e devotar-nos a Ele, então a primeira coisa que devemos fazer é prestar atenção nesta verdade.

Bem, esta verdade está dividida em muitos aspectos nas Escrituras, mas, antes de passarmos a examiná-los em detalhe, ou em termos destas diferentes facetas, é importante que comecemos examinando a verdade como um todo. Daí, para fazê-lo, devemos recuar e contemplar a grande

mensagem do Novo Testamento que promove a santificação, e devemos dar-nos conta de que há alguns importantes princípios com respeito a ela. Muitos entram em problema na vida cristã, e em quase todas as profissões, porque correm para os detalhes antes de compreenderem os princípios. Para realmente entendermos qualquer ciência ou qualquer ramo do conhecimento, temos que começar pelos grandes princípios fundamentais, e é só quando os temos firmemente em nossas mentes que podemos passar aos detalhes, porque, se não tivermos compreendido os princípios, os detalhes não nos ajudarão. Muitas heresias surgiram porque as pessoas se apressaram a ver os detalhes dessa forma.

Eis aqui, pois, alguns destes princípios que desejo apresentar-lhes para a sua consideração e que se vêem logo na superfície desta verdade do Novo Testamento, desta palavra de Deus. O primeiro é que novamente vemos a importância de não considerar a santificação primariamente do ponto de vista da experiência. A santificação é primariamente a aplicação da verdade a nós mesmos, não primeiramente e acima de tudo ter ou receber uma experiência. Antes, o que acontece na santificação é que Deus toma esta verdade, esta Sua palavra, e pelo Espírito Santo a traz a nós, abre nossa mente para entendê-la e nos habilita a apreendê-la. Sendo assim, depois de termos recebido a verdade e de a termos apreendido, passamos então a aplicá-la a nós mesmos. E o tempo todo Deus nos está habilitando a fazer isso.

Dou ênfase a este grande princípio porque não hesito em asseverar que, talvez, o maior problema que muitos de nós têm nesta questão da santificação seja que tendemos a ficar esperando por alguma experiência, em vez de tomar a verdade, aplicar as nossas mentes a ela e depois aplicá-la inteiramente às nossas vidas. Parece que pensamos que o que acontece é que de algum modo somos colocados numa posição santificada e que, uma vez chegados ali, tudo vai estar

muito bem. Mas nunca se vê isso acontecer – continuamos esperando por alguma experiência. Esse não é o ensino do Novo Testamento, de maneira nenhuma. O que o Novo Testamento diz é que precisamos compreender a verdade acerca de Deus, a verdade a nosso próprio respeito, a verdade acerca do que Cristo fez e faz por nós e acerca da nossa condição e posição.

Essa foi a razão pela qual Paulo elevou aquela oração pela igreja de Éfeso. O que vocês precisam, diz ele, é que sejam iluminados "os olhos do vosso entendimento" (Ef. 1:18), porque, se vocês tão-somente conhecessem a verdade, a sua posição seria mudada. Portanto, não devemos esperar pela experiência e dizer que tudo vai estar bem. Não, o meio para chegar a uma experiência é, antes, ficar na dependência do Espírito Santo, que está agindo dentro de nós, abordar a verdade, estudá-la, procurar entendê-la e captá-la, e depois aplicá-la a nós mesmos. Pois bem, esse é seguramente o argumento de todas as Epístolas do Novo Testamento. Por que afinal foram escritas? Por que não foi enviada apenas uma breve nota a todos aqueles cristãos dizendo "Tudo o que vocês têm que fazer é esperar por uma experiência de santificação"? Não, estas pessoas tinham recebido o Espírito Santo, e assim o que constantemente lhes era dito era que deviam compreender a verdade que lhes fora dada, viver por ela e aplicá-la a si mesmos. Isso vai ficar mais claro quando chegarmos a certas outras coisas.

Exponho assim o meu segundo princípio: a nossa maior e básica necessidade na santificação não é de poder, mas de luz, conhecimento e instrução. Eu coloco isso nessa forma deliberadamente. Penso que é certo dizer que todos nós somos propensos a achar que a nossa necessidade básica é de poder – queremos poder em nossas vidas; achamos que sabemos o que é certo, e queremos fazê-lo, porém de algum modo nos falta poder para fazê-lo, e ansiamos ser revestidos deste poder, poder que nos habilitaria a viver retamente.

"Santifica-os", diz o nosso Senhor em Sua petição, mas é "santifica-os em tua verdade, a tua palavra é a verdade" (VA). Enche-os de conhecimento, diz Ele, dá-lhes o entendimento, aplica a verdade a eles.

Não há nenhuma dúvida de que o diabo nos anima a pensar que a nossa necessidade na santificação é de poder, porque o objetivo do diabo é manter-nos na ignorância. O que ele faz primeiro e acima de tudo é manter-nos na ignorância. Primeiramente ele mantém o mundo todo na ignorância acerca da sua condição e da sua relação com Deus. Ele cega os olhos e as mentes dos homens para que não creiam, cega as suas mentes para a verdade acerca de Deus, acerca deles próprios e acerca da justiça e do juízo. Ele tenta manter-nos fora da esfera da fé cristã, mas, se nós nos tornamos cristãos, a despeito dos seus esforços, ele ainda continua com sua obra e agora tenta cegar-nos para a real verdade acerca de nós mesmos como ela é em Cristo Jesus.

Sugiro-lhes que, enquanto estivermos nesta vida, há um sentido em que até os cristãos sempre terão que lutar na batalha da justificação somente pela fé. Como Paulo assinalou para os gálatas, o perigo é que, tendo começado no Espírito, continuemos na carne, e todos nós somos constantemente confrontados por esse perigo. É sempre obra do diabo, e ele faz isso de modo particular no que se refere à questão geral da santificação. Pensamos que a necessidade que temos é de poder, de modo que não temos que fazer nada senão esperar até que venha o poder, ao passo que o ensino é que a necessidade que temos é de conhecer esta verdade, a verdade acerca de nós mesmos em nossa relação com Deus – "Tendo iluminados os olhos do vosso entendimento, para que saibais qual seja a esperança da sua vocação, e quais as riquezas da glória da sua herança nos santos; e qual a sobreexcelente grandeza do seu poder sobre nós, os que cremos, segundo a operação da força do seu poder" (Ef. 1:18,19).

Quanto aos cristãos, o poder já está em nós. Você não pode ser cristão sem ter recebido o Espírito Santo. "Ninguém pode dizer que Jesus é o Senhor, senão pelo Espírito Santo" (1 Cor. 12:3). Não somos cristãos se não tivermos recebido o Espírito Santo, e isso faz parte da nossa regeneração e do nosso novo nascimento; o dom do Espírito é posse de todo cristão verdadeiramente convertido. Portanto, o poder para viver a vida cristã já está aí. Assim, o que realmente precisamos é conhecer a verdade acerca de nós mesmos como cristãos; precisamos saber que somos filhos de Deus, que os nossos pecados foram perdoados, que fomos reconciliados com Deus e que não temos que preocupar-nos acerca disso. Precisamos ver-nos "assentados nos lugares celestiais em Cristo Jesus". Precisamos saber que até os cabelos da nossa cabeça estão todos contados, e que, por conseguinte, somos um povo especial aos olhos de Deus e necessitamos conhecer algo da bendita esperança que nos aguarda. Esse é o ensino do Novo Testamento. Pois o nosso real problema é que temos a tendência de ter as nossas próprias idéias quanto ao que constitui um cristão, em vez de aceitar a definição do Novo Testamento.

Desejo ansiosamente dar ênfase a isso porque não há nada que seja tão abençoado e que cause tanto alívio quanto a sermos liberados dessa subjetividade que está sempre olhando para si, e ver-nos antes como realmente somos no propósito de Deus delineado no Novo Testamento. O problema é que somos tendentes a ir à Palavra levando conosco estes preconceitos, e realmente não absorvemos o que lemos; não permitimos que a Palavra nos fale. Deixamos de perceber que esta descrição do homem do Novo Testamento deve ser vista como uma descrição de nós também, não somente dos primeiros cristãos, não de uma pessoa ideal, mas uma descrição de cada um de nós, se somos cristãos. O que é vital é, pois, que compreendamos o que somos e, se compreendermos isso, então começaremos a

dar-nos conta do "poder que em nós opera" (Ef. 3:20).

Então, a minha terceira proposição é que muitos dos nossos problemas estão, em última instância, na esfera da vontade. Agora quero dizer isto com todo o cuidado: aqui de novo digo que tendemos a enganar-nos e a pensar que a nossa vontade está totalmente bem, porém que o que necessitamos é o poder para efetuar a vontade. Mais uma vez somos iludidos pelo diabo nesse ponto. Muitas vezes as pessoas tendem a expressar isso da seguinte maneira: "Sabe, eu tenho tentado e tentado durante anos livrar a minha vida desta coisa, e oro a Deus sobre isso". Precisamos fazer uma pausa entre as duas partes dessa declaração, porque geralmente acontece deste jeito: primeiro elas tentam livrar-se pessoalmente do seu problema. Depois vão em busca de alguém que parece especialista nestas questões, e ele diz: "Ah sim, mas naturalmente é justamente aí que você erra. Você tem tentado fazer isso pessoalmente, porém nunca o conseguirá. Você precisa desistir de tentar fazê-lo e deve orar sobre isso – pare com os seus esforços, e apenas ore a Deus sobre isso, peça-Lhe que o tire de você, e o problema desaparecerá". Depois aquelas pessoas lhe dizem que oraram sobre isso, que freqüentaram reuniões e ouviram outras pessoas contarem que os seus pecados foram eliminados de repente, mas elas mesmas continuam sob o mesmo fardo e não sabem o que fazer em seguida. Elas se acham uns fracassos e se desesperam.

Parece-me que há somente um real problema com tais pessoas, e esse problema pertence inteiramente à esfera da vontade. Aliás, elas estão dizendo, ou que Deus não quer libertá-las, ou que não pode libertá-las. Essa é a situação delas. Experimentaram o remédio proposto, tentaram render-se completamente e pediram a Deus que as livrasse desse fardo, mas elas contam que ainda o têm.

Todavia, é aí que surge a dificuldade, e eu entendo que só há uma coisa a fazer neste ponto, e essa é ser brutal e dizer

a estes amigos: "O seu real problema é que você dividiu a verdade. Praticamente o que você está dizendo é que, ou Deus não quer ou não pode tirar esse pecado. Mas o problema é que você realmente não quer livrar-se dele, você gosta dele. Você não está com fome e sede de justiça, você é realmente infeliz em sua mente. Você sabe que aquilo é um mal, porém gosta dele – esse é o problema. É como lemos em João 3:19: "Os homens amaram mais as trevas do que a luz".

A única coisa que se pode fazer com tais pessoas é colocá--las face a face com a verdade e confrontá-las com o fato de que, se elas alegam que são cristãs, com isso realmente dizem várias coisas acerca de si mesmas. Se afirmam que crêem em Deus, e no Espírito Santo, como podem continuar com esse mal particular, seja ele qual for? Cada um de vocês tem que convencer a sua vontade a respeito desta questão, tem que endireitar a sua vontade.

Depois, a quarta proposição é esta: a vontade, segundo eu entendo este ensino do Novo Testamento, nunca deve ser coagida ou forçada a uma decisão. Ora, é preciso dizer isso, mesmo à luz do que há pouco sugeri. Continuo dizendo que com o tipo de pessoas que venho descrevendo você precisa ser franco e mostrar-lhes que o problema delas está na esfera da vontade, porém é muito importante não forçar a vontade ou levá-las a fazê-lo. É preciso mostrar-lhes a verdade para que a sua vontade seja persuadida pela verdade. Permitam-me dizê-lo em termos práticos. Muitíssimas vezes se vê que o que acontece com tais pessoas é que são pressionadas – "Você tem que decidir isso aqui e agora", insistem; sua vontade é forçada, e depois lhes dizem que elas prometeram e que nunca mais deverão voltar atrás.

No entanto, as pessoas que fizeram isso muitas vezes se vêem mais tarde na situação em que a única coisa que realmente as mantêm ali é a sua própria decisão ou a sua idéia pessoal. Ora, isso pode muito bem ser uma coisa boa, no

sentido prático – certamente é uma psicologia extremamente boa – mas é totalmente mau ensino do Novo Testamento, se é que na verdade é ensino do Novo Testamento. Isso porque eu e vocês devemos firmar-nos na posição do Novo Testamento, não por nossas promessas, porém pela verdade. Por conseguinte, devemos compreender que a vontade precisa ser persuadida pela verdade, e que é assim que Deus age. Ele nunca força a nossa vontade, mas, antes, apresenta-nos a verdade de tal maneira que nós a queremos – "Qualquer que nele tem esta esperança purifica-se a si mesmo, como também ele é puro" (1 João 3:3). Assim, o que o Novo Testamento faz é manter diante de nós esta bendita esperança, e, tendo-a visto, dizemos: "Se vou para lá, não posso portar-me deste modo aqui e agora; estou pondo em risco a minha liberdade". A verdade vem até nós, e, quando vemos a verdade, queremos ser libertados do pecado e pertencer a Deus.

Permitam-me pôr isso às claras. Com base no ensino do Novo Testamento, não posso ver nem a mínima justificativa para, numa reunião, convidar as pessoas para que se decidam a alistar-se para a santificação e pressioná-las a que façam isso forçando-as a uma decisão. Se esse procedimento é errado na evangelização, é igualmente errado nesta questão de santificação. Nunca se deve abordar a vontade das pessoas diretamente, porque a vontade sempre deve ser abordada por meio da verdade. Deve-se apresentar a verdade à vontade de tal maneira que a vontade a queira, sinta necessidade dela e a aceite. Isso ela faz livremente e sem sentir nenhum constrangimento, e põe em prática o que desejou receber. Portanto, se alguma vez você for confrontado por alguém que lhe diga que está derrotado e que é escravo ou vítima de alguma coisa, o que cabe a você fazer é lembrar-lhe a natureza geral da verdade. Não tome tempo discutindo o problema particular. Antes, indaga: "Você é filho de Deus?" Fale com ele em termos da verdade, e assim a vontade vai sendo o tempo todo

influenciada pela verdade que está sendo apresentada.

Vou colocar isso na forma de outra proposição. Em conformidade com esta verdade, esta palavra de Deus no Novo Testamento, a santificação não é uma simples questão de sermos libertados de pecados particulares. E então muitas vezes vocês verão que é isso que é ensinado. As pessoas parecem pensar que, se tão-somente pudessem livrar-se deste pecado específico, seriam santificadas. E isso piora muito quando toda a doutrina se centraliza na libertação de um pecado particular. Não, a santificação é questão de estarmos corretamente relacionados com Deus e de nos tornarmos inteiramente devotados a Ele. Santificação é tornar-me positivamente santo. Não significa apenas que não sou culpado de certos pecados porque, no momento em que você começar a pensar nela negativamente dessa forma, você ficará satisfeito considerando-se santificado; mas você pode estar tão longe da santificação, se não mais, quanto o homem que é culpado de um ou de outro desses pecados, porque agora você é culpado de presunção! Santificação é ser devotado a Deus, não somente ser separado do mundo, e sim separado para Deus e para compartilhar Sua vida – é santidade positiva.

Passo, então, a meu próximo princípio, o sexto, segundo o qual o método neotestamentário de tratar de pecados particulares consiste em nunca se concentrar no pecado particular como tal, mas em trazê-lo à luz e ao contexto da posição cristã em geral. Não há como exagerar na ênfase a esse princípio. Falando com base na experiência pastoral, tenho visto na prática que esse princípio específico é provavelmente o mais importante de todos.

Seja-me permitido oferecer-lhes uma ilustração. Lembro-me de que uma vez, há uns vinte anos, uma senhora veio me falar de um problema que se insinuara em sua vida espiritual cristã. Disse-me ela que tinha pavoroso horror e medo de temporais e trovoadas. Aparentemente ela estivera numa

terrível tempestade com trovões, e pareceu-lhe correr perigo de morrer. Daí em diante, foi dominada pelo medo de raios e trovões, e isso chegou a tal ponto que, se ia caminhando para um local de culto e acontecia ver uma grande nuvem, começava a dizer a si mesma: "Vem aí uma tempestade!" Dava-se então um terrível conflito dentro dela, e geralmente ela acabava voltando para casa. Parecia-lhe que o único problema da sua vida era este temor e pavor dos trovões e temporais. Ela me disse que tinha lutado com este problema e que fizera o máximo para descartar-se dele. Consultara muitos cristãos sobre isso, e todos eles lhe disseram que orasse sobre isso e que pedisse a Deus que a libertasse disso. Ela estivera orando por isso durante vinte e dois anos, mas piorou, em vez de melhorar, e ela continuou e me disse quanto ansiava por ver-se livre desse medo que maculava a sua vida cristã.

Pois bem, pareceu-me que a única coisa que se podia dizer a essa mulher era isto – e foi um choque para ela – "Pare de orar sobre este medo particular, pois, enquanto você orar, vai estar se lembrando disso. Você precisa parar de pensar em si mesma em termos de temor. Nunca pense em trovões e tempestades; dê as costas a isso completamente. O que você deve fazer é pensar em si mesma como uma discípula do Senhor Jesus Cristo e como alguém que pertence a Ele. Você é conhecida como cristã e, portanto, reivindica certas coisas. Você deve concentrar-se no cristianismo positivo, não no medo de um dado pecado". E, depois de muita instrução, ela enxergou o ponto, e o medo de trovões e tempestades foi esquecido. Não aconteceu de repente mas, à medida que se concentrou na vida cristã, o temor se foi.

Freqüentemente pessoas me procuram e falam sobre um pecado particular. Elas se concentram nesse único pecado como se toda a vida cristã estivesse apenas nesse pecado. Mas eu adoto a palavra de Paulo em Romanos: "O reino de Deus não é comida nem bebida" (Rom. 14:17). Havia gente na

igreja que parecia dizer que o cristianismo era uma só coisa particular. Que é que você come e bebe? Que dia você observa? Ora, isso não é vida cristã! Por isso, quando alguém me vem falar sobre uma só coisa eu lhe falo sobre a paz e a alegria no Espírito Santo, todos estes elementos positivos, e lhe digo: "Você deve empenhar-se em desenvolver estas coisas e, quando fizer isso, será libertado desse pecado específico". Esse é o método do Novo Testamento; ele nos traz a verdade e nos dá esta gloriosa descrição do novo homem em Cristo Jesus.

O próximo princípio é que a santificação nunca deve ser entendida como um fim em si mesma, e sim como um meio para um fim. Temos aqui também um princípio muito importante. Não devemos fixar nossos olhos só no cultivo de uma vida santa e em livrar-nos de pecados. Digo mais: não deve ser nem mesmo a nossa ambição de sermos homens e mulheres santos. Lembro-me de um homem que me disse: "Sabe, a minha maior ambição é ser um homem santo". Eu lhe disse: "Sim, esse é o seu problema!" A meta, digo e repito, não é nem mesmo sermos homens santos, nem alcançar a santidade, e sim viver em comunhão com Deus. A nossa meta é o conhecimento e o amor de Deus e de Seu Filho Jesus Cristo. A meta não é que eu venha a ser santificado, porém que eu esteja andando com Ele em amizade e comunhão, à luz do conhecimento que tenho de que vou passar a minha eternidade com Ele.

Este é o maior problema que ocorre em todos as ocasiões de quaresma.[2] A concepção católico-romana da santidade e do misticismo, parece-me, erra justamente neste ponto, pois sempre se concentra na condição santa do crente. Se você ler algum manual sobre a vida santa e devota escrito por qualquer católico romano ou místico, em geral verá que está se expondo a esse particular perigo. Eles concentram a atenção

[2] Este sermão foi pregado na quaresma de 1953.

na condição experimental, na experiência, e então, naturalmente, levam você através de diferentes estágios – o estágio do tormento, o estágio da noite escura da alma – até você chegar finalmente ao estágio da santa contemplação.

Lembro que uma vez um homem, um ministro do evangelho, me falou que estava lutando, e num sentido estava realmente dedicando a vida a tentar passar pela experiência da noite escura da alma, porque achava que nunca tinha passado por ela. Pobre homem! Era tudo subjetivo; ele estava preocupado simplesmente em ser um homem santo. Entretanto é aí que entra o erro. Não seria exatamente a mesma coisa que se dá com a observância da quaresma? Observar a quaresma por um certo número de semanas durante o ano é simplesmente concentrar-se em sua experiência. É olhar para si mesmo e tentar tornar-se melhor, impulsionar-se a um nível mais alto. E, incidentalmente, o que estou dizendo não só diz respeito à forma católica-romana de santificação e de santidade; você vê transparecer isso da piedade evangélica também. Quem está ansioso por pensar em si mesmo como piedoso, cai no mesmo erro.

Mas toda a ênfase bíblica é noutra coisa, não nisso, absolutamente, pois a verdade do Novo Testamento, a Palavra de Deus, sempre coloca sua ênfase em termos da nossa relação pessoal com o Pai e com Seu Filho, Jesus Cristo, mediante o Espírito Santo. Noutras palavras, esqueçamos o que diz respeito ao nosso estado e condição. Em vez disso, a única pergunta que preciso fazer a mim mesmo é: "Conheço Deus? Jesus Cristo é real para mim?" A pergunta não é: "Agora não vou ficar mais cheio do pecado do qual eu costumava ser culpado?" Ela não é: "Devo observar certas regras e normas?" Nem é: "Passo bastante tempo lendo e orando?" Não, antes, a pergunta é: "Estou tendo comunhão com Ele?" Se você não conhece esta viva experiência com Deus, então toda a sua retidão negativa de nada vale para você.

E isso me leva ao meu último princípio, que se origina de tudo o que estive dizendo, e é o seguinte: a verdade acerca da qual o nosso Senhor fala é uma grande verdade, uma grande e compreensiva verdade. Você pode ler alguns livros e ouvir certas palestras e ficar com a impressão de que a verdade que leva à santificação é realmente uma verdade muito simples, apenas uma pequena mensagem – tudo o que você tem que fazer é render-se, esperar e ficar olhando. Mas esta verdade, da qual o nosso Senhor fala, é toda a verdade cristã! Inclui todas as Epístolas, todo o Sermão do Monte e o ensino dos Evangelhos. É a Bíblia inteira; é tudo que nos fala algo sobre Deus.

Às vezes ouvimos queixas de que certos tipos de ensino sobre a santificação parecem esvaziar-se, e parecem sem corpo. Não é de admirar, visto que, se você rebaixa a verdade, não pode conseguir outro resultado. Não, a verdade concernente à santificação não se acha somente em Romanos, capítulos 6, 7 e 8 – embora às vezes lhes seja dada a impressão de que só está ali e em nenhum outro lugar – ela está em toda parte! É toda a verdade, este imenso corpo de doutrina; é toda a mensagem cristã. Essa é a razão pela qual desejo reiterar que uma reunião evangelística deve incluir a santificação, se for verdadeiramente evangelística. Se um cristão pode sentar-se e achar que a mensagem não tem nada para lhe dizer, há algo de errado com a mensagem evangelística, pois esta é uma mensagem que fala sobre a santidade de Deus, e imediatamente o processo de santificação lhe dá seqüência conforme ela descreve a hediondez do pecado e fala sobre a morte de Cristo na cruz. Realmente, nunca posso contemplar a cruz sem que ela me faça pensar na minha santificação. É trágico ver que temos dividido estas coisas em departamentos e as temos separado uma da outra. Nenhuma mensagem sobre a cruz, seja qual for, é isolada da santificação; a santificação está envolvida em cada *iota* da verdade, em todo o conhecimento

de Deus e da nossa relação com Ele, quer fale sobre o Concílio Eterno anterior à criação do mundo, quer fale sobre o fato de que fomos preordenados e eleitos, quer fale sobre os principados e as potestades, e sobre uma bendita esperança. É toda a verdade que age em mim mediante o Espírito Santo, e me leva à santificação e a promove. "Santifica-os por meio da tua verdade; a tua palavra é a verdade." "Ó profundidade da riqueza, tanto da sabedoria como do conhecimento de Deus!" É isso! Estamos encarando um mar nunca vazante, este oceano da verdade eterna de Deus, e ser santificado significa uma crescente apreensão dela e uma crescente aplicação dela em nossa vida diária.

7

A Verdade Acerca de Deus

"Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade."
– João 17: 17

Estivemos salientando a tese de que a verdade, esta palavra de Deus que é a verdade que santifica, é ampla, grande e compreensiva, e que é errado considerá-la apenas como uma parte do ensino bíblico e dizer que agora você chegou à verdade da santificação, como se essa estivesse divorciada de todos os outros aspectos da verdade. A nossa ênfase é que representa toda a verdade, cada aspecto da verdade, que, em última instância, é empregada por Deus, mediante o Espírito Santo, em nossa santificação.

Mas, obviamente, apesar de nos aferrarmos a isso, é contudo uma verdade que pode ser subdividida de forma intelectual, sob alguns títulos importantes; as próprias Escrituras fazem isso, e é correto que também o façamos. Deus condescende em nossa fraqueza, e Ele sabe que nos é mais fácil receber a verdade, recordá-la e fixá-la, se apresentada a nós em alguns agrupamentos ou sob alguns títulos. E por isso sempre foi costume da Igreja dividir esta verdade una, grande e compreensiva, a Palavra de Deus que nos santifica, sob diversos títulos. De novo, porém saliento que nada mais são do que títulos ou divisões; não são verdades que podem

ser isoladas e separadas de outras verdades. São simples subdivisões da verdade una, totalmente abrangente e compreensiva. E me parece que não estaremos apresentando fielmente a doutrina da santificação se ao menos não observarmos de relance alguns destes importantes títulos da verdade que santifica.

É evidente que nesta altura não podemos aprofundar-nos em nenhum deles exaustivamente. O objetivo agora é certificar-nos de que alguns princípios chaves são salientados; e, ao passarmos a isso, veremos que não pode haver dúvida ou questão quanto ao que vem primeiro. Pergunto qual seria a sua resposta, se lhe fosse levantada a questão: ao considerar em detalhe a verdade que santifica, qual deverá ser o primeiro título? Qual é a primeira coisa que você quer destacar? Isso é muito importante e, seguramente, o título que sem dúvida deve ocupar a primeira posição é a verdade sobre Deus.

Fico pensando se todos nós começaríamos por esse aspecto. Quero dar ênfase a isso porque penso que todos nós devemos declarar-nos culpados do fato de que há uma tendência e um perigo entre nós (refiro-me agora aos cristãos que pensam na verdade de um ponto de vista realmente evangélico) – embora eu diga isso com temor e tremor – o perigo de tomar esse ponto como ponto pacífico. Com isso me refiro a pressupor Deus, imaginar que, uma vez que somos cristãos, e cristãos evangélicos em particular, não temos necessidade de considerar constantemente a verdade sobre Deus. "Essa é uma verdade", dizemos, "da qual os incrédulos necessitam, naturalmente, porque eles não pensam em Deus; Deus não está em seus pensamentos ou em sua mente; eles levam uma vida sem Deus." Sabemos que precisamos pregar a verdade sobre Deus aos incrédulos, mas achamos que as pessoas cristãs obviamente crêem em Deus, e, portanto, não há necessidade de pregar a elas e de apresentar-lhes

constantemente a doutrina sobre a Pessoa e o Ser de Deus.

Fico imaginando que resultado haveria, se fizéssemos um cuidadoso exame de grande número de palestras e sermões sobre esta questão de santificação. Penso comigo mesmo: quantas vezes a doutrina concernente a Deus foi pregada nessas ocasiões? Penso que acharíamos reveladora a resposta. A tendência, o perigo, é, como temos visto, partirmos da idéia de que a santificação é apenas um departamento da salvação. Esquecemos que o início mesmo da santificação é a doutrina da Pessoa e do Ser de Deus.

Permitam-me ilustrar isto, sempre lembrando que esta é uma questão que devemos abordar cautelosamente. Não seria correto dizer que entre certos cristãos há a tendência de orar ao Senhor Jesus Cristo, e não a Deus o Pai? Não me entendam mal. Não estou dizendo que é errado orar às três pessoas da Trindade santa e bendita separadamente, pois há evidência nas Escrituras de que é certo fazê-lo. Vocês verão, diga-se de passagem, uma tendência muito maior de fazer isso nos hinos. Há muito mais orações individuais às três pessoas separadamente em nossos hinários do que nas Escrituras. Contudo, certamente não se pode discutir o ponto de que nas Escrituras a oração é geralmente dirigida a Deus, em nome de Cristo, através e por meio do Espírito Santo. Não podemos ir a Deus, senão pelo sangue de Jesus. Pedimos tudo em nome de Cristo e por amor de Cristo. Mas, em última análise, a oração é dirigida a Deus o Pai. Estou simplesmente indicando que há uma crescente tendência das pessoas orarem ao Senhor Jesus Cristo, e isto se deve inteiramente à mesma razão, é apenas outra indicação da maneira pela qual, porque a nossa doutrina não se baseia em todos os ângulos no ensino das Escrituras propriamente dita, nós a departamentalizamos e, de um modo ou de outro (é coisa terrível de se dizer), tendemos a esquecer-nos de Deus. Por isso estou dando ênfase ao fato de que a própria Bíblia sempre parte de Deus,

em todos os aspectos. Deus está no princípio, e continua direto até o fim. Ela é um livro sobre Deus. É tudo sobre Ele, e nela tudo é destinado simplesmente a levar-nos a Ele. Por conseguinte, não nos lembrarmos de que a doutrina concernente a Deus é central, e que sempre cobre e domina tudo mais, é, parece-me, cair num gravíssimo erro, pois, se estivermos errados neste ponto, é certo que estaremos errados em todos os outros pontos.

Na verdade, não se dá o caso de que nesta questão de santificação a nossa tendência é sempre começar por nós mesmos, em vez de começar por Deus? Tenho este pecado que me aborrece e que sempre me derruba, este pecado que me derrota, e tenho a tendência de dizer: "Que se pode fazer sobre este pecado, este meu problema? Como posso livrar-me desta coisa? Como posso ter paz?" Eu parto de mim e do meu problema e, tão certo como faço isso quando estou considerando esta doutrina da santificação, de alguma forma ou maneira tão certo é que vou terminar considerando Deus meramente como uma agência que existe para me ajudar a resolver o meu problema. E esta é uma abordagem totalmente antiescriturística do Deus todo-poderoso e para sempre bendito.

Havia um livro, escrito na década de 1930 por um distinguido pregador americano que, diga-se de passagem, era católico romano – livro encimado pelo alarmante título *Religion without God* (Religião sem Deus). O conteúdo do livro era igualmente alarmante, porque terrivelmente verdadeiro. Em muitos aspectos a religião pode ser o nosso maior perigo. Podemos adorar a religião, e podemos ser muito religiosos sem Deus. Quero dizer com isso que podemos ser muito meticulosos na observância de dias, tempos e estações. Podemos jejuar, podemos negar coisas a nós mesmos, e o tempo todo estamos apenas nos centralizando em nós mesmos e pensando em como vamos nos aperfeiçoar e nos tornar

melhores. Estamos tentando tirar certas lições para nós mesmos, e a coisa toda pode realmente ser autocentralizada. Podemos ser altamente religiosos, mas pode não haver nenhum lugar para Deus; ou, mesmo que Ele entre, simplesmente está ali como alguém que pode ser de ajuda para nós. Nós somos o centro da nossa religião; a nossa religião é realmente uma religião sem Deus. E esse é, suponho eu, o último, o supremo pecado.

Contudo, se dermos atenção a estas verdades, a respeito das quais o nosso Senhor fala, veremos que esse tipo de posição ou de atitude é uma completa impossibilidade porque, de acordo com as Escrituras, a primeira verdade da santificação é a verdade do próprio Deus. Um modo muito conveniente de compreender e fixar isso em minha mente é, penso eu, examiná-lo como segue: a condição ou o estado da santificação (permitam-me lembrá-los de que é uma condição e um estado, e não meramente uma experiência dela) é, naturalmente, a antítese da condição e do estado de pecado. A santificação é aquilo que nos separa do pecado para Deus, ao passo que, em última análise, o pecado é esquecer Deus. A essência do pecado não reside na coisa particular que eu faço, mas, antes, na recusa a glorificar Deus como Ele deve ser glorificado. E todas as nossas ações pecaminosas são manifestações dessa doença central que é o esquecimento de Deus – esquecer-nos de Deus.

É por isso que às vezes o pecado é definido, muito acertadamente, como egocentrismo. É egoísmo. O pecado realmente significa que, em vez de vivermos para Deus e por Deus, da maneira que Deus deseja de nós, vivemos para nós mesmos, à nossa maneira, esquecidos dEle, e segundo a moda e os modos do mundo. Assim é evidente, pois, que, necessariamente, a santificação tem que começar disto – a minha relação com Deus. A primeira coisa não é descartar-nos deste pecado particular que está em minha vida. Não!

A primeira coisa só pode ser Deus e minha relação com Ele. É por isso que a Bíblia, sempre e em toda parte, começa com Deus, e é por isso que dizemos mais uma vez que a santificação é aquela condição ou aquele estado no qual o homem vive sua vida continuamente sob Deus e para Deus, e para Sua glória.

Noutras palavras, a principal característica das pessoas que são santificadas é que Deus está no centro das suas vidas. Essa é a primeira coisa que podemos dizer a respeito delas. Antes de fazermos com que elas digam o que fazem ou não fazem quanto a uma ação particular, devemos entender muito bem a coisa central, primária e mais vitalmente importante, que é como a verdade nos santifica. Ela começa pondo-nos face a face com Deus e nos diz a verdade sobre Ele. A Bíblia é, primariamente, uma revelação de Deus. Ela não está primariamente interessada no homem, mas em Deus. Seu propósito é levar o homem a conhecer Deus, e por isso lhe fala sobre Ele.

E aqui também devemos ter o cuidado de tomar a verdade completa porque, com a nossa subjetividade, temos a tendência de só nos interessarmos por Deus do ponto de vista do que desejamos, e assim há sempre a tendência de pensarmos em Deus somente como Salvador. Mas a Bíblia nos fala muito mais que isso acerca de Deus. Ela nos faz uma revelação da verdade completa sobre Deus. Não podemos absorver a revelação toda, porém toda ela é boa. Assim, ela nos fala de Deus como Criador, como também como Salvador. Ela nos fala sobre a Sua grandeza, a Sua majestade, o Seu poder e o Seu domínio. Ela nos diz algo sobre os atributos de Deus. Meus amigos, estou certo de que, ao apresentar-lhes estas coisas, vocês concordarão comigo quando torno a repetir, espantoso e surpreendente como isso possa parecer à primeira vista, que a maior dificuldade de cada um de nós é que esquecemos de Deus e deixamos de compreender quem

Deus é. É por causa da nossa subjetividade que deixamos de compreender, mesmo quando estamos orando, o que estamos fazendo e quem estamos aproximando. Ficamos tão preocupados com nossos desejos e com nossas petições que deixamos de servir a Deus e de aproximar-nos dEle da maneira como as Escrituras em toda parte nos dizem que o façamos.

Consideremos a mensagem de Hebreus, capítulos 9 e 10. O grande tema que ali consta é justamente esta questão de como aproximar-nos de Deus. Vocês vão ao Velho Testamento e vêem todo aquele ritual e cerimonial – acaso foi sem sentido? Por que todos aqueles detalhes acerca da edificação do tabernáculo e do templo? Por que as instruções aos sacerdotes para apresentarem certas ofertas e sacrifícios? Seria tudo isso sem sentido? Não! A resposta é que tudo isso foi designado para ensinar o homem a aproximar-se de Deus, a prestar-Lhe culto. A glória da *shekinah* era algo real e absoluto, e as pessoas não podiam adentrar o "Lugar Santíssimo" a seu bel prazer. Somente um homem entrava, unicamente o Sumo sacerdote, e isso só uma vez por ano, e então sempre com uma oferta de sangue. Todo o Velho Testamento é, num sentido, justamente este grande ensino sobre como devemos apro-ximar-nos de Deus.

"Ah sim", alguém dirá, "mas espere um minuto, isso é o Velho Testamento. Você não percebe que Cristo, tendo vindo, tudo é inteiramente diferente?" É diferente desta maneira, que não dependemos mais do cerimonial levítico, e que em nosso Senhor temos o "grande Sumo Sacerdote". Mas não nos esqueçamos jamais de que o Novo Testamento, à plena luz da revelação do Senhor Jesus Cristo, continua salientando a importância de saber o que fazer quando nos aproximamos de Deus. O fato de eu não entrar no "Lugar Santíssimo" da maneira elaborada como faziam os antigos, sendo que agora entro lá em Cristo, não significa que por isso devo ter menos reverência! Aproximemo-nos de Deus com reverência, e com

santo temor, pois "o nosso Deus é fogo consumidor" (Heb. 12:29).

Portanto, as Escrituras promovem a nossa santificação, a nossa santidade, fazendo-nos lembrar tudo isso; que o Deus a quem buscamos e a quem adoramos é o Criador do universo, o sustentador de todas as coisas. Não há limite para a Sua força e a Sua majestade, para o Seu domínio e o Seu poder. As Escrituras dão ênfase à santidade de Deus de maneira muito especial. Nunca ninguém deu a isso mais ênfase do que o próprio Senhor Jesus Cristo – vocês nunca O ouviram orar, "querido Senhor", ou "querido Pai",[1] mas sim "Pai santo"! Essa é a oração do único que era isento de pecado e que era absolutamente perfeito. Quando Ele Se aproxima de Deus, dirige-Se a Ele chamando-Lhe "Pai santo"! Esta é a verdade que santifica, a verdade que nos lembra que Deus está no céu e que nós estamos na terra; a verdade que nos coloca na melhor postura e posição diante de Deus.

A maior necessidade que todos nós temos é a de sermos humildes; o que mais nos falta é humildade. É toda a nossa abordagem de Deus que está errada, e a primeira grande verdade que é preciso que se nos ensine é esta verdade que sobrepuja tudo mais na Palavra de Deus. É a verdade acerca da santidade de Deus, acerca dos juízos eternos de Deus e acerca da Sua justiça absoluta. É a verdade segundo a qual Deus é o Juiz eterno. "Ah", você diz, "mas eu sou cristão, e certamente não me preocupo com juízo." A Bíblia não lhe diz isso. Toda a Epístola aos Hebreus é uma advertência de que temos que nos defrontar com Deus como Juiz, e como Juiz eterno. Ele é o único que abalou a terra e que agora tem abalado os céus. Ele é o Juiz de todos os homens, e nós temos que comparecer perante Ele.

Isso faz parte da verdade da santificação; não é algo que

---

[1] Muito menos "Paizinho", como já ouvi. Nota do tradutor.

só precisa ser pregado em reuniões evangelísticas. É da própria essência da santificação, e o seu primeiro princípio. O nosso Deus é fogo consumidor! João diz isso desta maneira, quando ensina santificação em sua Epístola. A primeira coisa que ele estabelece concernente à santificação é esta: "Deus é luz, e não há nele trevas nenhumas" (1 João 1:5); Sugiro a vocês, então, que não temos nenhum direito de passar a considerar quaisquer outros aspectos, sejam quais forem, da verdade da santificação, enquanto não compreendermos essa verdade. E depois João, tendo começado com esta ênfase concernente à verdade sobre Deus, salienta de maneira especial, nos versículos subseqüentes, que a salvação é o plano de Deus.

Aqui de novo permitam que eu exponha isso negativamente. Não seríamos propensos, às vezes, a pensar que a salvação é realmente algo que provém do homem? Que Deus simplesmente espera que O busquemos, e que quando O buscamos e Lhe pedimos algumas coisas, Ele em Sua bondade Se agrada em no-las dar? A nossa tendência é pensar na salvação somente do nosso lado. Contudo, a Bíblia a coloca do outro lado. A salvação e o céu são o plano de Deus. São o esquema de Deus. Eles vêm de Deus e dEle se originam.

Diz-nos a Bíblia que o grande propósito de Deus na salvação é separar para Si "um povo seu especial, zeloso de boas obras" (Tit. 2:14). Tudo o que foi feito neste grande projeto de salvação – cada aspecto, cada movimento, cada visão dele – tudo visa a esse fim. Sempre achei que, em toda esta questão de santificação, nada me ajudou tanto como a percepção de que eu sou simplesmente alguém que, como cristão, fui introduzido neste esquema e plano de Deus. Pois, em vez de pensar primariamente em mim, em meus problemas, em minhas necessidades e em meus desejos, acordei para o glorioso, estupendo e emocionante fato de que o grande Deus que planejou este esquema de salvação olhou para mim e me introduziu nesse esquema. Assim, não começo

pensando em mim como eu sou; vejo-me no plano de Deus e no propósito de Deus.

Vocês notarão que estou repetindo isso porque me parece que não compreendê-lo constitui a causa e a raiz de muitos problemas. Kierkegaard, o grande teólogo dinamarquês, que viveu no século passado (século dezenove), cunhou uma frase que veio a ser popular em nossos dias. Disse ele que "religião é subjetividade". Ele viveu num país onde havia um luteranismo ortodoxo que havia morrido e tinha ficado petrificado por longo tempo. O ensino era perfeitamente ortodoxo, nunca diziam nada errado, mas não tinha vida. Kierkegaard viu que essa ortodoxia não tinha valor. Ele dizia que meramente sustentar certo número de noções intelectuais corretas e subscrever um certo número de proposições não era religião. "Não é isso que eu vejo na Bíblia", ele escreveu. "Não é isso que eu vejo nas vidas dos santos. Eles tinham algo vital, algo vívido, algo que lhes acontecera." Por isso ele disse que "religião é subjetividade".

Naturalmente ele estava exagerando na ênfase. Queria chocar as pessoas por sua ortodoxia morta. Nisso ele estava certo, porém no fim foi longe demais. Esse é sempre o perigo quando tentamos corrigir um erro. Se não formos cautelosos, correremos sempre o perigo de começar falando de maneira contundente para chocar as pessoas quanto a um erro, e terminamos indo para outro erro, que é exatamente o oposto daquele que estamos procurando corrigir. Se Kierkegaard tivesse dito que na religião sempre deve existir um elemento subjetivo, estaria certo, mas quando ele diz que "religião é subjetividade", está errado.

Eu estaria igualmente errado, se sustentasse que "religião é objetividade", e não estou dizendo isso. Todavia, o que estou dizendo é que, quando você tende a necessitar de ênfases particulares em diferentes ocasiões e em diferentes épocas, não tenho nenhuma hesitação em dizer que a ênfase necessária

no presente é objetiva, porque somos todos muito subjetivos em nossa abordagem, e esquecemos Deus. A verdade é que devemos começar com o fato objetivo e com a verdade objetiva de Deus, e então pensar nisto como algo nosso em relação àquilo – nosso objeto e nosso objetivo. Devem ser ambas as coisas. Não uma nem a outra; ambas, uma e a outra. A verdade objetiva externa em relação a mim, o plano da salvação, e também o fato de que eu fui introduzido nesse plano, de modo que estou ciente de que Deus cuida de mim, e das coisas que me acontecem.

Mas a minha ênfase aqui é que devemos começar postulando Deus e o fato de Deus, e não simplesmente o nosso temperamento e os nossos estados e sentimentos subjetivos, e os nossos problemas e necessidades pessoais. Essa é, então, a verdade em geral. No entanto, há certas ênfases particulares que também quero mencionar. Que é santidade? Bem, não conheço melhor definição do que esta: "Amarás, pois, ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento, e de todas as tuas forças" (Mar. 12:30). *Isso* é santidade.

Porquanto santidade não é simplesmente você ter certos problemas resolvidos em sua vida, porque você pode ter certos pecados removidos da sua vida, e ainda estar muito longe da santidade. Santidade essencial é uma condição na qual o homem ama Deus de todo o seu coração, de toda a sua alma e de todo o seu entendimento e de todas as suas forças, e quanto mais alto for o grau ou maior a proporção de cada parte da sua personalidade envolvida neste amor, maior será a santificação. Por conseguinte, ser santificado não significa que você não comete certos pecados enquanto está desfrutando aquela experiência particular. Não, esse é um conceito negativo; isso é um corolário.

A essência da santificação é que eu amo o Deus em quem eu creio, o Deus que me foi revelado, e que O amo

com todo o meu ser. Na verdade não hesito em dizer que, se penso na santificação em termos menores que estes, estou sendo antiescriturístico. Esta é a santidade escriturística. Esta é a santidade, a santificação, que é produzida e promovida pela verdade de Deus, porque é a verdade concernente a Deus. Segue-se disso, então – acho que segue diretamente – que o homem que assim ama Deus de todo o seu coração e alma e entendimento e forças, procede assim porque lhe é ordenado que o faça. Para tal homem a principal coisa da vida é glorificar a Deus e proclamar os Seus louvores.

Esse é o argumento do apóstolo Pedro, quando ele lembra às pessoas para as quais escreve que outrora, antes de se tornarem cristãs, elas não eram povo. "Vós, que em outro tempo", diz ele em 1 Pedro 2:10, "não éreis povo, mas agora sois povo de Deus." Vocês, que foram chamados das trevas para a luz, são "o povo adquirido", um "povo peculiar". Por quê? Qual o objetivo disso tudo? "Para que anuncieis os louvores daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz" (1 Ped. 2:9, VA). "Louvores" significa aí "excelências" ou "virtudes"; são os gloriosos, os maravilhosos atributos de Deus. E, portanto, a santificação é aquela condição na qual louvamos Deus por sermos o que somos. Claro está que isso inclui não fazer certas coisas, mas não é somente isso. É muito mais. Sendo o que somos na plena totalidade das nossas personalidades e em tudo o que constitui nossas vidas, revelamos e manifestamos as virtudes e as excelências de Deus. Naturalmente, é para isso que Deus nos chama. Todo o ensino bíblico acerca da nossa filiação de Deus em Cristo é o mesmo argumento. "Sede santos", diz Deus, "porque eu sou santo." Minha razão para ser santo não deve ser que eu parei de cometer aquele pecado para não sofrer remorso e ter necessidade do arrependimento, e para não me sentir miserável e infeliz. Absolutamente não! Devo ser santo porque Deus é santo.

Porventura não é esse o ensino que se vê de capa a capa na Bíblia, tanto no Velho Testamento como no Novo? Por que foi que Deus deu a Israel os Dez Mandamentos? Por que lhes disse em detalhe o que fazer e o que não fazer? A razão que Ele sempre deu foi: vocês são o meu povo; são diferentes de todas as outras nações. Eu os adotei; tomei posse de vocês; eu os criei. Vocês são o meu povo, quero que vivam como meu povo. Quero que todos e cada um de vocês saibam que são o meu povo. Que a vida de vocês seja tal que todo o mundo saiba que vocês são o meu povo. "Sede santos porque eu sou santo." É exatamente a mesma coisa no Novo Testamento. "Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens (ou, entre os homens) para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai, que está nos céus" (Mat. 5:16). "É assim que vocês devem viver", diz praticamente o nosso Senhor no Sermão do Monte, "é assim que eu vivo. Vivo de tal maneira que as pessoas Me vêem glorificando Meu Pai." E quando Ele realizava os Seus milagres, o povo louvava e glorificava Deus.

E eu e vocês devemos viver dessa maneira. Isso é santificação, e é impossível, a menos que entendamos a verdade acerca de Deus. Devemos compreender que toda a nossa vida foi destinada a ser vivida para a glória de Deus. Todo o propósito da salvação é tornar-nos tais que O glorifiquemos, e, portanto, o teste da santificação não é a renúncia dos meus pecados, nem a minha felicidade, nem se eu sacrifiquei muito da minha vida; antes é se eu estou realmente preocupado em viver só e inteiramente para a glória de Deus.

Mais um ponto que devo apresentar é que a essência da vida cristã é que temos amizade e comunhão com Deus. O nosso Senhor já o disse em João, capítulo 17: "A vida eterna é esta: que te conheçam, a ti só, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste". Assim é que, como cristãos, a nossa primeira e grande alegação é que "conhecemos" Deus

e que "conhecemos" o Senhor Jesus Cristo. O privilégio que gozamos como cristãos é que estamos em comunhão com Deus, estamos unidos a Ele.

Portanto, dizem as Escrituras, apercebam-se de quem Ele é e do que Ele é. O apóstolo João desenvolve o argumento para nós em sua Primeira Epístola. A vida cristã, diz ele, consiste essencialmente em andar com Deus nesta existência. Por conseguinte, "Se dissermos que temos comunhão com ele, e andarmos em trevas, mentimos, e não praticamos a verdade" (1 João 1:6). No capítulo dois ele vai adiante e diz: "Aquele que diz: eu conheço-o, e não guarda os seus mandamentos, é mentiroso, e nele não está a verdade" (2:4).

A definição básica da santificação feita por João é clara. Ele ensina que é o conhecimento de Deus que leva a uma vida que corresponde a esse conhecimento. Noutras palavras, estamos interessados nos mandamentos. Quantas vezes, pergunto, vocês ouviram pregar os Dez Mandamentos nas reuniões de santificação e de santidade? Entretanto, nós temos que cumpri-los; isso faz parte da pregação e da verdade, é a palavra que santifica. É a verdade concernente a Deus, porque santificar-se é andar em comunhão com Ele, compreendendo o que fazemos e vivendo para a Sua glória. Portanto, santificação é ainda a verdade sobre Deus, a qual é aplicada em nossa vidas, e o resultado disso tudo é que começamos a entender o que o apóstolo Paulo quer dizer quando exorta: "Operai a vossa salvação com temor e tremor" (Fil. 2:12).

"Oh", você dirá, "mas eu pensava que a verdade sobre a santificação era que ela é aquilo que me livra do temor e do tremor, aquilo que me faz feliz e que elimina os conflitos da minha vida." Mas nós temos que "operar", e "com temor e tremor", porque santificação é essencialmente que estamos em relação com Deus, e que compreendemos o que isso significa. Não é temor covarde – é a reverência e o santo temor

de que fala o autor da Epístola aos Hebreus (12:28,29). É o temor de ferir ou ofender ou prejudicar tal santidade e tal amor. É o temor de macular o propósito e o plano de Deus, o Seu esquema e a Sua perfeita obra que está sendo efetuada em mim, porquanto Ele opera em mim tanto o querer como o efetuar.

Permitam-me resumir tudo isso desta maneira: tenho notado que a Bíblia sempre descreve a santificação em termos de "piedade", "santidade" e "retidão" ou "justiça". Não vejo que a característica descrição bíblica da vida santificada é "vida vitoriosa", ou "vida de vitória" ou de "superação". Estamos familiarizados com estes termos, será que não estamos? Entraram em cena em tempos recentes. Mas a Bíblia descreve a santificação em termos de piedade ou temor de Deus, semelhança com Deus; esse é o termo bíblico – santidade, a qual é uma descrição do próprio Deus.

Temos a tendência de descrever a santificação como "vida vitoriosa" porque pensamos nela em termos de libertar-nos de pecados particulares. "Como poderei ter vitória sobre este pecado? Como conseguirei ter vitória em minha vida?" De novo, vejam vocês, estou começando de mim mesmo – eu quero vitória. Mas a Bíblia descreve a santificação em termos da minha relação com Deus. Quantas vezes vocês ouvem a palavra "santidade" empregada atualmente? Quantas vezes vocês ouvem a descrição de homens como "tementes a Deus"? Essas expressões são bíblicas; até relativamente pouco tempo atrás eram as grandes expressões evangélicas. Contudo, toda a perspectiva mudou. Tornamo-nos subjetivos, e sugiro-lhes que, nessa proporção, tornamo-nos antiescriturísticos.

Naturalmente, se somos cristãos piedosos, teremos nossas vitórias, porém, se você (meu amigo) descreve a santificação somente em termos de "vitórias", seu conceito é negativo. Se a descreve em termos de "santidade", "temor de Deus", "semelhança com Deus" e "retidão", seu conceito sempre

será positivo. E, embora você possa não ser culpado de certos pecados, você se verá como pecador, continuará insatisfeito, mas irá em frente; você ainda terá lutas; ainda se considerará morto para o pecado; ainda estará lutando para alcançar a santidade, faminto e sedento de justiça. Ao contrário, se você vir a santidade apenas em termos de vitória, o grande perigo é o de se sentir satisfeito e contente consigo mesmo, presunçoso, e levar uma vida cristã superficial, incompleta e inadequada.

A primeira mensagem, o primeiro aspecto da verdade, a verdade que santifica, é Deus – o Deus santo, justo, eterno, bendito eternamente, o Deus que, em Jesus Cristo, tornou-Se meu Pai e com quem eu posso andar enquanto for deixado nesta vida, e com quem eu passarei a minha eternidade. Busquemo-lO com reverência e santo temor. Lembremo-nos de que a semelhança com Deus é o fim pelo qual lutamos.

8

A Verdade Acerca do Pecado

"Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade."
– João 17:17

Até aqui vimos que o plano e propósito específico de tudo o que a Deus aprouve, em Sua graça, fazer em Seu unigênito Filho e por meio dEle, é levar-nos ao conhecimento dEle. O nosso Senhor já havia declarado isso muito explicitamente neste grande capítulo que estamos considerando juntos: "A vida eterna é esta: que te conheçam, a ti só, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste". E o que quer que tenhamos experimentado, o que quer que nos tenha acontecido, se não temos este conhecimento de Deus, é duvidoso que estejamos na posição de salvos; e certamente não há valor em quaisquer qualidades morais ou éticas que nos digam respeito, a não ser que elas derivem centralmente deste conhecimento. Por isso vimos que devemos começar pela doutrina a respeito de Deus.

E agora vimos à segunda grande parte da verdade, a qual é, naturalmente, a que decorre por uma espécie de inevitabilidade e necessidade lógica da doutrina sobre Deus, a saber, a doutrina sobre o pecado. Agora devemos considerar o que a Palavra tem para nos dizer sobre o pecado e sobre nós num estado e numa condição de pecado. Se, como digo, a salvação

significa, em última análise, conhecer Deus, então, o grande problema para nós é saber o que é que nos separa de Deus. A resposta bíblica a isso não é que se trata de falta de capacidade natural, nem de inabilidade filosófica. Não, a única coisa que se interpõe entre qualquer de nós e Deus é o pecado, e essa é a grande doutrina que vocês vêem percorrer a Bíblia toda.

Eis aqui também um aspecto da verdade que, por alguma razão, tendemos a negligenciar. Penso que, acerca desta doutrina sobre o pecado, podemos dizer o que uma vez ouvi um homem dizer sobre a observância do *Dia do Senhor*. Disse ele que tinha chegado à conclusão de que o *Dia do Senhor*, como tinha acontecido com o próprio Senhor, estava em perigo de morrer entre dois ladrões, os dois ladrões sendo sábado à noite e domingo de manhã! Disse ele que cada vez mais a noite de sábado foi se estendendo e alongando, fundindo-se com o domingo, e depois as pessoas passaram a começar a manhã de segunda-feira muito cedo, na noite de domingo. O domingo vem a ser apenas algumas horas, na parte da manhã, e então nós pensamos: "Bem, isso já basta, já fomos à igreja uma vez". Assim, o *Dia do Senhor* ficou perdido entre dois ladrões.

Entendo que é igualmente certo dizer algo parecido com isso sobre esta doutrina bíblica referente ao pecado, e me parece que isso está acontecendo desta maneira: quando tratamos com os incrédulos convertidos, inclinamo-nos a dizer: "Ah, você não precisam preocupar-se com o pecado agora, isso virá mais tarde. Tudo o que vocês têm que fazer é vir a Cristo, dar-se a Cristo. Não perturbem as suas cabeças acerca do pecado – naturalmente, não podem entender isso agora. Não se incomodem se têm ou não sentimento do pecado ou profunda convicção, ou se conhecem estas coisas. Tudo o que precisam fazer é vir a Cristo, dar-se a Cristo, e então serão felizes".

Depois, quando tratamos com aqueles que vieram desse

modo, a nossa tendência é, novamente, dizer-lhes: "Naturalmente, vocês não devem olhar para si mesmos, devem olhar para Cristo. Jamais devem ficar se analisando. Isso é errado, é o que vocês fazias antes de serem convertidos. Vocês raciocinavam em termos de si próprios e do que tinham que fazer. A única coisa que devem fazer é ficar olhando para Cristo e para longe de vocês mesmos". Por isso imaginamos que tudo o que os cristãos necessitam é de certa dose de consolo e encorajamento, de pregação sobre o amor de Deus e sobre a Sua providência geral e, talvez, de uma boa porção de exortação moral e ética. E, portanto, vocês vêem, a doutrina do pecado, por assim dizer, fica amontoada num canto. Deixamos de salientá-la tanto antes como após a conversão, e o resultado é que ouvimos muito pouco sobre ela.

Ora, quer vocês concordem com a minha explicação quer não, penso que todos nós devemos concordar com o fato de que a doutrina do pecado tem sido lamentavelmente negligenciada. Sabemos disso instintivamente. Nenhum de nós gosta dela e, motivo pelo qual esta doutrina é tão pouco salientada. E, contudo, quando vocês chegam à Bíblia, vêem-na por toda parte, e por esta razão: ela tem que ser, necessariamente, central. Por que alguém viria a Cristo? Que fazem as pessoas quando vêm a Ele? Que querem dizer quando declaram que crêem nEle? Como é que isso pode acontecer sem que haja algum entendimento do pecado? Amigo, você não pode dar-se, ou não pode dar o seu coração, não pode render-se, não pode usar a expressão "Tome-O como o seu Salvador", a menos que você saiba do que é que Ele salva você.

Por conseguinte, é por certo completamente antiescriturístico favorecer qualquer tipo de evangelização que negligencie a doutrina sobre o pecado. Não há nenhum real sentido ou conteúdo no termo "Salvador" ou "salvação" à parte da doutrina a respeito do pecado, a qual recebe esta

tremenda ênfase em toda a Bíblia. Nossos pais – talvez eu deva dizer nossos avós, e aqueles que os precederam, aqueles que eram do evangelismo realmente bíblico mais antigo – sempre deram grande ênfase ao que eles chamavam nossa "obra da lei". Eles salientavam a importância de uma lei preliminar totalmente abrangente antes de você falar do evangelho e à redenção anunciada por ele, e desconfiavam daqueles que alegavam salvação que não fosse nesses termos. E, quando vocês lerem as suas biografias, verão que eles têm muito a dizer sobre "a praga dos seus próprios corações". Se vocês lerem sobre homens santos como Robert Murray M^{c}Cheyne, e sobre homens daquela geração, e sobre os que os precederam, os homens do século dezoito, verão que essa era a sua terminologia. No entanto, é uma linguagem que de um modo ou de outro caiu no olvido, e eu penso que aconteceu isso da maneira que indiquei.

Mas, afinal de contas, seja o que for que eles disseram e pensaram, o fato que nos confronta é que este é um assunto que se acha em toda parte da Bíblia, no Velho Testamento e no Novo, não podemos ignorá-lo, e é por essa razão que devemos considerá-lo. Opino que é absolutamente vital, para um verdadeiro entendimento da santificação, que tenhamos algum conhecimento da doutrina bíblica sobre o pecado. É só quando nos apercebemos da verdade sobre nós mesmos e sobre a nossa condição, só quando chegamos a aperceber-nos da nossa necessidade suprema, que buscamos Cristo, o único que pode supri-la. Noutras palavras, não há nada em nossa experiência que tanto nos induza a Cristo como a percepção da nossa necessidade e do nosso desamparo.

Imundo, eu vôo para a fonte;
Ó Salvador, lava-me ou morro!

É porque estou imundo que vôo para a fonte, e, se eu não

me der conta da minha necessidade de ser lavado, não irei lá.

Desnudo, veste de Ti eu busco;
E desamparado busco de Ti a graça.
– Augustus Toplady

Estas coisas vão necessariamente juntas. "Não necessitam de médico os sãos, mas sim os doentes" (Mat. 9:12). Se você se sente perfeitamente bem, não vai ao médico. Você nunca fará busca de nenhuma espécie de cura ou de redenção ou de salvação se não estiver cônscio da sua necessidade. E, naturalmente, esse é o problema geral do mundo atual – ele não se apercebe da sua necessidade; por isso não crê no Senhor Jesus Cristo.

Entretanto, em princípio, ocorre a mesma coisa com o cristão. Aqueles que compreendem mais profundamente a sua condição e a sua necessidade são os que buscam mais constantemente o Senhor. Este é o testemunho universal dos santos. Não importa onde viveram, a que século pertenceram. Vocês lêem a vida de qualquer santo de Deus, de qualquer que de tal modo sobressaiu em santidade que alguém achou bom e reto e próprio que fosse escrita uma biografia dele ou dela, e verão que, invariavelmente, esta foi uma característica dessa pessoa. Se vocês lerem suas biografias e seus diários, verão que eles lamentavam o fato do pecado que havia neles e do qual estavam conscientes, esta "praga do seu próprio coração", como o descreviam, aquela coisa que neles freqüentemente viciava o seu testemunho e malhava o que eles realmente desejavam fazer e ser para o Senhor. Invariavelmente, são aqueles que testificam as mais altas e mais gloriosas experiências que, ao mesmo tempo, testificam esta outra coisa. Na verdade, a vida do cristão parece um tipo de elipse que corre entre estes dois pontos focais. Ao mesmo tempo vocês sempre vêem no santo uma

profunda aversão por seu ser e por sua miséria pessoal e, todavia, um júbilo e regozijo no Senhor; e, necessariamente, uma coisa determina a outra.

Mas sejamos um pouco mais específico. Esta é a verdade que a palavra de Deus nos ensina. Ela nos ensina sobre Deus, depois sobre o pecado, e é dessa maneira que ela nos santifica. Existem diversas maneiras pelas quais a Palavra de Deus apresenta este aspecto particular da verdade. Não vou tratar disso exaustivamente, porém permitam que eu lhes ofereça algumas das divisões mais óbvias e gerais.

A primeira maneira pela qual as Escrituras fazem isto é, naturalmente, pelo ensino da lei – a lei de Deus. Há muita coisa sobre a lei de Deus na Bíblia. Ela foi dada originariamente ao homem no Jardim do Éden, e as Escrituras nos dizem que há uma lei escrita no coração de todas as pessoas que nascem neste mundo. Em Romanos, capítulo 2, Paulo ensina que mesmo os pagãos, que nunca ouviram as Escrituras sobre a lei de Deus, têm-nas escritas em seus corações. Ela está também na Bíblia, de modo muito especial, nos termos da Lei que foi dada por meio de Moisés aos filhos de Israel. Vocês encontram o relato no livro de Êxodo, há constantes referências a ela em Salmos, e o assunto também está presente em todo o livro de Provérbios. Estas passagens nada fazem senão aplicar esta Lei que foi dada, fazendo a nação lembrar-se dela. Está em toda parte no Velho Testamento e, na verdade, é certo dizer que simplesmente não podemos entender o Velho Testamento e sua religião, a não ser que tenhamos claro entendimento do lugar e da função da lei de Deus nele.

Depois vocês vêm ao Novo Testamento e ali novamente encontram constantes argumentos concernentes à lei. Mas, qual o seu propósito, se realmente não entendemos o que é a lei? Pois bem, a lei é dada primariamente com o fim de assinalar estes dois pontos: a santidade de Deus e a

pecaminosidade do homem à luz dessa santidade. É interessante observar nesta conexão o modo como os judeus mal entenderam isso, completamente. O real problema deles, como Paulo nunca se cansa de debater, era que eles tinham interpretado de maneira inteiramente errônea o significado da lei. Pensavam que o seu propósito era salvá-los; que Deus lhes tinha dado a lei e com efeito lhes dissera: "Agora, cumpram isso, e serão salvos. Vocês se salvarão cumprindo a lei". Eles a tinham interpretado mal por conveniência; depois levaram adiante a sua interpretação falsa e diziam que tinham cumprido a lei e que eram justos diante de Deus. Essa foi a real essência do erro deles.

O propósito e a função da lei era realmente, como Paulo argumenta em Romanos, capítulo 7, mostrar a excessiva gravidade do pecado: "Logo tornou-se me o bom em morte? De modo nenhum; mas o pecado, para que se mostrasse pecado, operou em mim a morte pelo bem; a fim de que pelo mandamento o pecado se fizesse excessivamente maligno" (versículo 13). A lei não foi dada a fim de salvar o homem ou para que o homem pudesse salvar-se por meio dela. Ela foi dada com um único propósito, qual seja, que o pecado seja definido, que tenha, por assim dizer, a atenção focalizada nele. A humanidade não se dá conta da sua pecaminosidade, e então Deus deu a lei, não para que os homens se salvassem por cumpri-la, mas para que a sua real pecaminosidade fosse exposta. A lei é o nosso "aio" (ou "preceptor") para nos conduzir a Cristo" (Gál. 3:24), essa é a sua única função, mostrar o nosso desamparo e a nossa necessidade da graça e da salvação gratuita. "Por isso nenhuma carne será justificada diante dele pelas obras da lei, porque pela lei vem o conhecimento do pecado" (Rom. 3:20).

Essas são, pois, alguma das declarações escriturísticas, e todo este grande ensino acerca da lei, é dado simplesmente para produzir em nós um senso do pecado. Portanto, segue-se

necessariamente que, se nunca estudamos realmente esta doutrina bíblica, se nunca a aplicamos a nós mesmos, se não estivermos fazendo isso constantemente, significa que não estamos cientes da nossa própria pecaminosidade como deveríamos estar. É isso que os Pais queriam dizer com "obra completa da lei". É só quando eu encaro verdadeiramente a lei de Deus que começo a enxergar o que eu sou.

Também vemos isso no Sermão do Monte. Em sua essência, este sermão é uma exposição e explicação da lei de Deus. É o nosso Senhor mostrando-nos o real conteúdo espiritual da lei, demonstrando a natureza espiritual da lei, denunciando a falsa interpretação feita pelos fariseus e realmente nos levando a ver o que ela nos diz. Ele o faz, seguramente, com o objetivo de levar-nos a compreender a nossa pecaminosidade. A meta do Sermão do Monte é desiludir-nos de todas as idéias sobre justiça própria. É um desmascaramento dos escribas e fariseus e de todos os que tendem a segui-los. Num sentido, o Seu propósito geral é introduzir-nos numa condição na qual seremos "pobres de espírito", na qual "choramos", na qual temos "fome e sede de justiça". Esse é seu apelo óbvio. É no sentido de introduzir-nos na posição e no estado daqueles que são descritos nas bem-aventuranças.

Vemos também o mesmo ensino nas Epístolas. Esse é o sentido destas discussões e destes argumentos acerca da lei, e de expressões como o "velho homem" e o "novo homem", a "carne", a "lei do pecado e da morte" etc. Vocês vêem isto constantemente nas Epístolas, particularmente, talvez, em suas exortações. Elas são feitas a fim de que as pessoas se examinem e se "provem" a si mesmas, para certificar-se de que estão na fé; que "provem os espíritos"; que evitem o falso e se apeguem fortemente àquilo que é verdadeiro. Tudo isso é parte integrante do ensino concernente ao pecado.

Portanto, essa é, em geral, a maneira pela qual vocês

vêem esta doutrina sobre o pecado apresentada nas Escrituras. E isso me leva a fazer a minha segunda pergunta. Qual, em particular, é o ensino sobre o pecado? Bem, obviamente estou tratando disso aqui só do ponto de vista do cristão. Eu daria ênfase a algumas outras coisas se o estivesse apresentando ao incrédulo, mas agora estou particularmente interessado no ensino bíblico concernente ao pecado com relação ao povo de Deus. E aqui vão alguns princípios que sobressaem muito claramente.

O primeiro é a vital e essencial diferença entre pecado e pecados. O maior problema de uma falsa doutrina sobre o pecado é que ela tende a fazer-nos pensar no pecado somente em termos de ações. Tem havido muitas escolas que apresentam falso ensino sobre a santidade, escolas inteiramente erradas porque definem o pecado daquela maneira e, por conseguinte, ensinam que, contanto que não sejamos culpados de pecado espontâneo, voluntário, somos perfeitos, estamos inteira e plenamente santificados.

Todavia, a Bíblia traça uma aguda distinção entre pecados particulares e um pecaminoso estado e condição, e sua ênfase não é tanto no que fazemos como no que somos, a condição em que nos achamos, o que nos leva a fazer estas coisas. Esse é um princípio amplo que a Bíblia propõe em toda parte.

Por conseguinte, para expressá-lo invertendo os termos, a ênfase bíblica é antes no ser do que no fazer. É um estado positivo. Os cristãos não são tanto pessoas que *fazem* certas coisas como pessoas que *são* algo, e, por causa do que são, fazem aquelas coisas. Outra maneira da Bíblia colocar este importante princípio é em seus ensinos de que o pecado é, primariamente, uma atitude errada para com Deus, e uma relação errada com Ele. Novamente vocês vêem que ela define o pecado, não meramente em termos do caráter moral, ético da ação. Ao contrário, ela vai mais atrás e mostra que,

em sua essência, o pecado é uma relação errada com Deus e uma atitude errada para com Ele. Sendo assim, o pecado, definido compreensivamente, é qualquer coisa ou tudo o que nos impede de viver somente para Deus, por Ele e para a Sua glória.

Claro está que aqueles que dizem que, em última instância, o pecado é o ego, estão perfeitamente certos. Estão certos até onde vão, porém não vão suficientemente longe. O pecado é o ego, é egocentrismo e egoísmo. Mas o real problema do egoísmo não é tanto que eu sou egocêntrico, como que não sou teocêntrico. Note que você pode ter ensinos filosóficos, morais e éticos que denunciam o egoísmo. Todos os sistemas idealistas, todos os programas pró-utopia, sempre têm o cuidado de denunciar o egocentrismo. É óbvio que não se pode ter uma sociedade bem ordenada se cada pessoa, homem ou mulher, é por si mesma. Tem que haver dá cá e tome lá. Você concorda que deve considerar a outra pessoa, e que deve pôr certos limites à sua liberdade, para que a outra pessoa goze liberdade.[1] Por isso você pode denunciar o ego como tal, e ainda estar muito longe da doutrina do pecado. A centralização no ego, em todas as suas formas, é pecaminosa, diz a Bíblia, porque coloca o ego no lugar onde Deus deve estar.

Pois bem, se vocês começarem por essa definição do pecado, verão quão abrangente se torna! Vejam, por exemplo, o fariseu que deu graças a Deus por não ser como as outras pessoas. Até certo ponto, ele foi bastante honesto e verdadeiro no que disse. Ele não praticava certas coisas, e praticava outras. Sim. Entretanto, ficava nisso. Se ele compreendesse que a essência do pecado é não estar em correta relação com Deus, ou não ter a atitude certa para com Deus, teria percebido a sua pecaminosidade. Há muitos cristãos que tomam

[1] Na minha infância e adolescência ouvi muitas vezes este dito: "Tua liberdade vai até a ponta do teu nariz". Nota do tradutor.

muito cuidado para não cometer certos pecados externos, porém não são tão cuidadosos quanto ao orgulho e à satisfação consigo, e quanto à presunção e à leviandade; não são muito cuidadosos quanto à rivalidade e à inveja em suas próprias organizações cristãs. Não, eles esquecem isso tudo. O ego está em ascendência, às vezes até no trabalho que fazem, em vez de estar em Deus. Mas, devido pensarem no pecado somente em termos de ações, esquecidos de que primariamente é relação com Deus, eles não tomam consciência da sua pecaminosidade. Contudo, essa é a real essência do pecado – não viver inteira e completamente para a glória de Deus. E não importa quão boas pessoas sejamos, nem quão melhores somos do que outras pessoas. Se não estamos amando o Senhor, o nosso Deus, de todo o nosso coração, e de toda a nossa alma, e de todo o nosso entendimento, e de todas as nossas forças, somos pecadores. "Todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus" (Rom. 3:23). Esse é o ensino bíblico.

Depois, o outro grande princípio é que o pecado é algo profundo em nossa natureza; não é algo que está na superfície. Não é falta de cultura, ou de conhecimento, ou de instrução. Tampouco é como uma pequena mancha na maçã, a qual, sem ela, seria perfeita. Não, ele está no centro, no cerne. Não é meramente algo que está na água corrente, e sim algo que está na fonte da qual vem a corrente. É algo central no ser humano.

A isso também as Escrituras dão ênfase, em toda parte. Paulo se refere a isso como um princípio. Esse é o sentido geral da expressão "a carne", que não significa o corpo físico, mas o princípio presente na vida do homem e que tende a exercer controle sobre ele. De fato, diz a Bíblia que o pecado é tão profundo no homem que nada pode livrá-lo dele ou libertá-lo dele, exceto o novo nascimento. Ensino não é suficiente, como tampouco exortação, nem exemplo. Nem mesmo o exemplo de Cristo é suficiente; num sentido, Seu exemplo nos condena mais do que qualquer outra coisa. Há unicamente

uma esperança, dizem as Escrituras: você tem que "nascer de novo". Tem que ser feito e criado de novo. O pecado é tão profundo no homem que ele precisa de uma nova natureza. O pecado é de fato um problema tão profundo como isto – que nada, senão a Encarnação e tudo o que o nosso Senhor fez tem possibilidade de lidar com ele. E devemos, então, compreender que, embora sendo cristãos e tendo recebido uma nova natureza, o problema continua existindo devido aos restos da velha natureza. Ele não foi eliminado totalmente.

Aí estão, pois, sugiro, os três principais princípios determinantes. Mas ainda devemos dividir um pouco mais o assunto. Se essa é a verdade acerca do pecado, devemos fazer a pergunta: como nos é demonstrada? Por isso nos voltamos para o ensino da Bíblia. Primeiramente e acima de tudo, o pecado é sempre descrito como "errar o alvo", é não estar no lugar em que deveria estar. Você atira e erra o alvo; ou viaja e não chega ao destino certo. Essa é a essência mesma do entendimento bíblico do pecado. É ausência de justiça e de santidade. Nenhum pecador é o que deveria ser, nem o que era quando saiu das mãos de Deus. Não refletimos a glória de Deus como fomos destinados a fazer. Não somos o que éramos quando o homem foi feito à imagem de Deus. A imagem foi maculada. Aconteceu alguma coisa.

Por certo vocês vêem a importância de considerar o pecado dessa maneira. O homem que compreende que essa é uma parte primaria da definição do pecado é o homem que compreende que ainda é pecador. Mas, se você ficar simplesmente observando os bêbados e as prostitutas, ou ações particulares, naturalmente você vai achar que está tudo bem. Você não tem consciência de pecado, e assim não se humilha e não "chora". Você fica satisfeito e contente consigo mesmo; você fica olhando em volta para outras pessoas. No entanto, uma vez que compreenda que fomos destinados a ser santos e justos, e que não o somos, então você vê logo que é pecador.

Mas pecado não é só esta situação de não ser justo e santo, é também uma transgressão positiva da Lei. Considerem o argumento de João sobre isso em 1 João, capítulo 3: "...o pecado é a transgressão da lei" (versículo 4, ARA). Pecado é desobediência aos mandamentos de Deus, e a Bíblia dá tanta ênfase a isso quanto ao aspecto negativo. A nossa dificuldade não é só que não somos o que deveríamos ser, e sim também que deliberadamente fazemos coisas que não devemos fazer. É uma quebra da lei, uma transgressão, é truncar o que Deus indicou ser a Sua vontade.

Sim, mas é pior que isso. É o que é descrito como "concupiscência". Vemos essa palavra em Romanos, capítulo 7, e isso é uma coisa que devemos pregar sempre. "Mas o pecado, tomando ocasião pelo mandamento, obrou em mim toda a concupiscência: porquanto sem a lei estava morto o pecado" (versículo 8). Esta é a maneira bíblica de descrever o desejo – o mau desejo. O problema não é simplesmente que quebramos a lei e fazemos coisas erradas, o problema é também que sempre queremos fazer isso; que sempre nos dá prazer fazer estas coisas; que em nós há sempre uma inclinação para fazê-las; que há em nós algo que faz que sintamos atração por essa desobediência – isso é um elemento da concupiscência.

Contudo, é ainda pior que isso. A concupiscência é uma coisa tão terrível e tão torpe que até a lei de Deus nos inflama. Examinem o argumento de Paulo em Romanos, capítulo 7. Diz ele: "porque, quando estávamos na carne, as paixões dos pecados, que são pela lei, obravam em nossos membros para darem fruto para a morte. Mas agora estamos livres da lei, pois morremos para aquilo em que estávamos retidos; para que sirvamos em novidade de espírito, e não na velhice da lei; porque eu não conheceria a concupiscência, se a lei não dissesse: não cobiçarás. Mas o pecado, tomando ocasião pelo mandamento, obrou em mim toda a concupiscência: porquanto sem a lei estava morto o pecado. E eu, nalgum

tempo, vivia sem lei, mas, vindo o mandamento, reviveu o pecado, e eu morri; e o mandamento que era para vida, achei eu que me era para morte. Porque o pecado, tomando ocasião pelo mandamento, me enganou, e por ele me matou. E assim a lei é santa, e o mandamento santo, justo e bom. Logo tornou-se me o bom em morte? De modo nenhum; mas o pecado, para que se mostrasse pecado, operou em mim a morte pelo bem; a fim de que pelo mandamento o pecado se fizesse excessivamente maligno" (versículos 5 a 13).

O argumento de Paulo é como explico a seguir. Aí está a coisa terrível chamada concupiscência no homem, e ela funciona desta maneira: você diz a um homem, a uma criança, na verdade a qualquer pessoa, que não faça uma coisa. Bem, é coisa boa dizer às pessoas que não façam nada que seja errado, e que façam o que é bom. Sim, diz Paulo, mas é isso que eu tenho visto, e todos nós temos visto a mesma coisa, que o mesmo mandamento que me diz que não faça algo mau, ao chamar a minha atenção para isso inflama o meu desejo de fazê-lo. Dessa maneira, a própria lei me leva a pecar. Não é porque a lei não é reta, boa, justa e santa. Não o permita Deus, diz ele, que alguém diga isso. O problema é esta coisa má em mim chamada concupiscência, coisa que até torna o bem em mal. Para os puros todas as coisas são puras. Para os impuros nada é bom.

É por isso que, como cristão, nunca acreditei no ensino do moralismo. Nem jamais concordei com aqueles que afirmam: "Fale às pessoas sobre os maus efeitos daquele pecado, e isso os manterá longe dele", porque não o fará. Isso inflamará o desejo delas por essa mesma coisa que você lhes está dizendo que não façam. E é por isso que muitas vezes as pessoas se iludem e se contaminam pela leitura de livros sobre tais coisas. Elas dizem que o que querem fazer é ver o mal da coisa. O que realmente acontece é que gostam disso. Elas estão pecando em suas mentes e em suas imaginações.

É isso que concupiscência significa; esta paixão, esta chama, este fogo, que pode até usar mal a lei de Deus e transformá-la numa espécie de fole que atiça a chama. Diga a um homem que não faça algo, e isso o levará a fazê-lo – na verdade, você o está iniciando nisso. Portanto, é coisa perigosa o homem caído pensar desse modo e imaginar que a instrução moral sobre sexo e certas outras coisas vão controlar o problema moral. O efeito é exatamente o oposto; e acreditar nesse tipo de ensino é entender mal o ensino bíblico essencial sobre o pecado.[2] Não, os nossos pais estavam certos. Eles não falavam com suas crianças sobre sexo e moralidade, e havia menos imoralidade do que há agora. É uma coisa perigosa falar sobre estas coisas; é como despejar gasolina no fogo. Concupiscência – esse é o grande argumento do capítulo sete da Epístola aos Romanos.

Finalmente, devo expressar-me sobre isso com estas palavras: o pecado se mostra, diz Paulo, como uma espécie de lei em minha vida e em meus membros. Notem que ele fala sobre a "lei em seus membros" – "Porque, segundo o homem interior, tenho prazer na lei de Deus. Mas vejo nos meus membros outra lei que batalha contra a lei do meu entendimento e me prende debaixo da lei do pecado que está em meus membros" (Rom. 7:22,23). O pecado é isso, com seu terrível poder. Ele é um grande princípio. É uma lei, diz Paulo, e age desta maneira: muito embora saibamos que a lei de Deus é reta, boa, justa e santa, e creiamos nela e até queiramos cumpri-la, vemos que fazemos outra coisa. Por quê? Porque há uma outra lei em nossos membros, esta coisa chamada carne.

Daí Paulo chega à conclusão de que "...em mim, isto é, na minha carne, não habita bem algum" (Rom. 7:18). Como eu disse, Paulo não se refere ao corpo físico, e sim a este

[2] Acabo de ler nas Institutas de Francisco Turretino, obra escrita há séculos, que a força do pecado é tal que homens que chegaram ao mais alto grau de cultura se transformam em "bestas selvagens". Nota do tradutor.

princípio do pecado, a esta lei do pecado, a esta lei nos membros. São todas expressões sinônimas. É esta coisa que governa o homem, de modo que, ainda que eu queira fazer a coisa certa e a subscreva e goste de fazê-la, não obstante me vejo fazendo outra coisa. Esse, como o vejo, é o ensino bíblico em sua essência com relação ao pecado – e sabemos que é isso mesmo.

Mas, quantas vezes pensamos nisso? Quantas vezes meditamos nisso? Quantas vezes sondamos e examinamos a nós mesmos para vermos como anda a nossa culpa? Estaríamos nós negligenciando levianamente estas coisas, empurrando-as para longe, realmente não as encarando? As Escrituras nos exortam a encará-las: por isso colocam diante de nós a lei em toda parte. Precisamos ser mantidos bem por baixo. Precisamos ser humilhados. Precisamos ser convencidos do pecado.

E é somente quando o formos que nos daremos conta da necessidade de santificação. É somente quando o formos que atentaremos para Cristo e buscaremos Seu rosto e buscaremos Deus, é somente quando formos derrubados e humilhados que daremos graças a Deus que toda a salvação, do começo ao fim, é obra de Deus, e não nossa. Isso nos livrará deste tratamento superficial do problema em termos de ações. Isso nos capacitará a ver a nossa verdadeira condição como vendidos sob o pecado e cobertos pela lei do pecado e da morte. Então saberemos que estamos perdidos e condenados e sem esperança, e que precisamos da poderosa operação do Espírito de Deus que, bendito seja o Seu nome, dá-nos nova vida e novo nascimento, e depois, pela aplicação desta abençoada palavra a nós e em nós, passa a aperfeiçoar-nos até que, finalmente, graças à Sua obra e ao Seu poder, estaremos diante dEle sem culpa e sem mancha, e com transbordante alegria.

Queira Deus conceder-nos que entendamos o ensino bíblico – o ensino da Palavra de Deus acerca do pecado – de modo que nos leve a Cristo.

9

Novas Criaturas

"Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade."
– João 17:17

Continuamos agora nossa consideração do método utilizado por Deus para santificar Seu povo, e do fato de que a grande ênfase aqui é que Deus nos santifica, não tanto direta como indiretamente, através e por meio da verdade. Ele nos leva para a esfera da verdade a fim de que a verdade opere em nós. E daí vemos que toda a mensagem bíblica – e de maneira muito especial a mensagem do Novo Testamento – destina-se a efetuar este propósito supremo da nossa santificação. Por essa razão labutamos para salientar a unidade da verdade e de cada parte da verdade que leva à santificação. A verdade sobre a santificação não é um departamento especial ou um aspecto do ensino da Bíblia. Toda revelação de Deus, e tudo o que nos induz à compreensão da nossa posição aos olhos de Deus, levam à nossa santificação e a produzem. Para isso foi necessário que examinássemos a verdade em geral, e agora estamos no processo de lembrar-nos de que esta grande e compreensiva verdade tem aspectos diferentes, ou diferentes ênfases. E, de acordo com a mensagem bíblica, estamos examinando estes diferentes aspectos da verdade que levam à nossa santificação.

Começamos pela grande verdade acerca da Pessoa de Deus. Não há nada que seja mais calculado para tornar santo um homem e para santificá-lo verdadeiramente como a percepção de que ele está na presença de Deus. Não há melhor definição do cristão verdadeiro do que a que o descreve como homem piedoso, homem que anda no temor do Senhor. Essa é, invariavelmente, a descrição bíblica do povo de Deus; evidentemente este é o ponto do qual devemos partir, porque é o centro e a alma de toda a verdade. Mas depois, naturalmente, isso, por sua vez, leva-nos a considerar o que a Bíblia tem para nos dizer a respeito do pecado. Por que não conhecemos Deus, todos nós? Por que não andamos com Ele e não gozamos comunhão com Ele? A resposta é o pecado. E quanto mais compreendermos a excessiva malignidade do pecado, mais o odiaremos, mais o abominaremos e lhe daremos as costas, e nos dedicaremos sem reserva a Deus e à vida que Ele quer que levemos.

Depois, obviamente, isso leva à próxima ênfase. Tendo-nos mostrado a nossa completa pecaminosidade e o nosso completo desamparo, para que não demos lugar ao desespero final, a Bíblia nos apresenta a maravilhosa verdade acerca daquilo que o amor de Deus em Cristo fez por nós e pela nossa salvação. Finalmente, o grande argumento é que foi o nosso pecado que tornou necessário isso, e que Cristo morreu, não somente para que fôssemos perdoados, mas também para que fôssemos libertados do pecado.

Amor tão admirável, divinal,
Requer minha alma e vida, o meu tudo.
– Isaac Watts

"Ou não sabeis... que não sois de vós mesmos? Porque fostes comprados por preço" (1 Cor. 6:19,20). "...ele morreu por todos, para que os que vivem não vivam mais para si, mas para

aquele que por eles morreu e ressuscitou" (2 Cor. 5:15). Se o nosso entendimento da morte de Cristo na cruz não nos faz odiar o pecado e abandoná-lo, e odiar o mundo e abandoná-lo, e dar-nos sem reserva a Cristo, estamos na condição mais perigosa possível. Imaginar que Cristo morreu na cruz simplesmente para permitir que continuemos a viver uma vida pecaminosa e mundana em segurança, parece-me que se aproxima muito de uma forma terrível de blasfêmia. Não existe condição mais perigosa para a alma do que pensar: "Bem, devido eu crer em Cristo e devido eu pensar que Cristo morreu por mim, não importa muito agora o que eu faço". Toda a mensagem que estamos estudando é uma completa negação disso, e é uma solene advertência a que não mercadejemos a cruz de Cristo nem calquemos sob os nossos pés o sangue da nossa redenção. Assim vocês vêem que todos os aspectos da verdade (cada um deles) nos impelem à santidade, e todo o ensino nos concita à santificação.[1]

Mas agora chegamos a outro aspecto da verdade, aspecto também vital para o nosso entendimento deste assunto. Ele nos adverte de que devemos ter claro entendimento da nossa real posição como cristãos, sendo fruto da obra do Senhor Jesus Cristo em nosso favor. Aqui de novo temos um dos importantes temas da Bíblia e uma das maiores ênfases relativas a esta particular questão da santificação: a posição do cristão resultante da obra realizada pelo Senhor Jesus Cristo. É um grande tema, e é exposto em muitos lugares no Novo Testamento, se bem que eu suponho que a passagem clássica é Romanos, capítulo 6. Contudo, não consta somente no capítulo seis de Romanos; tudo o que leva a esse capítulo faz

[1] Desafortunadamente, nesta altura falta um sermão nos originais sobre João, capítulo 17. Contudo, muitas vezes o Dr. Lloyd-Jones dava um sumário detalhado dos sermões da semana anterior, e o legamos integralmente para mostrar, ainda que resumidamente, qual o assunto dos originais que faltam, e como este se liga aos sermões anterior e posterior. (Ed.)

parte do argumento, e ele tem continuidade no capítulo sete. Mas no capítulo seis este tema nos é apresentado numa forma particularmente concentrada.

Vocês notarão que o apóstolo se ocupa desde logo da questão geral da relação entre o sentido da morte de Cristo na cruz e a nossa conduta. Ele imagina que em Roma as pessoas estavam entendendo mal este ensino, como outras tantas vezes tinham sido propensas a fazê-lo. Ele imagina que elas talvez estejam dizendo a si mesmas: "Bem, continuaremos no pecado para que a graça seja mais abundante? Este é um ensino que diz que, agora que cremos em Cristo, não estamos mais debaixo da lei, e sim da graça, e que, portanto, não importa muito o que fazemos; na verdade que quanto mais pecarmos maior será a graça? Seria essa a situação?"

A resposta de Paulo é dada com horror – "De modo algum!" ("Não o permita Deus!", VA). Não permita Deus que alguém argumente dessa forma. "Nós, que estamos mortos para o pecado, como viveremos ainda nele?" (6:2). A coisa é impensável. É um entendimento completamente errado da verdade! E então ele desenvolve o argumento, e o que é importante captar aqui é que o tempo todo ele relaciona a sua doutrina com a prática do cristão. Não se pode separar estas duas coisas. Na proporção em que há separação entre o que cremos e o que somos e o que fazemos, nessa mesma proporção realmente não entendemos a doutrina; porque há certas coisas que são absolutamente indispensáveis. Por isso o Novo Testamento está repleto de testes que os cristãos devem aplicar a si próprios. Há o perigo de nos iludirmos e falsamente imaginarmos que somos cristãos. A Primeira Epístola de João trata, toda ela, de uma só coisa – os testes da vida cristã – a maneira pela qual devemos examinar a nós mesmos. Não adianta, disse o Senhor Jesus Cristo, alegar, "Senhor, Senhor", se você não observa e não cumpre os meus mandamentos. "Muitos me dirão naquele dia: Senhor, Senhor, não

profetizamos nós em teu nome...?" (Mat. 7:22). Não fizemos isto e aquilo? E Ele responderá: "Nunca vos conheci: apartai-vos de mim..." (versículo 23). Eles pensavam que criam nEle. Eles diziam "Senhor, Senhor", mas Ele nunca os conheceu. Devemos, pois, examinar-nos muito cuidadosamente, e, ao mesmo tempo, devemos fazer isso sempre firmemente agarrados à nossa doutrina, à nossa prática e à nossa conduta. Vida e fé são indivisíveis; têm que andar juntas.

Pois bem, é assim que o apóstolo Paulo conduz este grande argumento em Romanos, capítulo 6, e aqui eu desejo examiná-lo de maneira muito especial com vocês. O grande princípio pelo qual devemos começar é, parece-me, que a certeza da nossa salvação, da nossa posição diante de Deus e do perdão dos nossos pecados é uma necessidade absoluta nesta questão de santificação. Permitam-me dizê-lo assim a vocês: não hesito em dizer que a falta de certeza é um dos maiores empecilhos na vida cristã porque, enquanto você não tiver certeza, estará inquieto e preocupado, e isso tende a levar à depressão. Tende a fazer que giremos em torno de nós mesmos, e a promover morbidez e introspecção; e, obviamente, nessas condições nos tornamos presa fácil do diabo, que está sempre por perto para levar-nos ao desânimo e a sugerir-nos que realmente não somos cristãos.

A tese que estou defendendo é que o estado de depressão espiritual não é só mau em si e por si, mas que é possivelmente o maior obstáculo para o processo geral de santificação. Isso realmente nos diz respeito em todos os aspectos, não é? "A alegria do Senhor é a vossa força", diz Neemias (8:10). E quanta verdade há nisso! Não importa que trabalho você está fazendo, se não se sente bem, não o fará bem. Se está preocupado consigo, ou tem algum aborrecimento ou algo em sua mente e em seu espírito, isso afeta todo o trabalho que você faz. Nunca poderá trabalhar bem, enquanto houver esse tipo de divisão dentro de você. Trabalha bem quem está sem

preocupações e faz o seu trabalho com alegria.

No presente está sendo dada muita atenção a toda esta questão. É um dos maiores problemas da nossa civilização, assim chamada. A humanidade é infeliz, daí todo o seu interesse pela psicologia. Simplesmente se está vendo que, se as pessoas não se sentirem felizes, não trabalharão bem. Tudo isso é igualmente certo na vida espiritual, e não há como questionar o fato de que uma dúvida ou uma incerteza acerca da minha real posição diante de Deus, uma dúvida quanto a se sou cristão ou não, constitui um grande empecilho para a santificação. Noutras palavras, quem luta com suas próprias forças para fazer-se cristão, nunca será santificado.

Nem por um momento hesito em falar tão fortemente como estou falando. Alguém pode ser muito piedoso, porém há toda a diferença do mundo entre piedade e santificação. O homem verdadeiramente santificado é piedoso, mas você pode ser piedoso sem ser santificado. Quero dizer com isso que há pessoas cuja vocação completa na vida é serem religiosas. Vocês estão familiarizados com isso, talvez, numa forma altamente organizada no catolicismo romano. Essas pessoas entram na vida devota e fazem distinção entre os "religiosos" e os "leigos". Ora, nós discordamos inteiramente disso, e estou simplesmente usando esse fato para mostrar que, com seus esforços e com seu estrênuo empenho, estão tentando fazer a si mesmas cristãs.

Mas o ensino do Novo Testamento é que, enquanto você tentar fazer-se cristão, nunca o será, e, se você não é cristão, não pode ser santificado. Os únicos que Deus santifica são os Seus, os cristãos. Por isso sustento que a certeza da posição diante de Deus é um elemento preliminar e essencial deste processo de santificação.

Portanto, devemos começar com isto, e por isso surge a questão quanto a podermos chegar a esta certeza. E aqui devemos partir da grande doutrina bíblica da justificação.

"Ah", alguém dirá, "aí está você. Você está trazendo novamente à baila aqueles velhos termos. Estas expressões jurídicas do apóstolo Paulo são obsoletas. "Justificação" – não me interesso por teologia, nem pela justificação!" Bem, meu amigo, tudo o que lhe digo é que, se você não se interessa pela justificação, posso assegurar-lhe que você é ignorante quanto à santificação. A justificação é uma necessidade total e absoluta. Não haverá certeza se não houver claro entendimento da doutrina da justificação. Por que as Escrituras nos falam tanto sobre ela? Por que a expõe como o fazem? Seria simplesmente para expor doutrina? Naturalmente que não! Todas estas cartas foram escritas com objetivo e intenção muito práticos. Foram escritas para ajudar as pessoas, para animá-las e fortalecê-las, e para mostrar-lhes como se vive a vida cristã nos quefazeres comuns. E, portanto, esta doutrina da justificação é um elemento essencial absoluto, porquanto sem ela nunca assumiremos de fato a verdadeira posição cristã, nem começaremos a gozar suas grandes bênçãos.

Qual é então o ensino? Bem, o grande argumento de Romanos é que "somos justificados gratuitamente pela sua graça" (Rom. 3:24). Isto significa que Deus declara e proclama que eu e vocês, que cremos no Senhor Jesus Cristo, estamos sem culpa. Aqui estamos nós – somos pecadores. Temos cometido pecado, como o tem cometido o mundo inteiro. "Não há um justo, nem um sequer." Não somente nascemos em pecado, temos cometido deliberados atos de pecado. Claro está que o maior pecado de todos é não vivermos nossas vidas inteiramente para Deus, não O glorificarmos como Ele pretendeu que fizéssemos, não cumprirmos o propósito para o qual Ele nos criou. Todos nós temos pecado diante de Deus. Quebramos Suas leis e Seus mandamentos; somos todos pecadores culpados, merecedores de nada menos do que a punição e a retribuição.

Mas esta é a admirável mensagem, e é isso que a

justificação significa – que Deus nos diz que, como resultado da obra realizada pelo Senhor Jesus Cristo, por Sua vida, Sua morte e Sua ressurreição, se cremos nEle e nos confiamos única e inteiramente a Ele, Deus perdoa os nossos pecados e nos absolve. Não somente isso, Ele declara que estamos livres da culpa. Mais que isso, a justificação inclui o seguinte: Ele não somente declara que estamos perdoados e absolvidos, e que estamos sem culpa; também declara que somos positivamente justos. Ele imputa a nós, isto é, Ele põe em nossa conta, a justiça do próprio Senhor Jesus Cristo, que era inteiramente livre de pecado, que nunca falhou com Seu Pai em nenhum aspecto, e que nunca quebrou um mandamento nem transgrediu nenhuma lei. Deus nos dá – coloca sobre nós – a justiça do Senhor Jesus Cristo, e depois olha para nós e proclama que somos justos aos Seus santos olhos. Essa é a doutrina bíblica da justificação.

Observem agora de que modo estou expondo isto; estou salientando esta proclamação de Deus, e faço isso muito deliberadamente porque a doutrina da justificação é o que se pode chamar uma declaração forense ou legal. É a proclamação ou a promulgação de uma sentença. A figura que devemos ter em mente é a de um juiz sentado em sua cátedra, e ali estamos nós, no banco dos réus, acusados pela lei, por satanás e por nossa consciência, mas sem nada para alegar e sem escusa. E ali está o Senhor Jesus Cristo proclamando que viveu e morreu por nós, e que pagou a penalidade em nosso favor. Depois Deus, o Juiz eterno, proclama que aceita isso e que portanto, daí em diante, nos considera isentos de culpa. Nossos pecados estão apagados, como que cobertos por uma espessa nuvem. Ele os lança no mar do Seu esquecimento e os atira para trás de Si – lá se vão eles, e se vão para sempre!

Não somente isso; diz Ele que nos considera à luz desta justiça do Seu Filho, e assim nos proclama livres de culpa e revestidos da justiça do Senhor Jesus Cristo. A Bíblia usa

muitas analogias para expor esta idéia; eis uma delas: é como se tivéssemos nossas roupas rasgadas, quase feitas trapos, sujas e cobertas de lama, o lodo e a imundície do mundo. De repente tudo isso é tirado de nós e somos vestidos com o manto mais vistoso, glorioso e perfeito, sem mancha alguma em sua alvura e em sua pureza; a transformação é completa e o quadro muda completamente. Tudo foi feito em nosso favor gratuitamente e sem nos custar nada.

De fato, podemos descrever a doutrina da justificação desta forma: se cremos no Senhor Jesus Cristo e Lhe pertencemos, Deus nos considera como se nunca tivéssemos cometido nenhum pecado. Nada menos que isso! Acontece realmente que Deus, em toda a Sua santidade e à luz da lei e de tudo mais, olha para nós e então, havendo-nos dessa forma coberto com a justiça do Seu Filho, vê-nos em Cristo e nos considera como se nunca tivéssemos cometido pecado algum. Se cremos em algo menos que isso, não estamos crendo na doutrina neotestamentária da justificação somente pela fé; que estamos justificados gratuitamente pela graça de Deus. Essa é a doutrina, e eu gostaria de salientar que ela é o elemento preliminar essencial deste processo de santificação que Deus então opera em nós e faz acontecer por meio desta verdade maravilhosa. Esse é o argumento que você deve derivar da obra realizada por Cristo na cruz, e da ressurreição.

Mas, evidentemente, esse é somente o ponto de partida essencial. É um ponto que devemos ter sempre em mente, porém não devemos parar aí. Devemos prosseguir e dizer que, não somente somos assim declarados justos no sentido forense e de maneira legal, mas também que estamos de fato em união com Cristo e ligados a Ele. Vocês não podem ler o Novo Testamento, ainda que às pressas, sem notar esta frase – "em Cristo", "em Cristo Jesus". Os apóstolos ficam repetindo isso, e essa é uma das declarações mais significativas e mais gloriosas das que se encontram em toda a esfera e gama da

verdade. Significa que estamos ligados ao Senhor Jesus Cristo; tornamo-nos parte dEle. Estamos nEle. Pertencemos a Ele. Somos membros do Seu corpo.

E o ensino é que Deus nos considera tais; significa que agora, nesta relação, somos participantes de tudo o que diz respeito ao Senhor Jesus Cristo. Noutras palavras, a nossa posição diante de Deus não somente é legal – é legal, e devemos partir daí – mas vamos além da posição legal, chegando a este fato vital, que a nossa posição é em Cristo.

Agora devemos observar o apóstolo conforme desenvolve isso em Romanos, capítulo 6. A primeira coisa que realmente nos diz respeito, diz ele, é que morremos com Cristo e fomos sepultados com Ele. "Que diremos pois? Permaneceremos no pecado, para que a graça abunde? De modo nenhum." Por quê? Porque, "Nós, que estamos mortos para o pecado, como viveremos ainda nele?" (versículos 1,2).

"Mas", alguém poderia perguntar, "que é que você quer dizer quando afirma que estou morto para o pecado? Eu estou na carne e continuo sendo a mesma pessoa, e continuo no mesmo mundo. Que você quer dizer quando afirma que estou morto para o pecado?" Ora, continuemos a ler: "Ou não sabeis", diz Paulo, que todos quantos fomos batizados em Jesus Cristo fomos batizados na sua morte? De modo que fomos sepultados com ele pelo batismo na morte; para que, como Cristo ressuscitou dos mortos... assim andemos nós também em novidade de vida. Porque, se fomos plantados juntamente com ele na semelhança da sua morte" – se isso é verdade – "também o seremos na da sua ressurreição" (versículos 3-5).

Paulo fica repetindo e desenvolvendo essa verdade. Entretanto, nós entendemos bem isso? Acaso compreendemos que, como cristãos, temos que fazer estas asserções acerca de nós mesmos? Como já vimos, a primeira asserção que devo fazer é que, uma vez que estou ligado ao Senhor

Jesus Cristo e sou parte dEle, tudo o que é verdade a Seu respeito é verdade a meu respeito, e, portanto, a primeira coisa que, de imediato, é certo a meu respeito é que tudo o que aconteceu com Ele em Sua morte, aconteceu comigo também. Esse é o argumento – eu estou em Cristo.

É importante que não tomemos este capítulo só por ele, porém junto com o capítulo anterior. Ali a grande declaração foi que todos nós estávamos em Adão. E assim nós pecamos em Adão. Tudo o que Adão fez foi imputado a nós e se tornou real a nosso respeito. Exatamente da mesma maneira, tudo o que é certo sobre Cristo é certo sobre nós, porque é tudo imputado a nós. E esta é a primeira coisa: o Senhor Jesus Cristo nasceu de mulher, nasceu sob a lei. Ele viveu Sua vida neste mundo sob a lei de Deus. A lei fez suas exigências a Ele e, se Ele tivesse quebrado qualquer ponto dela, sofreria as conseqüências. Mas Ele a cumpriu perfeitamente. Não somente isso; Ele morreu sob a lei. Ele tomou sobre Si os pecados dos homens, os quais tinham sido condenados pela lei, e por eles morreu, sob a lei e para a lei.

E assim, daí por diante, a lei não tem mais nada para dizer a Ele, nem para fazer com Ele. Ele morreu para a lei uma só vez, e o que Paulo diz é que isso é igualmente certo a meu respeito. Diz ele que, como cristão, como alguém que está em Cristo, terminei com a lei, ela não tem nada para fazer comigo, e eu estou morto para ela. Paulo continua a desenvolver isso em Romanos, capítulo 7, com sua figura da relação conjugal. Diz ele que outrora o cristão era como uma mulher casada que estava ligada a seu marido enquanto ele vivia. Mas quando o marido morreu, ela deixou de estar ligada a ele e ficou livre para tornar a casar-se. Diz ele que essa era exatamente a nossa situação; outrora estávamos casados com a lei, porém essa ligação foi terminada e, portanto, agora estamos casados com outro, sim, com Cristo. É por isso que todos nós, como cristãos, devemos poder entoar as

palavras do hino de Augustus Toplady:

Os terrores da lei e os de Deus
Comigo nada mais têm a fazer;
A obediência e o sangue de Jesus
De Sua visão ocultam meus pecados.

"Portanto agora nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus" (Rom. 8:1) – nenhuma. Do ponto de vista da salvação, estamos mortos para a lei; terminamos com ela.

Não somente isso, diz Paulo, estamos igualmente mortos para o domínio de satanás. Ele desenvolve esse ponto aqui – "O pecado não terá domínio sobre vós" (Rom. 6:14). Você não está mais sob o domínio do pecado. Fomos transferidos do reino das trevas para o reino do Filho amado de Deus. Fomos retirados de toda a esfera governada por satanás; estamos mortos para isso.

Este é também um aspecto vital da verdade em sua aplicação prática. "Todo o mundo está no maligno", diz o apóstolo João em sua Primeira Epístola; "e o maligno não nos toca" (1 João 5:19,18). Ele não pode tocar-nos. Não pertencemos ao reino de satanás; pertencemos ao reino do Senhor Jesus Cristo. Satanás está governando, regendo, controlando e dominando as vidas de todos os que não pertencem a Cristo. Quer eles o saibam quer não, esse é um fato absoluto. Ele os está simplesmente oprimindo e controlando completa e absolutamente. Não conseguem mover-se sem ele. Mas o cristão é alguém que foi retirado disso e colocado noutro reino. Ele terminou com o domínio de satanás.

"Ah sim", talvez você diga, "mas nós ainda pecamos, e satanás ainda pode derrubar-nos." Sim, não porém porque você esteja em seu domínio, mas porque é bastante tolo, pois, tendo sido retirado do seu domínio continua a dar-lhe ouvidos. Ele não tem autoridade sobre você, absolutamente nenhum

poder, e, se você se rende a ele, é inteiramente devido à sua loucura. Estamos mortos para satanás bem como mortos para a lei, e estamos igualmente mortos para o pecado. "Nós, que estamos mortos para o pecado, como viveremos ainda nele?", Paulo pergunta. Aqui ele se refere ao domínio do pecado, e se expressa de forma positiva, dizendo: "O pecado não terá domínio sobre vós". Vocês podem cair em tentação, porém isso não significa que o pecado tem domínio sobre vocês. A vida de vocês não é mais controlada pela perspectiva pecaminosa. Vocês não estão vivendo mais no reino do pecado. Vocês não "vivem pecando", como diz 1 João, capítulo 3 (ARA, versículo 6). Nós estamos mortos para tudo isso.

Sim, mas devemos ir ainda mais adiante: o cristão é alguém que está morto até para o seu velho ego, para a sua velha natureza, para aquela condição que ele herdou de Adão. Todos nós nascemos com esta natureza adâmica governada pela paixão, pela luxúria e pelo desejo, e controlada pela maneira de ser do mundo. Não preciso segurar vocês neste ponto: todos nós estamos familiarizados com isso. A tragédia que acontece com os homens e com as mulheres que se gabam da sua liberdade por não serem cristãos, é que são completos e absolutos escravos do modo de ser e de agir do mundo. Observem as pobres criaturas quando as virem retratadas tão constantemente nos jornais, todas fazendo a mesma coisa, indo aos bandos para lá e para cá, como ovelhas. Nunca pensam; sempre se deixam levar pelo que está sendo feito. Essa é a servidão desta velha natureza adâmica. Se somos cristãos, não somos mais desse jeito; estamos mortos para isso tudo. Estamos mortos para aquele velho ego, para aquela velha vida. Foi-nos dada uma nova natureza. Terminamos com o velho ego uma vez por todas. Agora estamos em Cristo. Temos uma nova vida e uma nova perspectiva. "As coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo" (2 Cor. 5:17).

Deixem-me, pois, expressar claramente este aspecto

desta maneira: não adianta dizermos que cremos que Cristo morreu por nós e que cremos que os nossos pecados foram perdoados, a não ser que também possamos dizer que para nós as coisas velhas já passaram e que tudo se fez novo; que a nossa perspectiva em relação ao mundo e a seu método de vida mudou inteiramente. Não é que estamos isentos de pecado, não é que somos perfeitos, mas que temos dado cabo daquele modo de viver. Nós o vemos pelo que ele é, e somos novas criaturas para as quais tudo se fez novo.

No entanto, eu posso imaginar alguém perguntando: "Você não acha que, na verdade, esta doutrina é perigosa? Não acha perigoso dizer às pessoas que elas estão mortas para o pecado, mortas para a lei, mortas para satanás, e que Deus as considera como se nunca tivessem pecado? O efeito disso não seria levar as pessoas a dizerem: "Tudo bem, em vista disso, não importa o que eu faço'?" Mas Paulo declara que só pode ser isso mesmo porque ser salvo e ser verdadeiramente cristão significa estar em Cristo e, se estamos em Cristo, estamos mortos para o pecado, mortos para satanás, mortos para o mundo, mortos para o nosso ego: somos semelhantes ao nosso Senhor.

Permitam-me dizê-lo positivamente: não só morremos com Cristo, ressuscitamos também com Ele: "De modo que fomos sepultados com ele pelo batismo na morte; para que, como Cristo ressuscitou dos mortos, pela glória do Pai, assim andemos nós também "em novidade de vida" (Rom. 6:4). Portanto, não diga numa reunião: "Sim, eu creio em Cristo, eu aceito o perdão" para depois recuar e voltar a viver exatamente como vivia antes. Nada disso! Vivemos em novidade de vida". Ressuscitamos com Cristo. Notem o modo lógico pelo qual ele expressa isto – ele diz: "...também considerai-vos como mortos para o pecado, mas vivos para Deus em Cristo Jesus nosso Senhor" (versículo 11). Pois antes não estávamos vivos para Deus, e sim mortos em ofensas e pecados.

Oh, sim, orávamos quando estávamos em dificuldade, talvez tivéssemos o costume de orar uma vez por dia, mas não estávamos vivos para Deus.

Todavia, quando passamos a estar vivos para Deus, significa que Ele está no centro das nossas vidas; Deus é uma viva realidade para nós. Deus não é apenas um termo, não é apenas uma agência mecânica para dispensar-nos bênçãos. Deus é uma pessoa a quem agora conhecemos. "A vida eterna é esta", como o nosso Senhor já nos fez lembrar: "Que te conheçam, a ti só, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste." Estamos vivos para Deus. Ele é real; Ele vive; temos comunhão com Ele. E quando oramos não apenas externamos alguns pensamentos e esperamos que eles nos façam bem; sabemos que estamos falando com Deus, que estamos em Sua presença e que Ele fala conosco. É uma comunhão viva.

Mais que isso, em Cristo não somente estamos vivos para Deus, tornamo-nos filhos de Deus. Ele é o Filho de Deus, e, por conseguinte, todos os que estão nEle são filhos de Deus. Recebemos Sua vida; a própria vida de Deus introduziu-se em nós e em nossas almas, e assim estamos vivendo uma espécie de vida completamente nova – uma vida real na presença do Deus vivo.

O dito de João é que o cristão é alguém que vai por este mundo sabendo que está "andando com Deus". É um passeio e tanto, um grande companheirismo! Você jornadeia pela vida, pelas trevas deste mundo, à luz da presença de Deus. É isso que significa ser cristão; odiar o pecado, o mal e tudo o que tende a separar-nos de Deus. Se por um momento você se apartasse e caísse, retornaria a Ele e Lhe confessaria o seu pecado, e sabemos que "ele é fiel e justo, para nos perdoar os pecados, e nos purificar de toda a injustiça" (1 João 1:9). Sim, mas isso não nos leva a pecar novamente: não, nós aprendemos a odiar isso, e odiamos a nós mesmos por termos olhado para isso em vez de sempre olharmos para Ele. Não queremos

o que é errado, porém antes queremos viver para Deus numa comunhão viva e amorosa, andando com Ele através desta vida, em meio a todas as tentações deste mundo e de todo o seu pecado e vergonha; mortos para o pecado com Ele; sepultados com Ele; ressuscitados e vivos com Ele; nEle; participando da Sua vida; cada um de nós um filho de Deus.

E a última coisa salientada é que não somente morremos com Cristo, mas também que, neste mesmo momento, estamos assentados com Ele nos lugares celestiais. Estamos distantes, estamos acima de todo principado, potestade e domínio, e sobre todo poder que se possa nomear, porque estar em Cristo significa que o que realmente diz respeito a Ele, diz respeito a nós. É isso que você é, diz o Novo Testamento.

Quando consideramos isso, penso que vemos que esta é obviamente a doutrina mais profunda que podemos contemplar. Haveria alguma coisa que seja mais animadora e mais enaltecedora do que saber que tudo isso é verdade a nosso respeito? É isso que Paulo está dizendo a estes romanos; é o que os outros escritores do Novo Testamento acentuam constantemente. Devemos parar de pensar em nós mesmos só em termos do perdão de pecados. Nunca devemos isolar isso e deixá-lo a si mesmo. O cristão é uno; sua vida é um todo, e é indivisível. Como a verdade é una, ele é uno, e é um com Cristo; e se ele é realmente cristão, todas estas coisas são necessariamente verdadeiras a respeito dele. É porque estas coisas são verdadeiras que Deus nos perdoa e nos considera justificados. Essa é a verdade a nosso respeito – a verdade completa, maravilhosa – que estou morto até para a lei de Deus. Agora não há condenação. Estou morto para o pecado, morto para satanás; estou realmente fora do território deles, totalmente fora do seu domínio. Estou vivo para Deus, sou Seu filho, um participante da natureza divina, e estou em viva amizade e comunhão com Deus. Essa é a doutrina, esse é o argumento.

Vejam porém a dedução: se tudo isso é verdade, como

podemos continuar no pecado? Por que havemos de sequer desejá-lo? O simples fato de o desejarmos deveria fazer-nos perguntar se afinal somos cristãos. É impossível, se isso é verdade quanto a nós, e se nos apercebemos disso. Daí Paulo expõe as suas grandes deduções no fim: "Mas graças a Deus que, tendo sido servos do pecado, obedecestes de coração à forma de doutrina a que fostes entregues. E libertados do pecado, fostes feitos servos (escravos) da justiça" (Rom. 6:17,18). Assim como você antes queria fazer aquela coisa, agora quer fazer esta outra. Como você era escravo daquilo, agora é escravo disto.

Então ele diz: "Falo como homem, pela fraqueza da vossa carne..." (versículo 19). Ele vai usar uma ilustração e se desculpa por fazê-lo. Diz ele: vocês me forçam a fazer isto porque são lentos para entender: "...pois que, assim como apresentastes os vossos membros para servirem à imundícia, e à maldade para a maldade, assim apresentai agora os vossos membros para servirem à justiça para santificação".

Noutras palavras, diz ele, devido a toda esta mudança em sua posição, tome todas as suas reais faculdades e os seus poderes, o seu entusiasmo, a sua alegria, a sua felicidade, tome todas as emoções que você costumava ter naquela velha vida e canalize-as nesta nova direção. Permita que eu o diga tão simplesmente como o faz o apóstolo, e até mais simplesmente, quase de maneira pueril. Se você quer saber se é cristão de verdade, conforme Romanos, capítulo 6, pode ver o ponto deste modo: você quer obter da sua vida cristã a mesma emoção que costumava obter daquela velha vida? Uma reunião de oração o emociona hoje tanto como o cinema o emocionava? Esse é o argumento. Os seus "membros", que usualmente eram dedicados a servir "à imundícia, e à maldade para a maldade", agora devem servir "à justiça para santificação".

Permita-me usar o jargão moderno – você curtia aquela velha vida, não curtia? Você está curtindo a sua vida cristã?

Você a acha excitante? Você a acha emocionante? Você a acha maravilhosa? Você se vê às vezes quase transbordar de alegria? Seu ser interior está borbulhante? Assim como você costumava falar, voltando para casa pelo metrô ou de ônibus, depois de ter assistido a um jogo ou por ter feito algo parecido, e você estava tão animado e entusiasmado, assim também você alguma vez fala com o mesmo entusiasmo sobre a Palavra de Deus, sobre o companheirismo com os santos, sobre a oração a Deus e sobre a contemplação da eternidade? Esse é o argumento – você era aquilo, você agora é isto. Como aquilo era verdade, assim agora isto tem que ser verdade. E, à medida que entendemos algo disso tudo, e começamos a aplicá-lo e a praticá-lo, o maravilhoso processo de santificação irá prosseguindo em nós.

Tenho lembrado a vocês, desde o início, que santificação é a pessoa ser separada para Deus. Significa que ela está sendo preparada para o céu, para a visão de Deus e para a glória eterna. Não há muito tempo a perder, meus amigos. Hoje estamos aqui, amanhã teremos partido. O fim de todas as coisas pode estar bem perto – eu não sei. Mas isto eu sei, que, se realmente creio que vou passar a minha eternidade com Ele, então, quanto mais depressa eu abandonar estas outras coisas, melhor. Elas me mantêm afastado dEle. Elas são diferentes dEle, e, se eu não sei o que é ter gozo de Deus aqui, nesta vida e neste mundo, parece-me que, para mim, o céu será o lugar mais aborrecedor que se pode imaginar: meu céu se tornará em inferno. Naturalmente, a verdade é que, nesse caso, eu nunca chegarei lá, porque nunca pertenci a Cristo. Examinemos a nós mesmos para assegurar-nos de que realmente cremos em Cristo e em Sua obra em nosso favor. Isso nos leva ao seguinte – morremos com Ele, ressuscitamos com Ele. Estamos vivos para Deus, somos filhos de Deus. Somos novas criaturas. Oh, amados cristãos, façamos com que o mundo todo saiba que isso é verdade a nosso respeito!

10

Cristo em Nós

"Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade."
– João 17:17

Vimos em nosso estudo anterior que nada promove tanto a santificação como a compreensão de que estamos em Cristo; a compreensão de que somos declarados justos por Deus, que estamos justificados e que Deus agora nos vê como estando em Cristo. Assim é que aqui estamos então, pessoas em Cristo encarando uma nova vida, a espécie de vida que Ele viveu, e agora compreendemos que fomos chamados para viver desse modo. João fala disso em sua Primeira Epístola nestes termos: "Qual ele é, somos nós também neste mundo" (1 João 4:17). Devemos seguir os passos de quem não está errado: "...nem na sua boca se achou engano. O qual, quando o injuriavam, não injuriava, e quando padecia não ameaçava, mas entregava-se àquele que julga justamente" (1 Ped. 2:22,23). É isso que significa ser santificado – devemos ser semelhantes a Ele. A santificação não é tanto uma experiência como ser semelhante a Ele; ser separado do mundo e do pecado; ser separado para Deus. Este é o processo geral do ensino; estando em Cristo, somos chamados para viver como Ele viveu neste mundo.

Mas depois, imaginem alguém dizendo neste ponto: "Como se pode fazer isso? Quem somos nós para sequer

tentar viver tal vida?" E isso nos leva ao próximo aspecto da verdade que devemos considerar, pois as Escrituras nos dizem claramente que não somos deixados entregues a nós mesmos. Deus não nos chama para uma vida impossível, ordenando que a vivamos, e depois deixando que nós mesmos o façamos de algum modo, de qualquer modo. Esse é um entendimento inteiramente falso do ensino escriturístico, pois aqui chegamos a esta próxima grande ênfase, a saber, que o cristão é alguém que foi regenerado. Todo o ensino ético das Escrituras baseia-se nessa pressuposição. Todos os apelos feitos nas Epístolas quanto à conduta e ao comportamento – e jamais nos devemos cansar de assinalar isto – são dirigidos a pessoas cristãs.

É coisa fatal esperar conduta cristã de pessoas não cristãs. A Bíblia nunca pede isso. A Bíblia sabe que o homem natural, o homem nascido com a natureza como ela é desde a queda de Adão, não tem a mínima possibilidade de viver tal vida. O objetivo geral da dádiva dos Dez Mandamentos sob a lei moral é, num sentido, provar isso. Como Paulo argumenta na Epístola aos Romanos, a lei foi acrescentada para que "pelo mandamento o pecado se fizesse excessivamente maligno" (Rom. 7:13). Deus não deu a lei aos filhos de Israel na esperança de que teriam a possibilidade de cumpri-la e com isso salvar-se. Isso era impossível. Não se podia fazer. "A inclinação da carne é inimizade contra Deus, pois não é sujeita à lei de Deus, nem, em verdade, o pode ser" (Rom. 8:7). Assim a lei foi dada a fim de, para usar uma frase popular, pôr os pingos nos *is* sobre o pecado, fazer com que nós conheçamos bem a nossa pecaminosidade; estabelecer a nossa culpa; mostrar-nos o nosso completo desamparo.

Além disso, se é impossível ao homem, como ele é por natureza, cumprir a lei moral dada por Deus mediante Moisés, quanto mais impossível é para qualquer homem, por seu próprio poder e força, viver a espécie de vida que o

Senhor Jesus Cristo viveu, ou viver o Sermão do Monte. É total e absolutamente impossível. Ao contrário, permitam-me dizê-lo de novo, todos os apelos morais e éticos do Novo Testamento sempre estão baseados na presunção de que as pessoas às quais são dirigidos são cristãs; que são regeneradas, que passaram pelo que se chama "novo nascimento".

Este é um grande e vital ensino. Poderíamos facilmente ocupar-nos por algum tempo disto, mas não me proponho a fazê-lo agora. Estou simplesmente identificando aqui os grandes princípios que podemos desenvolver por nós mesmos, e neste ponto estou só interessado na doutrina da regeneração ou do novo nascimento, pois ela tem este suporte muito prático no processo de santificação. Meu argumento é que é só quando sabemos que somos novos homens e mulheres em Cristo Jesus que realmente podemos ser santificados. Pois bem, esse é o tipo de terminologia que se vê tão livremente no Novo Testamento. É-nos dito que nos tornamos "participantes da natureza divina", de modo que, quando nos confrontamos com esta grande tarefa de seguir a Cristo, de viver neste mundo a espécie de vida que Ele viveu quando estive aqui, não temos escusa. Não devemos dizer: "Oh, mas quem sou eu? Sou tão fraco e tão frágil!" As Escrituras vêm logo e dizem: "Mas você nasceu de novo; você é uma nova criatura. Você foi criado de novo. Você é participante da natureza divina. Você não é simplesmente homem natural, há um novo homem em você". E é à luz disso que elas insistem em seu ensino sobre a santificação.

Sem entrar em detalhes, permitam-me sumariar o assunto desta maneira: o ensino das Escrituras é que há um novo princípio de vida em nós e que Deus, pela obra do Espírito Santo, implantou em nós este novo princípio. Não é algo substancial – nenhuma nova substância foi injetada em nós. Há porém, muito definidamente, um novo princípio em ação em nós, e este novo princípio leva a uma nova disposição,

e o seu efeito é que agora somos capacitados a fazer coisas que antes não éramos capazes de fazer.

Naturalmente, este princípio começa dando-nos uma visão inteiramente nova de tudo: "...se alguém está em Cristo, nova criatura é: as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo" (2 Cor. 5:17). Ou vejam como o nosso Senhor o expressou a Nicodemos na famosa entrevista registrada em João, capítulo 3. Nicodemos estava tentando entender e obviamente estava prestes a fazer toda uma série de perguntas que poderiam ajudá-lo a compreender o que o nosso Senhor estava dizendo. Mas Cristo o detém e diz: "Na verdade, na verdade te digo que aquele que não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus.... aquele que não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus. O que é nascido da carne é carne, e o que é nascido do Espírito é espírito" (João 3:3,5,6).

O nosso Senhor está dizendo: Nicodemos, você não deve tentar entender. Você precisa deste novo princípio, desta nova vida, deste novo poder, deste algo que precisa acontecer com você e que é comparável ao efeito do vento – "...ouves a sua voz; mas não sabes donde vem, nem para onde vai; assim é todo aquele que é nascido do Espírito" (versículo 8). É uma operação sobrenatural do Espírito de Deus na alma do homem, e o homem se vê diferente. É uma nova criatura, uma nova criação, e ele tem uma nova perspectiva e uma nova atitude para com todas as coisas.

Certamente é, pois, óbvio que isso é uma potentíssima influência no que se refere à nossa santificação porque, quando um homem nasce de novo, ele tem uma idéia inteiramente nova de Deus. O problema do homem natural é que a sua idéia de Deus é errônea. Ele está em inimizade contra Deus"; é um inimigo e um alienado, um estranho, em sua mente, diz Paulo. Ele está fora da "comunidade" de Israel, "sem Deus no mundo" (Ef. 2:12). Essa é a dificuldade

que há com o homem que não está em Cristo, ele odeia Deus. Mesmo quando alega que crê em Deus, realmente O odeia. Ele não conhece Deus, e suas idéias concernentes a Deus são todas erradas. O que o diabo fez ao homem foi insinuar uma falsa idéia de Deus, a qual persiste desde aquele tempo. Mas quando nos é dada esta nova natureza e quando o novo princípio entra, temos a idéia correta de Deus pela primeira vez; e, obviamente, nunca poderemos ser santificados, enquanto não acontecer isso conosco.

A seguir temos também uma nova idéia da lei de Deus. A lei de Deus já não é um peso para o cristão. "...os seus mandamentos não são pesados", diz João (1 João 5:3). Os cristãos amam a lei de Deus. Eles sabem que ela é reta e verdadeira. Eles não a têm a contragosto, porque agora toda a sua atitude está mudada. Esta é uma parte essencial da santificação deles. Anteriormente eles olhavam para a lei e a viam contra si. Eles desejavam que ela não existisse. Mas agora a amam; deleitam-se nela; desejam-na; querem conformar-se a ela. A situação toda mudou.

E da mesma maneira eles têm uma idéia inteiramente nova do pecado. Eles lamentam o fato de que ainda resta neles um princípio pecaminoso. Eles têm algum conhecimento da experiência de Romanos, capítulo 7. Você já esteve ali? Esteve em Romanos, capítulo 7? Sabe o que é odiar o pecado que há em você – este princípio, esta lei em seus membros? Já se sentiu desesperado acerca de si próprio? Já clamou, "Miserável homem que eu sou! Quem me livrará do corpo desta morte?" Os que nasceram de novo não podem evitá-lo; eles têm que conhecê-lo. O pecado se tornou repulsivo para eles – odioso – porque é diferente de Deus. O pecado é o maior inimigo das nossas almas.

De igual modo, claro, a idéia geral que o cristão tem de Cristo mudou, é nova. Somente aquele que nasceu de novo conhece verdadeiramente o Senhor Jesus Cristo. Os príncipes

deste mundo não O conhecem; foram eles que O crucificaram, diz Paulo. E o fizeram porque não conheceram o Senhor da glória; se O tivessem conhecido, jamais teriam feito isso. É somente o Espírito Santo que pode habilitar a pessoa a entender e conhecer verdadeiramente o Senhor Jesus Cristo. Por isso nunca devemos ficar surpresos ao vermos que pessoas muito capazes e inteligentes não crêem no evangelho. Não podem. "O homem natural não compreende as coisas do Espírito de Deus... e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente" (1 Cor. 2:14). Precisamos ter a "mente de Cristo", e, na regeneração, temos a mente de Cristo.

E assim, diz-nos o Novo Testamento, o cristão é inteiramente novo e inteiramente mudado, e tem fome e sede de justiça. Ora, no mínimo, a regeneração significa isso, e você não pode ser cristão sem que isso tenha acontecido com você. É isso que nos torna cristãos – que Deus pôs em ação esta poderosa operação em nós, e implantou em nós este novo princípio de vida. Assim como aquele outro princípio entrou em ação na Queda, assim este novo princípio entra agora em cena, e muda toda a nossa perspectiva. Todavia, devo deixar esta questão neste ponto e partir para o que é, num sentido, outro aspecto da mesma grande verdade.

Anteriormente estivemos acentuando o fato de que, como cristãos, estamos em Cristo. Desejo acentuar agora que é igualmente verdade que Cristo está em nós. Há dois lados nisto. Se lerem João, capítulos 14, 15 e 16 – a introdução, se lhes parece bem, desta grande oração – vocês notarão que o nosso Senhor segue dizendo: "Eu em vós, e vós em mim", "O Pai em mim, e eu no Pai". Essa é a linguagem. Estamos nEle e Ele está em nós, e esta ênfase, este aspecto da verdade, é tão vital na questão da nossa santificação como a outra verdade que salienta que nós estamos nEle.

Há grande ensino sobre isto em toda parte nas Escrituras.

Novamente lhes recomendo aqueles três capítulos de João; porém vocês verão o mesmo ensino ricamente em todas as Epístolas do Novo Testamento, e, em particular, talvez, nas Epístolas do apóstolo Paulo. Permitam-me citar para vocês, ao acaso, algumas das principais declarações. Em Romanos 8:10 ele o expressa desta maneira: e, "se Cristo está em vós, o corpo, na verdade, está morto por causa do pecado, mas o espírito vive por causa da justiça". Mas notem a afirmação – "se Cristo está em vós". O argumento de Paulo é que, se Ele não está em você, você não é cristão; mas, se você é cristão, Ele está em você.

Ou vejam 2 Coríntios 13:5: "Não sabeis, quanto a vós mesmos, que Jesus Cristo está em vós? Se não é que já estais reprovados". Que tremenda declaração! Há depois, naturalmente, a grande declaração registrada em Gálatas 2:20: "Vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim; e a vida que agora vivo na carne vivo-a na fé do Filho de Deus, o qual me amou, e se entregou a si mesmo por mim". Voltando a Efésios 3:17, Paulo ora pelos efésios: "Para que Cristo habite pela fé nos vossos corações". Ouçam-no a seguir naquela grande e triunfal declaração que se lê em Colossenses 1:27: "Aos quais", diz ele, "Deus quis fazer conhecer quais são as riquezas da glória deste mistério entre os gentios, que é Cristo em vós, esperança da glória". E também, na mesma Epístola, em 3:4, ele diz: "Quando Cristo, que é a nossa vida, se manifestar, então também vós vos manifestareis com ele em glória". Ele é a nossa vida agora, e vai Se manifestar.

Simplesmente tomei ao acaso algumas destas grandes declarações, porém vocês notam que todas elas se unem para dizer que, se somos cristãos, a verdade pura e simples é que Cristo está em nós. Não somente eu estou unido a Cristo indissoluvelmente e, portanto, sou participante de tudo quanto é verdade a respeito dEle, mas também Cristo está em mim. Ele Se dirigiu àqueles discípulos que estavam de

crista caída e de coração partido por lhes ter dito que logo ia deixá-los, e disse: não se inquietem, não deixem seu coração encher-se de tristeza. "Não se turbe o vosso coração; credes em Deus, crede também em mim" (João 14:1). Ele disse: saibam que para vocês é coisa boa que Eu Me vá. Como a situação é agora, estou com vocês, mas estou fora de vocês. Minha ida significará que não somente estarei com vocês, porém também que estarei *em* vocês: vou fazer Minha habitação em vocês. Eu e o Pai viremos fazer morada em vocês por meio do Espírito Santo. Vamos enviar o Espírito Santo, e nEle nós viremos e residiremos – faremos nossa residência, nossa habitação – dentro de vocês. "...vos convém que eu vá; porque, se eu não for, o Consolador não virá a vós; mas, se eu for, enviar-vo-lo-ei" (João 16:7). Esse é o argumento.

Povo cristão, acaso não é óbvio para todos nós que estamos vivendo muito, muito abaixo da posição a nós destinada? Vocês se dão conta de que Cristo está em vocês, que Cristo está no coração de vocês pela fé? Que é que pregamos?, pergunta Paulo, escrevendo aos colossenses, os quais, lembremos, eram gentios. Ele diz: este é o mistério, esta é a maravilhosa mensagem mística, a coisa espantosa que me foi confiada, a mim e aos outros pregadores do evangelho – "Cristo em vós, esperança da glória" (Col. 1:27). Que esperança tenho eu da glória? É que Cristo está em mim; Cristo habita nossos corações pela fé.

Fico a me perguntar se podemos apropriar-nos da linguagem do apóstolo Paulo, e se podemos dizer, sincera e verdadeiramente: "Vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim". Meus amigos, o Senhor Jesus Cristo veio ao mundo e suportou tudo o que suportou, e Se submeteu àquela agonia e ao opróbrio da cruz, a fim de que eu e vocês pudéssemos dizer isso. Por certo vocês notaram que estou tratando desta doutrina somente do ponto de vista da santificação. É uma doutrina que pode ser elaborada seguindo muitas outras

linhas, entretanto estamos interessados em particular na verdade que santifica – "Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade" – e aqui está um aspecto dela. "Como posso ter uma vida santa, uma vida santificada?", vocês perguntam. A resposta é: Cristo em vocês, vivendo Sua vida em vocês. Não permita que ninguém lhes diga que isto só é verdade acerca de certos cristãos especiais: é verdade a respeito de todos os cristãos. O apóstolo Paulo não diz isto somente sobre si próprio, ele insiste em dizê-lo sobre todos os demais cristãos. Sua oração pelos efésios é que eles sejam "corroborados com poder pelo seu Espírito no homem interior", "que Cristo habite pela fé em seus corações", etc.

Por conseguinte, ao examinarmos esta grande verdade, parece-me que a primeira coisa a que devemos agarrar-nos é o solene e simples fato de que, se afinal somos crentes no Senhor Jesus Cristo, nós estamos nEle e Ele está em nós. Isto significa que quando você se desperta pela manhã e considera a espécie de vida que se espera que viva, quando você se dá conta da pecaminosidade do mundo no qual você anda, quando conhece algo dos ataques do diabo, dos principados e potestades, dos príncipes das trevas deste mundo, da impiedade espiritual nos lugares celestiais que estão contra você, você tem que apanhar logo, contra tudo isso, o escudo da fé, pela qual você diz: "Sim, tudo isso é verdade, mas Cristo está em mim. Não estou só, porque Ele habita em mim". E você vive por essa fé, e vai em frente e vence e prevalece.

Agora permitam que eu divida um pouco isto, mostrando como funciona. Sugiro que a primeira coisa que precisamos fazer é compreender esta verdade. Notem como o nosso Senhor fala disso em João 6:53: "Se não comerdes a carne do Filho do homem, e não beberdes o seu sangue, não tereis vida em vós mesmos". No entanto, então Ele passa a dizer: "Quem come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna, e eu o ressuscitarei no último dia. Porque a

minha carne verdadeiramente é comida, e o meu sangue verdadeiramente é bebida" (versículos 54,55). Depois Ele repete tudo isso – "Quem come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em mim e eu nele. Assim como o Pai, que vive, me enviou, e eu vivo pelo Pai, assim, quem de mim se alimenta, também viverá por mim. Este é o pão que desceu do céu... quem comer deste pão viverá para sempre" (versículos 56-58).

O argumento é perfeitamente claro e simples. A necessidade que eu e vocês temos para podermos viver esta vida cristã santificada, santa, é de vida, energia e poder espiritual. Onde posso conseguir estas coisas? Diz-nos o nosso Senhor que só há um jeito: temos que "comer sua carne e beber seu sangue". Seria isso uma referência à participação regular na comunhão? Absolutamente não! "As palavras que eu vos disse", diz Ele no versículo 63, "são espírito e vida." Não, o que Ele quer dizer é que devemos compreender que Ele está em nós e que, por assim dizer, assim como participamos do nosso alimento e da nossa bebida, assim também devemos participar dEle espiritualmente. Ele está falando no sentido espiritual, não de algo material. Nenhuma graça pode ser infundida pela batismo, nem pode ser recebida no pão ou no vinho; a graça vem por uma participação espiritual dEle. As pessoas ali presentes Lhe perguntaram materialmente: "Como nos pode dar este a sua carne a comer?" – Como podemos comer Sua carne?

Vocês não entendem, diz Ele, vocês sempre materializam tudo; vocês são carnais em sua maneira de ver. Minhas palavras "são espírito e vida"; entendam-nas espiritualmente.

No versículo 57 do mesmo capítulo vê-se este ponto mais claramente. Diz Ele: "Assim como o Pai, que vive, me enviou, e eu vivo pelo Pai, assim, quem de mim se alimenta, também viverá por mim". Como foi que Ele participou do Pai? Comeu pão e bebeu vinho? Não, claro que não: Ele participou

do Seu Pai espiritualmente, e nós participamos dEle exatamente da mesma maneira.

Fazê-lo significa meditar nEle; pensar nEle; compreender estas verdades; mastigá-las, por assim dizer; demorar-nos nelas; assimilá-las; dizer pela fé: "Sim, eu creio na Sua palavra, Cristo está em mim, e eu vou participar dEle". Mas não somente isso. Não somente temos que viver por Ele no sentido que acabei de descrever; temos que buscá-lO constantemente e tomar da Sua plenitude. João fala disso no prólogo deste Evangelho, quando diz: "E todos nós recebemos também da sua plenitude, e graça por graça" (João 1:16). O que isto significa é: estou vivendo por Ele, vou ter com Ele para tudo. NEle estão tesouros que não têm fim, os tesouros da graça, da sabedoria e da bondade. Deus colocou tudo isso em Cristo, e tudo o que tenho que fazer é ir a Cristo e recebê-lo dEle.

Pois bem, este é um assunto muito prático. Vemos o nosso Senhor dizendo constantemente isso através deste Evangelho de João. Por exemplo, no capítulo 7:37 Ele brada: "Se alguém tem sede, venha a mim, e beba". E lembremo-nos de que nesta passagem "vir" tem o sentido "de continuar vindo", de modo que o que Ele diz é: "Se alguém tem sede, fique sempre vindo a Mim para beber". Sejamos bem práticos aqui; a coisa é simples assim: se nalguma ocasião, nalgum ponto da sua vida neste mundo, você estiver cansado, não só fisicamente, mas mentalmente, e, talvez ainda mais, espiritualmente, que fará você a respeito? Bem, Ele diz que vá ter com Ele! Ele está em você, habita em você. Vá ter com Ele como você iria a uma fonte ou a um chafariz para tirar água – vá a Cristo. Fale com Ele sobre a sua fraqueza, a sua letargia e o seu desamparo, peça-Lhe que lhe dê água vivificante, que lhe dê este pão celestial: que Se dê a você. Ele Se comprometeu a fazer isso, mas nós só teremos pessoal conhecimento disso quando compreendermos que Ele está em nós, e quando nos voltamos para Ele e O buscamos.

Praticamente Ele diz isso quando Se volta para os discípulos que estão atribulados por Ele os deixar, e diz: "Vocês se sentem tão infelizes pela fraqueza do seu pensamento. Vocês dizem: 'Sempre que tínhamos alguma dificuldade, simplesmente íamos direto a Ele, fazíamos a Ele uma pergunta, e Ele sempre pôde dar uma resposta. Ele nos deu poder para expulsar demônios e para falar ao povo, porém, se for embora, que faremos?'" Eis a Sua resposta: "Vai ser melhor, porque, embora Eu Me vá, voltarei e estarei *em* vocês: estarei sempre em vocês. Simplesmente se dirijam a Mim, e Eu lhes darei tudo aquilo que necessitarem". Portanto, temos que tomar "da sua plenitude". De fato, não estou indo longe demais quando o digo desta maneira: o Novo Testamento nos diz que não há escusa para fracasso do cristão. Se falharmos será porque não estamos tomando da Sua plenitude e da prometida graça por graça, ou "graça sobre graça", VA e ARA).

Permitam-me repetir isso de outra forma: temos que aperceber-nos da Sua força e do Seu poder. Ele já havia salientado isso no capítulo quinze. Em nossa relação com Ele, Ele nos comparou com os ramos da videira, e disse categoricamente: "Sem mim nada podeis fazer" (João 15:5). O ramo nada pode fazer, exceto por sua relação com o tronco, com a árvore paternal, e nós somos exatamente assim. Contudo, que poder há na árvore! Observem a oração de Paulo pelas pessoas de Éfeso, em Efésios, capítulo 1. Paulo ora no sentido de que, "...tendo iluminados os olhos do vosso entendimento, para que saibais...", e ele passa a pedir três coisas importantes. Aqui dou ênfase à terceira, que é: "E qual a sobreexcelente grandeza do seu poder sobre nós, os que cremos, segundo a operação da força do seu poder, que manifestou em Cristo, ressuscitando-o dos mortos" (versículos 19,20). *Esse* é o poder que está operando em nós como cristãos; esse é o poder que está operando em nós agora. O poder que ressuscitou Cristo

dos mortos está operando agora em nós extraordinariamente em nossa santificação. Ou consideremos também a grande doxologia do apóstolo Paulo no fim de Efésios, capítulo 3: "Ora, àquele que é poderoso para fazer tudo muito mais abundantemente além daquilo que pedimos ou pensamos, segundo o poder que em nós opera". Não só nos apóstolos, mas em *todos* os cristãos. Esse é o poder – "muito mais abundantemente além daquilo que pedimos ou pensamos". Ou então ouçamo-lo quando escreve aos colossenses. Diz ele que está pregando o evangelho: "Para isso é que eu também me afadigo, esforçando-me o mais possível, segundo a sua eficácia que opera eficientemente em mim" (Col. 1:29, ARA), o poder de Deus em Cristo, mediante o Espírito Santo.

É desse modo, então, que nos tornamos santificados e vivemos a vida santificada. Devemos parar de falar sobre a nossa fraqueza: temos que tomar mais do Seu poder! Temos que compreender que Cristo está em nós com todo este poder: que o poder que O capacitou a resistir às tentações do diabo é o poder que está em nós.

Finalmente, gostaria de expor o ponto desta maneira – e às vezes penso que este é o argumento mais eficaz de todos. A verdade sobre a habitação de Cristo em mim promove a minha santificação dando-me uma idéia inteiramente nova do pecado. Muitas vezes, quando as pessoas vêm discutir comigo este problema do pecado, vejo que sempre estão pensando no pecado em termos deste ou daquele pecado particular que as mantém prostradas. A doutrina que ora estamos examinando dá-nos uma nova idéia dele e faz com que o vejamos desta maneira: que é pecado? Bem, pecado não é tanto uma coisa que eu faço ou não faço: pecado é aquilo que me separa de Deus. Deus está em mim, habita em mim, e o propósito da minha vida é que seja uma vida de comunhão e de companheirismo com Ele. Pecado é permitir-me afastar-me dEle, ainda que por um só momento.

Imagine-se tendo uma audiência com a rainha ou com alguém que você considera importante neste mundo. Que diria ela se, em vez de olhar para ela e ouvir o que ela estava dizendo, você ficasse olhando para alguma outra pessoa ou olhando lá fora pela janela, patentemente pensando nalguma outra coisa? Ela se sentiria insultada, e com razão. O Novo Testamento me diz que Cristo está em mim, esperando-se que eu viva uma vida de constante companheirismo e comunhão com Ele. Pecado é olhar para longe dEle; estar interessado nalguma coisa que o mundo pode dar, e não nEle. Oh, se essa coisa é algo torpe, é dez vezes pior; mas o melhor que o mundo tem para dar-me é um insulto a Ele, se eu o colocar antes dEle.

Há infindáveis declarações desta verdade; Paulo a coloca em termos do Espírito Santo: "Não sabeis que o nosso corpo é o templo do Espírito Santo, que habita em vós?" (1 Cor. 6:19). A argumentação é sobre a fornicação e o adultério. Paulo não nos apresenta uma palestra moral sobre a imoralidade; praticamente ele diz: "O que está errado nisso é que você está juntando seu corpo, que é templo do Espírito Santo, a outro, e você não tem nenhum direito de fazer isso. A maneira de dominar esse pecado não é orar muito para que seja libertado dele; é dar-se conta de que o seu corpo é o templo do Espírito Santo, e que você não tem direito de usá-lo desse modo". Outra maneira de expressar isso é a seguinte, e é muito terna: "Não entristeçais o Espírito Santo de Deus" (Ef. 4:30). Ele é terno, é sensível, é santo; não O entristeçamos.

E se eu e vocês somente pensássemos em nossas vidas desse modo, isso logo, logo começaria a promover a nossa santificação. Permitam-me passar-lhes esta regra simples para cedo de manhã: quando acordar, a primeira coisa que você deve fazer (e eu também preciso fazer a mesma coisa) é dizer a si mesmo: "Eu sou filho de Deus. Cristo está em mim. Aquele velho eu se foi; eu morri com Cristo. "Vivo, não mais

eu, mas Cristo vive em mim." Tudo o que eu fizer hoje, tudo o que eu pensar e disser, deve ser feito à luz deste conhecimento". Meus amigos, mantenham Cristo no primeiro plano da sua mente e do seu coração. Comam Sua carne e bebam Seu sangue. Vivam constantemente nEle e habitem nEle. O mundo fará o máximo para os impedir. "Esta é a vitória que vence o mundo, a nossa fé" (1 João 5:4). Quer dizer que devemos conscientizar-nos constantemente de que Ele está em nós, habitando em nosso coração pela fé, e que tudo o que fazemos é feito como em Sua presença e sob os Seus santos olhos. Estamos em Cristo.

Sim, mas Cristo está igualmente em nós, e quando compreendermos isso, lançaremos fora a depressão e o medo do diabo. Perceberemos que não somente estamos vivendo como Ele, porém que estamos vivendo com Ele, por Ele, e que estamos vivendo por meio do Seu poder, que opera poderosamente em nós.

Que estupenda verdade é esta verdade pela qual Deus produz a nossa santificação!

11

A Doutrina da Ressurreição

"Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade." – João 17:17

"Não vos enganeis: as más conversações corrompem os bons costumes." – 1 Coríntios 15:33

Ao continuarmos nossa consideração deste grande versículo – "Pai, santifica-os na verdade" (ou, mediante a verdade); a tua palavra é a verdade" – gostaríamos de ligar a ela a declaração do extraordinário capítulo quinze da Primeira Epístola aos Coríntios: "Não vos enganeis: as más conversações corrompem os bons costumes" (1 Cor. 15:33). Noutras palavras, quero considerar com vocês a relevância da doutrina da ressurreição para a questão geral da nossa santificação, e me proponho fazê-lo considerando a mensagem essencial deste capítulo particular. Todos os aspectos da verdade cristã, todos os aspectos do evangelho, nos influenciam e dessa forma promovem a nossa santificação. Já examinamos algumas das doutrinas que fazem isso, e agora vamos considerar como a particular doutrina ou como a ênfase à realidade do fato da ressurreição tem vital suporte no crescimento na graça e no conhecimento em nossa santificação.

Pois bem, 1 Coríntios, capítulo 15, é geralmente considerado como o grande capítulo sobre a ressurreição, e claro

está que o é. Mas, ao que me parece, há sempre o perigo de que, se não formos bastante cuidadosos e não o considerarmos em seu contexto, não entendamos inteiramente seu objetivo e propósito. O contexto é sempre importante, e o é especialmente em relação a este capítulo particular, porque ele não é meramente uma exposição geral da doutrina da ressurreição. É isso, porém não o é primariamente. Ele nem mesmo foi escrito com esse propósito. O apóstolo não se sentou e disse: "Bem, agora, para mim seria uma boa coisa escrever às pessoas de Corinto tendo em vista esta doutrina e este vital fato da ressurreição". Não havia necessidade disso, pois Ele já havia feito isso em sua primeira visita a Corinto com sua grande mensagem.

Ele nos diz aqui o que lhes tinha pregado: "Porque primeiramente vos entreguei o que também recebi: que Cristo morreu por nossos pecados, segundo as Escrituras, e que foi sepultado, e que ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras, e que foi visto por Cefas, e depois pelos doze..." etc. Ele já havia pregado os fatos bem como a significação e o sentido dos fatos. Assim, neste ponto, ele não estava apenas se dispondo a escrever um relato ou a fazer uma declaração da doutrina da ressurreição.

Tampouco devemos considerar este grande capítulo, como receio que muitos tendem a fazer, meramente como um capítulo muito apropriado para ser lido num funeral. Provavelmente conhecemos bem este capítulo por essa razão. É costume fazer isso, e estou certo de que há um grande número de pessoas que instintivamente pensam nele só em termos de funerais – como algo cujo propósito é dar conforto e consolo aos parentes daquele que está sendo sepultado. Esse é o contexto no qual tendemos a colocá-lo, mas, como desejo mostrar a vocês, tudo isso é inteiramente errôneo. Este capítulo, na verdade a Epístola toda, foi escrita com um fim muito prático em vista.

A Primeira Epístola aos Coríntios não foi escrita primariamente como uma espécie de tratado teológico. Há muita teologia nela, como vou mostrar-lhes, mas, quando o apóstolo a redigiu, não pretendia escrever meramente uma série de declarações sobre doutrina. Não tencionava que viesse a ser uma espécie de compêndio de doutrina de todas as cartas que ele escreveu. Em muitos aspectos ela é a mais prática de todas as suas cartas. É uma daquelas grandes Epístolas de ampla gama na qual Paulo se ocupa de diversas questões, na maior parte enviadas a ele pelos membros da igreja em Corinto, ou surgiram de certas coisas de que ele tinha ficado sabendo sobre alguns dos cristãos de lá. Se alguma vez ele se assentou para escrever uma carta muito prática, uma carta pastoral, o apóstolo Paulo o fez quando escreveu esta.

Paulo tinha ficado muito preocupado com a vida dos membros da igreja de Corinto, e, em particular, estava preocupado com a conduta deles. Noutras palavras, ele estava preocupado com a santificação deles. Ali estavam acontecendo coisas completamente erradas. Havia, por exemplo, abusos no culto da Ceia, com alguns comendo demais e bebendo demais. Havia problema também sobre o irmão mais fraco, sobre carne oferecida a ídolos e sobre a questão geral de seitas, divisões e cisma. Pois bem, o apóstolo estava preocupado com estas questões, não somente do primário ponto de vista teológico, mas particularmente pelo efeito causado sobre a vida diária da igreja e sobre a vida dos seus membros.

E, exatamente da mesma maneira, ele estava preocupado com eles quanto à questão da ressurreição, porque certas pessoas lhes estavam ensinando uma falsa doutrina sobre ela. Elas diziam que isso não era fato e que não haveria nenhuma ressurreição geral, porém que a ressurreição era uma espécie de continuação espiritual da vida. Esvaziavam toda a idéia da ressurreição do nosso Senhor do seu verdadeiro sentido e

significado, e o apóstolo estava muito preocupado com isso. E por quê? Porque "as más conversações corrompem os bons costumes". Você não pode crer numa coisa errada e ainda ter uma vida correta, diz Paulo. A sua conduta é determinada por aquilo em que você crê, e assim as más conversações, os maus ensinos, as más crenças vão corromper a sua conduta. Ele pôde ver claramente que, se esse falso ensino concernente à ressurreição realmente cativasse estas pessoas em Corinto, toda a sua vida e conduta, toda a sua moralidade e todo o seu comportamento iriam deteriorar-se. Ele declara que, portanto, não há nada mais vital e mais urgente do que elas estarem certas sobre este particular assunto.

Permitam-me verter isso tudo para expressões modernas. Segundo o apóstolo Paulo nesta passagem, não há nada que seja tão perigoso como dizer que não importa muito o que a pessoa crê, contanto que de algum modo ela creia em Cristo, que você não particularize estas coisas e não insista em que se deve crer nisto ou naquilo, em detalhe, sobre estas grandes questões. Segundo o apóstolo, pouco falta para que esta seja a afirmação mais perigosa que se pode fazer. Para o apóstolo Paulo, isso é tão vitalmente importante que ele escreve este vigoroso capítulo a respeito disso.

É um capítulo importante por esta razão: as pessoas que estiveram ensinando essa falsa doutrina consideravam-se cristãs. Se elas tivessem ido à igreja de Corinto e tivessem dito que o cristianismo estava todo errado e que elas não criam em Cristo, ninguém lhes teria dado ouvidos. Todavia, não fizeram isso. Pretendiam ser cristãs; elas diziam que pregavam Cristo. Sim, mas negavam Sua ressurreição literal, física, e contudo se diziam cristãs. E os membros da igreja de Corinto que estiveram ouvindo esse falso ensino, e que estavam prontos a aceitá-lo, também eram membros de igreja, repito, e se consideravam cristãos. Nunca imaginaram, nem por um momento, que, ao crerem nessa falsa doutrina,

deixariam de agir como cristãos; eles até achavam que era um melhoramento da doutrina que Paulo lhes tinha ensinado.

Começamos, então, a ver o significado disso tudo. Atualmente há muitos na Igreja que querem fazer-nos acreditar que, contanto que o homem diga, "Sou cristão, creio em Cristo", tudo está bem, e você não lhe faça pergunta nenhuma. Não é essa a posição do apóstolo Paulo. Diz ele, com efeito: "Não é indiferente se Cristo realmente ressuscitou ou não no corpo na manhã do terceiro dia. Para mim", diz ele, "não é indiferente se Cristo continua vivendo meramente num sentido espiritual e nunca saiu realmente do sepulcro, e não apareceu nem mostrou-Se a Seus discípulos e a certas testemunhas escolhidas, ascendendo depois ao céu na presença deles. Para mim é absolutamente vital, e não se deve ter nenhuma dúvida disso".

Portanto, não é matéria de indiferença, não basta apenas dizer que, apesar de Cristo ter sido crucificado, continua vivendo e ainda pode influenciar-nos neste mundo num sentido espiritual. O evangelho do Novo Testamento, a mensagem da Igreja Cristã desde o princípio, é uma mensagem baseada na ressurreição literal, física do Filho de Deus do túmulo. Baseia-se no túmulo vazio, no fato histórico, literal, de Cristo ressurreto dos mortos no corpo.

E, como o apóstolo acentua aqui, isso é vital do ponto de vista prático. Sua importância emerge quando vemos o efeito da doutrina errônea em nossa vida e em nosso viver diário. Vocês notam o seu argumento? Diz ele: por que batizar pelos mortos?. "...se absolutamente os mortos não ressuscitam?... Por que estamos nós também a toda hora em perigo?" (versículos 29,30). Se eu arrisco a minha vida e a minha reputação nesta questão, como faço, diz Paulo, sou tolo, se a ressurreição não é um fato. "Eu protesto que cada dia morro gloriando-me em vós, irmãos, por Cristo Jesus nosso Senhor" (versículo 31). Ele morria diariamente pelo

evangelho, mas, diz ele, isso tudo é um erro, se essa outra doutrina é certa. "Se, como homem, combati em Éfeso contra as bestas, que me aproveita isso, se os mortos não ressuscitam? Comamos e bebamos, que amanhã morreremos" (versículo 32). Portanto, não haja nenhum engano sobre isto, diz o apóstolo. O que o homem crê importa, sim; o que o homem crê em detalhe realmente conta.

E isso é tão certo hoje como foi quando Paulo escreveu essas palavras. O que o homem crê vai finalmente determinar a sua vida. O homem leviano na doutrina eventualmente se torna leviano também em sua vida e em sua conduta. E não hesito em dizer que a Igreja de Deus na terra está como está hoje primariamente devido ao afrouxamento da fé na doutrina que se iniciou no século dezenove e continuou até ao presente. Não se pode separar estas coisas; a doutrina e a conduta estão interligadas indissoluvelmente. É por isso que o apóstolo escreve o capítulo ora em foco e luta como o faz pela verdade desta particular doutrina.

Vejamos, pois, por que tudo isso é verdade e como funciona. Por que devemos crer na doutrina neotestamentária da ressurreição literal e física? Darei a vocês algumas respostas a essa pergunta. A primeira é que essa doutrina é a cosia que, mais que qualquer outra, prova realmente que Jesus de Nazaré é o Filho eterno de Deus. Não quero concentrar-me nisto agora, pois estamos mais interessados nos aspectos práticos da carta. Contudo, entendamos bem isto. Ele foi "declarado Filho de Deus em poder, segundo o Espírito de santificação, pela ressurreição dos mortos" (Rom. 1:4). Foi a ressurreição que finalmente convenceu os discípulos, que até então estavam inseguros, em dúvida e céticos. Estavam abatidos e desanimados devido à morte na cruz. Foi quando souberam que Ele tinha ressuscitado que realmente souberam que Ele era o Filho de Deus. A ressurreição é a verdade suprema da deidade singular do Senhor Jesus Cristo. É a

certeza final do fato de que Ele é verdadeiramente o Filho unigênito de Deus.

E essa verdade, naturalmente, leva a isto: ela consubstancia a Sua afirmação de que tinha sido enviado ao mundo pelo Pai para realizar uma obra particular. Ele persistiu em dizer isso; é o grande tema de João, capítulo 17. Ele tinha sido enviado ao mundo pelo Pai para realizar uma certa obra, e aqui, pela ressurreição, Ele prova que realizou a referida obra, e a consumou. Paulo diz em Romanos: "O qual por nossos pecados foi entregue, e ressuscitou para nossa justificação" (Rom. 4:25). Se o Senhor Jesus Cristo não tivesse ressuscitado literal e fisicamente do túmulo, nunca poderíamos estar certos e seguros de que Ele realmente havia consumado a obra. E qual era a obra? Era satisfazer às exigências da lei. A lei de Deus exige que a punição pelo pecado seja a morte, e, se Ele morreu por nossos pecados, devemos não somente estar certos de que Ele morreu, mas também de que pôs termo à morte e de que a morte não mais existe. Ele respondeu perfeitamente às mais extremadas exigências de Deus. O argumento do Novo Testamento é que quando Deus ressuscitou Seu Filho dos mortos, estava proclamando a todo o mundo: Eu estou satisfeito com Ele; estou satisfeito com a obra que Ele realizou. Ele fez tudo. Cumpriu todas as exigências. Ei-lO aqui ressurreto – portanto, estou satisfeito com Ele.

Não somente isso. A ressurreição provou que Ele venceu todos os inimigos que eram opostos a Ele, a Deus e a nós. Ele não somente satisfez à lei e venceu a morte e o túmulo, mas também subjugou o diabo e todas as suas forças, e o inferno e todos os principados e poderes do mal. Ele triunfou sobre todos eles, e prova isso na ressurreição. O diabo não pode segurá-lO; a morte e o inferno não podem segurá-lO. Ele os dominou a todos; Ele emergiu do outro lado. Ele é o Filho de Deus, e completou a obra que o Pai O enviara para realizar.

E, naturalmente, tudo isso é de vital importância para nós. É somente à luz da ressurreição que eu tenho, de maneira final, certeza do perdão dos meus pecados. É somente à luz da ressurreição que eu sei suprema e finalmente que estou na presença de Deus absolvido da culpa, da vergonha e de toda condenação. Agora posso dizer com Paulo: "Portanto, agora nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus" (Rom. 8:1), porque contemplo o fato da ressurreição. É nela que eu fico sabendo disso.

Notem como Paulo argumenta em 1 Coríntios 15:17, quando diz: "Se Cristo não ressuscitou, é vã a vossa fé, e ainda permaneceis nos vossos pecados". Se não é fato que Cristo ressuscitou literalmente do túmulo, vocês ainda são culpados diante de Deus. A punição que vocês merecem ainda está pendente, os seus pecados não receberam o devido tratamento, vocês continuam em seus pecados. Vejam quanto isso importa: sem a ressurreição, não há como se firmar. Você continua inseguro quanto a se está perdoado e se é filho de Deus. E, quando um dia você estiver em seu leito de morte, você não saberá, estará incerto sobre para onde vai e sobre o que vai acontecer com você. "O qual por nossos pecados foi entregue, e ressuscitou para nossa justificação" (Rom. 4:25). É ali, na ressurreição, que me vejo diante de Deus, livre e absolvido e sem temor, e sei que de fato sou filho de Deus. Vocês vêem, então, a importância de se agarrarem a esta doutrina, e por que devemos insistir nos detalhes da doutrina, e não nos contentarmos com nenhuma crença vaga e geral no Senhor Jesus Cristo?

"Mas espere um minuto", posso imaginar alguém dizendo. "Sim, eu creio nisso tudo, porém o meu problema é: como devo viver neste mundo? Você me anuncia essa grande doutrina, mas eu continuo sendo confrontado pelo mundo, pela carne e pelo diabo, e como devo enfrentar isso? Meu problema é: como ser santificado, como tornar-me santo?

Como progredir na graça e no conhecimento de Deus, e seguir a Cristo como quero fazer?" Bem, a resposta a isso tudo é dada aqui, em 1 Coríntios 15:19 – "Se esperamos em Cristo só nesta vida, somos os mais miseráveis de todos os homens", juntamente com os outros versículos que já citei para vocês – os versículos 13, 32 e 33. Todas estas coisas têm um efeito muito prático em nossa vida neste mundo.

Permitam-me sumariar tudo isso. Se estamos preocupados com a nossa vida neste mundo, com a luta contra o mundo, a carne e o diabo, a primeira coisa que devemos fazer, diz o apóstolo, é ter uma visão panorâmica desta grande doutrina da ressurreição do nosso Senhor. O que é sempre importante é você não se contentar só em considerar os seus pecados pessoais, particulares. Estivemos dando muita ênfase a isso quando consideramos esta questão de santificação, e vimos que muitas pessoas são derrotadas por começarem por seu pecado particular – pela coisa que as mantém prostradas. E, naturalmente, não conseguem pôr-se longe disso: são mantidas cativas por esse pecado. Não, diz Paulo, a maneira de lidar até com esse problema particular é dar-lhe as costas por um momento e examinar a completa situação geral e ver-se como parte dela, neste mundo.

Segundo este ensino, o Senhor Jesus Cristo veio ao mundo devido a este problema do pecado e do mal: esse é o sentido geral da encarnação. Ele veio para combater o reino das trevas, o reino do pecado e de satanás. Esse foi todo o propósito da Sua vinda. Ele não só veio para fazer isso; teve êxito em fazê-lo. Ele foi tentado pelo diabo, e cada vez o repeliu; dominou-o. Ele derrotou e venceu o diabo e todos os seus poderes e todas as forças do Hades. E finalmente o fez em Sua morte e em Sua gloriosa ressurreição.

"Sim, tudo isso está muito bem", diz o nosso questionador, "mas, afinal de contas, quando olho ao meu redor não é o que me parece ver. Vejo pecado e tentação flagrantes,

desenfreados. Vejo os homens aplicados ao mal. Vejo guerra e ouço rumores de guerras. Está muito bem que você diga que Cristo venceu todos estes poderes, mas não vejo isso no mundo. Como é que tudo isso que você está dizendo vai realmente me ajudar?"

A resposta está aqui, nos versículos 23-25. "Mas cada um por sua ordem: Cristo as primícias, depois os que são de Cristo, na sua vinda. Depois virá o fim, quando tiver entregado o reino a Deus, ao Pai, e quando houver aniquilado todo o império, e toda potestade e força. Porque convém que reine até que haja posto a todos os inimigos debaixo de seus pés".

Significa que o Senhor Jesus Cristo ainda continua lutando. Quando esteve na terra, em Sua própria Pessoa Ele derrotou o inimigo em todos os pontos, e o desbaratou e o derrotou definitivamente na cruz e na ressurreição. Sim, mas agora, tendo ascendido ao céu, levou cativo o cativeiro, e está assentado à destra do trono e autoridade e poder de Deus. E que faz ali? Bem, de acordo com este ensino, Ele reina ali. Este mundo não saiu de Suas mãos. Continua sendo o mundo de Deus, e Cristo o continua governando, e reinando sobre ele. Toda a autoridade está em Suas mãos. Ele pôde abrir o Livro da história e o livro do destino. Somente Ele foi suficientemente forte para romper os selos e abrir o livro. Portanto, o que a ressurreição nos ensina é que Cristo ainda está ali, fazendo com que o Seu propósito seja cumprido.

Não entendemos tudo; não entendemos por que Ele não conduziu logo tudo ao fim, mas foi escolha Sua não fazê-lo. Ele escolheu salvar certo número de pessoas; a plenitude dos gentios e a plenitude de Israel têm que chegar. Entretanto isto é certo: tão certamente como Cristo ressuscitou triunfante do sepulcro, Ele está reinando neste momento, e reinará até ao dia do Seu retorno. O Senhor Jesus Cristo voltará a este mundo, e finalmente tomará o diabo e todas as suas forças

e os lançará no lago de fogo. O mal, o pecado e o erro, e tudo quanto se opõe a Deus, vão ser destruídos completamente, e Cristo devolverá a Seu Pai um reino perfeito. Isso é absolutamente certo: Ele deve reinar, Ele reinará, até que os Seus inimigos sejam postos sob os Seus pés.

Pois bem, é daí que devemos começar. A nossa tendência é deixar-nos apavorar pelo diabo, pela tentação, pelo poder do mal e por suas forças. "Ah", dizemos, "como pode um homem, um homem fraco, lutar contra tudo isso?" Olhe para longe de si mesmo por um momento, digo eu; contemple o porvir. Cristo está reinando; Ele governa, e finalmente vai desbara-tar os Seus inimigos e dar cabo de tudo isso. Esse é o quadro geral.

Deixem-me, porém, mostrar-lhes o argumento de maneira ligeiramente mais pessoal. Como eu aplico isso tudo ao meu próprio caso? Faço-o desta maneira: num sentido espiritual, já ressuscitei com Cristo: vimos isso em nossos estudos anteriores. Estou em Cristo e Cristo está em mim. Considero-me de fato morto para o pecado e vivo para Deus. Morri com Cristo; fui sepultado com Ele; ressuscitei com Ele. Como novo homem, estou em Cristo, e como novo homem em Cristo, eu ressuscitei; terminei com a morte. Tenho que morrer fisicamente, mas liquidei a condenação da morte, e o terror e o aguilhão da morte foram extraídos, no que me concerne. Já ressuscitei com Ele espiritualmente.

No entanto, desejo aqui dar ênfase a este outro aspecto. Já estou ressurreto com Ele espiritualmente, mas ainda vou ressuscitar com Ele no sentido literal e físico. "Porque, assim como todos morrem em Adão, assim também todos serão vivificados em Cristo. Mas cada um por sua ordem: Cristo as primícias, depois os que são de Cristo, na sua vinda..." (versículos 22,23), e depois todos os demais. A ressurreição de Cristo, e o fato da ressurreição de Cristo, é um seguro e absoluto anúncio e proclamação de que eu, vocês e todas as

pessoas igualmente ressurgiremos do túmulo no corpo. O apóstolo explica como tudo acontece no último trecho deste grande capítulo – leiam-no pessoalmente, está tudo ali. "Todos seremos transformados" (versículo 51). Não haverá carne e sangue. Ocorrerá uma mudança "num abrir e fechar de olhos". Mas todos vamos ressuscitar como o Senhor Jesus Cristo ressuscitou do sepulcro naquela terceira manhã. Haverá alguns restantes na terra quando o Senhor vier, e eles serão transformados; será a mesma coisa.

Contudo, que significa tudo isso? Permitam que eu o diga a vocês, e verão o significado disso no que se refere à nossa santificação e ao nosso viver diário. O que sei é que todos compareceremos ao tribunal de Cristo e prestaremos contas dos atos praticados no corpo, bons ou maus. E permitam-me lembrar-lhes, povo cristão, que isso é verdade a meu respeito e a respeito de vocês. Cada um de nós, cristãos, terá que comparecer perante aquele tribunal e prestar relatório. Mas agora vocês vêem a significação da doutrina da ressurreição: "As más conversações corrompem os bons costumes". O homem que se dá conta diariamente de que terá que postar-se diante de Cristo e prestar-Lhe contas é um homem que logo, logo vai dar atenção a seu modo de viver.

Compareceremos perante Ele, e não somente isso; lemos em 1 João 3:2 que "assim como (Ele) é o veremos". Que pensamento tremendo! Na terra passamos o nosso tempo lendo sobre Ele, pensando e meditando em coisas concernentes a Ele, porém então O veremos como Ele é. "Agora vemos por espelho em enigma, mas então veremos face a face" (1 Cor. 13:12). Vocês compreendem isso? É a ressurreição que o diz a vocês – Sua ressurreição, a ressurreição de vocês. Além disso, a frase anterior de 1 João 3:2 diz-nos que seremos semelhantes a Ele. Paulo diz aqui, em 1 Coríntios 15:53, que seremos incorruptíveis – "Porque convém que isto que é

corruptível se revista de incorruptibilidade" – e em Filipenses 3:21 ele nos diz que o Senhor voltará e "que transformará o nosso corpo abatido (o corpo da nossa humilhação), para ser conforme o seu corpo glorioso, segundo o seu eficaz poder de sujeitar também a si todas as coisas". Meu próprio corpo será transformado; serei incorruptível; serei glorificado; serei semelhante a Ele até no corpo. Que estonteante pensamento!

E depois, além disso tudo, estas Escrituras nos dizem que passaremos a nossa eternidade em Sua gloriosa presença. Estaremos com Ele – com Deus, com Cristo, com o Espírito Santo – com os espíritos dos justos aperfeiçoados e com os santos anjos. Sendo que ressuscitaremos, vamos passar a nossa eternidade naquela glória indescritível. É isso que as Escrituras nos dizem que é a significação e o sentido desta doutrina da ressurreição.

Que concluo eu então disso tudo? Quais as deduções que devemos tirar inevitavelmente disso tudo, se realmente cremos nisso? Bem, certamente a primeira é que, se isso é verdade, não temos nada com este mundo condenado. Se realmente cremos que este mundo é mau e que pertence a satanás, tenho que acreditar no apóstolo quando ele afirma que Cristo deve reinar até que ponha os Seus inimigos debaixo dos Seus pés. "Depois virá o fim, quando tiver entregado o reino a Deus, ao Pai, e quando houver aniquilado todo o império, e toda a potestade e força" (1 Cor. 15:24). A mensagem do Novo Testamento é que o mundo é controlado pelo diabo e pelo inferno. A mundaneidade é má – a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida. Tudo isso é mau; tudo isso está sob condenação. Vai ser destruído total e completamente. Se cremos nesta palavra, podemos continuar desejando isso? Será que continuamos querendo isso? Porventura consideramos estreito o evangelho, que nos exorta a dar as costas a

isso? Que interesse podemos ter nisso?

Meus diletos amigos, somos incoerentes, somos falsos, se dizemos uma coisa e fazemos outra. Estamos contradizendo a nossa própria doutrina. Se realmente cremos nesta mensagem, como poderíamos desejar o mundo, e como poderíamos ter gozo nele? Ele vai ser destruído, e, se pertencemos a ele, seremos destruídos com ele. "As más conversações corrompem os bons costumes." Os que realmente crêem na doutrina que estivemos estudando juntos não desejarão comprometer-se com esse mundo que está sob condenação, e com o mal e o pecado. Não entendo quando vejo pessoas que se dizem cristãs darem tanta importância à posição no mundo e à pompa e ao poder terrenos, a coisas que pertencem ao reino dos condenados, ao reino do mal. Não há nada disso no Novo Testamento. Somos todos um diante de Cristo, todos e cada um de nós. Seja o que for que sejamos por nascimento ou por posição, somos todos pecadores, estamos todos sob juízo, estamos todos condenados pela lei. Não temos nada com aquelas coisas mundanas e, se cremos nesta doutrina, temos que dar as costas a todas elas, sejam quais forem as conseqüências. Essa é a primeira dedução inevitável.

A próxima coisa que deduzo é que o que nos cabe fazer e o nosso dever é manter sempre os nossos olhos postos naquilo que é final e supremo. A metade dos nossos problemas deve-se ao fato de que nós não fazemos isso. Estamos sempre examinando este nosso pecado, esta coisa que hoje nos deixa abatidos. Mas devemos examinar o que é supremo e final. Devemos manter os olhos postos no eterno. "Porque a nossa leve e momentânea tribulação produz para nós um peso eterno de glória muito excelente; não atentando nós" – e só quando agimos assim – "nas coisas que se vêem mas nas que se não vêem..." (2 Cor. 4:17,18). Esse pecado abate você? Você tem orado pedindo que seja libertado dele e, contudo, continua a cometê-lo? Bem, permita-me

dar-lhe um breve conselho: pare de orar sobre isso; antes, lembre-se de que você vai morrer e que após a morte você vai ressuscitar dos mortos, e que estará diante do tribunal de Cristo, que você vai ter que olhar em Seu rosto – em Seus olhos – e que vai vê-lo "como (Ele) é". E depois, se você puder continuar fazendo aquela coisa particular, não entendo como pode agir assim. É desta forma que o Novo Testamento lhe diz que encare o seu pecado particular: simplesmente coloque isso à luz desta doutrina suprema. Procure cientificar-se de que você se diz cristão, de tudo o que isso significa e do que vai significar. Coloque tudo sob a luz disso.

Minha terceira dedução é que, tendo assim examinado o supremo e final, nunca devemos ficar desanimados. Oh, vou ainda mais longe – não temos nenhum direito de ficar desanimados. É pecado ficar desanimado. Cristão desanimado é contradição de termos; ele nega o seu Senhor. Não temos por que ficar desanimados porque não somos deixados a nós mesmos. Ei-lO ali, assentado à destra de Deus. Ele reina, e disse: "É-me dado todo o poder no céu e na terra" (Mat. 28:18). Vocês não conhecem, diz Paulo, escrevendo aos efésios, o poder que opera em vocês? É "a força do seu poder, que manifestou em Cristo, ressuscitando-o dos mortos" (Ef. 1:19,20). Vocês não têm direito de ficar desanimados. Ele, invisível, continua conosco, levando a efeito os Seus propósitos, formando o Seu reino, reunindo os Seus eleitos, pondo em ação tudo isso com vistas àquele fim supremo. Não somos deixados entregues a nós mesmos.

Há depois esta grande palavra com a qual Paulo termina 1 Coríntios, capítulo 15 – "Portanto, meus amados irmãos, sede firmes, e constantes, sempre abundantes na obra do Senhor, sabendo que o vosso trabalho não é vão no Senhor". Não pode ser vão, à luz deste fato supremo. Não importa muito o que os homens digam de você; o que importa é o que o

Senhor pensa. Os homens podem rir de você, podem ridicularizá-lo, podem rejeitá-lo, podem esquecer tudo de você, e, naturalmente, se você pensa em termos do tempo, isso é muito sério. Se você só pensa neste mundo, quanto maior louvor puder receber dos homens, melhor para você. Sobre gente assim o nosso Senhor disse: "Em verdade vos digo que já receberam o seu galardão" (Mat. 6:2). É o único galardão que eles vão receber – o louvor dos homens neste mundo passageiro, temporário. Mas, se você sabe que é filho de Deus e que vai estar diante dEle e vai vê-lO face a face, a única coisa que vai contar com relação a você é o que Ele pensa, não o que outros pensam, sejam estes quem forem. Não se desanime.

Faço então esta quarta dedução: que o mundo não pode separar-me de Deus e do Seu amor: "Porque estou certo de que, nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as potestades, nem o presente, nem o porvir, nem a altura, nem a profundidade, nem alguma outra criatura nos poderá separar do amor de Deus que está em Cristo Jesus nosso Senhor" (Rom. 8:38,39). Tenho me desesperado de mim mesmo mil vezes, e minha única esperança nessas ocasiões é que, embora eu não possa ver nada em mim mesmo, Ele me amou e morreu por mim, e nunca deixará que eu me aparte dEle. Estou certo disso.

Mas tiro também esta dedução: se tudo isso é verdade – e é – não tenho tempo a perder ou poupar. Vê-lO-ei como Ele é. Serei semelhante a Ele. Estarei diante do Seu tribunal. Tenho eu desperdiçado o tempo nestes dias e neste mundo? Os dias, as semanas, os meses e os anos vão escorrendo por entre os meus dedos. Estarei morto antes de saber onde estou. Não tenho um momento a perder. Se creio que vou para lá, é hora de eu começar a me preparar. Se você soubesse que iria ter uma audiência no Palácio de Buckingham dentro de uma semana, você se prepararia, não

é? Prepararia seu vestuário e sua aparência, e faria bem. Portanto, se você vai defrontar-se com o Rei dos reis e Senhor dos senhores e vai ter uma audiência com Ele, vai poder dispensar sequer um segundo? "E qualquer que tem esta esperança purifica-se a si mesmo, como também ele é puro" (1 João 3:3). Se você não quiser passar vergonha e se sentir um canalha quando se levantar e olhar para o Seu bendito rosto, e vir os sinais dos cravos e a ferida no Seu lado que Ele sofreu por você, prepare-se para vê-lO, prepare-se para encontrar-se com Ele.

Depois, acima e além de tudo mais, demoremo-nos na glória disso tudo. Aqui estamos nós ainda, neste mundo pecaminoso, e há muito desalento, e as pessoas podem entender-nos mal, e as coisas parecem vir contra nós. Meus amigos, não olhem para elas. "Não atentando nós nas coisas que se vêem mas nas que se não vêem; porque as que se vêem são temporais, e as que se não vêem são eternas" (2 Cor. 4:18). Oh, que o Espírito abra os nossos olhos! Se tão-somente pudéssemos ver algo destas coisas: as coisas "que Deus preparou para os que o amam" (1 Cor. 2:9). A visão de Deus! Estar com Cristo! A inefável pureza e santidade disso tudo: a alegria, o louvor e a glória! Nada de suspiros, de tristeza e de lágrimas, tudo isso deixado para trás: pura e imaculada glória, felicidade, alegria e paz. A ressurreição nos diz que, se pertencemos a Cristo, estamos indo para esse gozo.

Assim, pois, esta é a conclusão final: "Acordai para a justiça, e não pequeis" (1 Cor. 15:34, VA). O problema, diz Paulo, é que "alguns ainda não têm o conhecimento de Deus: digo-o para vergonha vossa". O real problema do homem que vive uma vida de pecado e que não é santificado é que lhe falta o conhecimento da doutrina. Esse é o seu problema: ele não conhece estas coisas. E se eu e vocês não estivermos mais determinados que nunca a "acordar para a

justiça" e a abandonar o pecado, então a única explicação é que não cremos na doutrina da ressurreição. E se não cremos nela, ainda estamos em nossos pecados e estamos destinados ao inferno, e que Deus tenha misericórdia de nós!

Mas então, para coroar tudo isso, no último versículo deste capítulo 15 Paulo emprega a palavra "Portanto". Esse é o argumento, vocês vêem a lógica – vocês não podem fugir dela. Não é só bela linguagem. Vocês têm ouvido pessoas alegrando-se num belo culto e dizendo: "Que maravilha, que beleza, que perfeição – o equilíbrio, a cadência e a melodia das palavras!" Contudo, não é isso que o apóstolo quer que você sinta. Ele quer que você diga isto: "Portanto" – "Portanto, meus amados irmãos, sede firmes e constantes". Digam os outros o que quiserem sobre você: fique firme em sua doutrina, seja homem, seja constante, "sempre abundantes na obra do Senhor". Em sua vida pessoal e em seu viver, em sua vida na igreja e por Ele, em sua conduta e em seu testemunho, na totalidade da sua vida – abundante! "Sabendo que o vosso trabalho não é vão no Senhor." A doutrina da ressurreição. Que estímulo para a nossa santificação!

Não permitamos que nada se interponha entre nós e toda esta extraordinária verdade que estivemos considerando juntos. Isso é vital. É vida. É tudo.

Amor tão admirável, divinal,
Requer minh' alma e vida, o meu tudo.
– Isaac Watts

Como podemos ter vida reta e santa num mundo caído e pecaminoso?

Continuando a sua aprofundada exploração da oração sacerdotal de Jesus em João, capítulo 17, o Dr. Lloyd-Jones nos mostra que quando Cristo morreu para nos salvar, morreu também para santificar-nos. O mesmo poder que ressuscitou Cristo dentre os mortos está em ação em nós, fazedo-nos santos desde o momento do nosso nascimento nEle.

Isso tem enormes implicações positivas para o dia a dia de todo cristão. Pois uma vez que descobrimos que a santificação não é tanto um processo como uma relação, vemos que de fato queremos levar vida de obediência a Deus e de comunhão com Ele.

Santificados mediante a Verdade é o terceiro de uma série de quatro volumes baseados em João, capítulo 17.